A obra dos Capitães e Missionarios Portuguezes nas terras do Ultramar

POR

Monsenhor GUSTAVO COUTO

Prelado Domestico de Sua Santidade
Socio do Instituto de Coimbra, da Associação dos Archeologos Portuguezes
e da Sociedade de Geographia de Lisboa
Antigo Missionario do Padroado, Antigo Parocho de Quelimane e Governador da Prelazia de Moçambique,
Antigo Prior de Salvaterra de Magos e de S.[to] Estevam de Lisboa, etc.

O producto liquido desta obra é destinado pelo auctor ao Collegio das Missões Religiosas Ultramarinas Portuguezas.

LISBOA
MCMXXVI

Ao Ex.mo Senhor Doutor Fernando Pizarro
com admiração pela sua culta intelligencia
e solida erudição

Lisboa X-XI-926

Offerece

Monsenhor Gustavo Couto

A obra dos Capitães e Missionarios Portuguezes nas terras do Ultramar

A obra dos Capitães e Missionarios Portuguezes nas terras do Ultramar

POR

Monsenhor GUSTAVO COUTO

Prelado Domestico de Sua Santidade
Socio do Instituto de Coimbra, da Associação dos Archeologos Portuguezes
e da Sociedade de Geographia de Lisboa
Antigo Missionario do Padroado, Antigo Parocho de Quelimane e Governador da Prelazia
de Moçambique, Antigo Prior de Salvaterra de Magos e de S.^{to} Estevam de Lisboa, etc

LISBOA
MCMXXVI

DO AUTOR

IV Centenario da Morte de Vasco da Gama (Monographia Historica) Lisboa, 1925

NO PRELO

Historia e Antiguidade da Egreja de Santo Estevam de Lisboa

EM PREPARAÇÃO

A Invenção da Cruz do martyrio do Apostolo São Thomé em Meliapor (Inquerito Historico Archeologico)

Imprimatur.

Olysipone 19 Maji 1926.

Canonicus Emmanuel Anaquim, V. G.

Aos Capitães e Missionarios Portuguezes mantenedores do Imperio Ultramarino

DEDICA

O Antigo Missionario
Monsenhor Gustavo Couto

CONFERENCIA PLENARIA REALISADA NA SALA ALGARVE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA EM 26 DE ABRIL DE 1926

AOS QUE LEREM

A verdade com sua força não somente vence as cousas, que o tempo com o seu decurso vai extinguindo e annulando; mas ainda triunfa do mesmo tempo.

HEITOR PINTO

Escrevi as paginas que seguem, com verdade de memorias fieis, sem que a pena ou affecto, alterasse o menor accidente.

Leis escriptas forçam vontades, não obrigam, porque as guardamos por mêdo. Exemplos illustres obrigam suavemente, e não forçam com rigores; e por isso os Scytas, com grande cuidado punham em memoria feitos gloriosos de varões illustres, a cuja imitação os môços criassem iguaes pensamentos, e para que lhe fossem mais presentes entalhavam suas memorias em columnas de bronze em que ficassem mais seguras do esquecimento.

O coração do homem muda o seu rosto ou seja em bem, ou seja em mal. Assim o dizem as Sagradas

Lettras. Assim o ensinam os philosophos. Assim nós o estamos continuamente observando.

Todos nós somos mais ou menos phisionomistas; todos com o uso do estudo comparado dos factos accrescentamos alguma cousa ao instincto de que nos dotou a natureza.

Admirando pois n'esse estudo a gloria immarcessivel d'aquelles que na conquista das terras e na dilatação da Fé, tanto se haviam distinguido, eu quiz compor em sua honra um Hymno; mas como a tarefa era demasiadamente grande só para mim, entendi que devia deixar aos outros mais competentes do que eu, alguns elementos, envoltos n'uma conferencia, para serem utilisados, (se alguma utilidade tiverem) na composição d'esse Hymno, que simbolisará a monumental obra da valorosa Espada e da radiosa Cruz.

Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, meu Venerando Prelado, informado de que a culta mentalidade portugueza, e tambem, a Imprensa, a verdadeira orientadora da opinião publica, haviam com obsequiosa expontaneidade, e como muito oportuna, aplaudido essa conferencia, mandou que a publicasse. Eu obedeci á auctorisada voz do Sabio e Virtuoso Pastor.

Lisboa, 8 de Maio de 1926.

MONSENHOR GUSTAVO COUTO

PATRIARCHADO DE LISBOA
VIGARARIA GERAL

Monsenhor
e Meu Presado Amigo

Tive o prazer de ouvir a excellente conferencia que V.^{sa} Rev.^{ma} fez na sala Algarve da Sociedade de Geographia, a convite da sua illustre Direcção, sob o thema: "A Obra dos Capitães e Missionarios Portuguezes nas terras do Ultramar", *e a impressão que me deixou o seu trabalho, por muitos títulos notavel e proficuo, pude sem temor de exaggero, e sem vislumbre de lisonja, a que não sou affeito, transmittir-lhe n'um abraço sincero e no pedido instante da publicação d'essa conferencia cheia de interesse e opportunidade, mormente para quantos desconhecem a epopeia dos nossos esforçados Capitães e dos nossos heroicos Missionarios, a quem devemos o vasto imperio ultramarino nos novos mundos, ainda hoje grande, apesar de reduzido.*

Essa impressão radicou-se no meu espirito de padre e portuguez, quando me foi dado ler com mais acurada attenção o seu valioso trabalho na integra, pois havia constatado na sua audição que varias amputações lhe fizera, com o receio de cansar o selecto e numeroso

auditorio que affluira á Sociedade de Geographia; e com prazer vi depois que maiores auctoridades e competencias no assumpto, corroboram a minha opinião, que nunca reputo inteiramente avisada.

N'uma hora cheia de incertezas para o nosso querido Portugal, e n'uma epocha de preconceitos, e de injustiças para com os maiores peoneiros da civilização e glorias portuguezas, é consolador rememorar os assignalados e arrojados feitos dos nossos maiores em plagas longinquas de continentes desconhecidos; e uma vez que muitos vivos não sabem mandar, porque julgam possivel fazer obra civilizadora divorciando a Cruz da Espada, é justo que os mortos mandem.

E creia o meu bom amigo, que, se o seu trabalho, tão cheio de vontade e insuspeita documentação, como de critica imparcial e esclarecida, conseguir que alguns dos nossos grandes mortos venham a mandar, maior compensação não poderá ter a acrisolada fé patriotica e religiosa que o inspirou, e estes são os meus votos muito sentidos.

Viver a obra de Affonso de Albuquerque e de Francisco Xavier, é herdar as pristinas e masculas qualidades da raça luza que foi capaz de fazer de Portugal uma das maiores potencias do mundo, é tornar possivel ainda hoje a ideia dum Portugal maior.

Lisboa, 10 de Maio de 1926

O Vigario Geral do Patriarchado

CONEGO MANUEL ANAQUIM

Affonso d'Albuquerque

A obra dos Capitães e Missionarios Portuguezes nas terras do Ultramar

SENHOR MINISTRO DAS COLONIAS,
GENERAL VIEIRA DA ROCHA

SENHOR PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA,
GENERAL GARCIA ROSADO

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A PENA dos auctores hostis á integridade do nosso dominio Ultramarino, correu sôlta, deprimindo e escarnecendo o ingente esforço dos portuguezes, que como nenhum outro povo souberam radicar n'esse dominio as excepcionaes qualidades do seu genio colonizador.

Tudo quanto essa pena affirmou e pintou está muito longe de justificar o desenho com que é moda pôr em duvida e negar factos alluindo a veracidade historica. Custa menos dar a tempera d'aço a um epigramma, do que ouvir a verdade. Mas hão-de ouvil-a. Trata-se da defeza da integridade dos nossos territorios de Além-Mar, e n'esta con-

formidade a patriotica prevídencia da Sociedade de Geographia de Lisbòa, honrou-me incluindo o meu modesto nome na lista das pessoas a quem se dirigiu, para que dissessem o que sabiam com referencia a essa magna questão, da qual depende a gloriosa continuidade da Epica Nação Portugueza.

A victoria dos que injustamente depreciam a nossa monumental obra, seria facil, se as provas e factos concretos não sobrassem contra estas asserções. Basta um ligeiro exame para o mostrar.

Não obstante eu conhecer a minha insufficiencia acceitei o honroso convite, pela firme persuasão de que a Patria acolhe estremecidamente, e sempre como bem vindo, o concurso, por mais insignificante que seja, de todos os portuguezes, na bemdita cruzada em prol da integridade do seu Imperio colonial. E n'esta ordem de ideias abrindo o Estatuto da Sociedade de Geographia, li com a devida attenção, quaes eram os meus direitos como socio e tambem quaes eram os meus deveres; e deparei logo no Artigo 2.°, entre os fins da Sociedade, o dever imperioso, que impunha a todos os socios, de proclamarem «a demonstração scientifica do lugar de Portugal na historia da Geographia, da Navegação e do Commercio, bem como a reivindicação dos seus direitos e da sua individualidade independente e soberana».

Portanto, encontro-me aqui para cumprir o meu dever. A benemerita Sociedade de Geographia, sabendo como o mais experimentado e avisado piloto, que por um dia tempestuoso, não podia, nem devia dormir somno tranquillo no alteroso galeão, que está a luctar com os elementos, e porventura com a morte, chamou ás fileiras, todos os seus associados, sem distincção de grandes e pequenos, e pelo que toca a mim, determinou o lugar que devia ocupar, e eu como qualquer sentinella, que está de guarda entendi, que

sem replica devia obedecer á voz de comando e bradar álerta levantando a minha voz. Conheço quanto ela é fraca; mas ás bordas de um precipicio mais vale ser advertido por uma fraca voz, do que por nenhuma.

No actual momento, nenhum problema se impõe naturalmente ao nosso espirito, como aquelle que tem por objecto a insolita audacia com que se pretende ferir a integridade do nosso Imperio colonial, que no dizer de todos, está hoje mais do que nunca fortemente ameaçado.

E' tempo de surgir do somno. E' urgente que todos nós esquecendo divergencias internas unamo-nos como irmãos e abraçados ao sagrado ideal do engrandecimento da Patria, indaguemos as causas e os remedios do presente inquietador estado, não para nos affligirmos, mas para affrontar com animo sereno o grande problema, que os adversarios ambiciosamente estudam, mas debalde tentam remover, porque não sabem ou não querem procurar sinceramente a verdade.

Um profundo pensador não querendo *à priori,* e sem o devido exame, dar o seu assentimento a uma errada conclusão que o adversario tirava de falsas premissas e lhe queria impôr, escreveu como refutação no começo do prefacio de um seu livro de philosophia o seguinte judicioso conceito: «Agora o que eu quero são os factos». Assim tambem neste Áreopago da culta mentalidade portugueza, eu principio a minha conferencia, que na falta de outro merecimento traduz a sinceridade de cooperar dedicada e patrioticamente nos trabalhos da missão que me é imposta. Esse pensador, ao qual eu me referi, exigiu intransigentemente os factos; e o adversario não podendo adduzir factos desistiu do seu impertinente e injusto proposito.

E' esta pouco mais ou menos a nossa situação perante os nossos adversarios, que não sabendo remover as traves

dos seus proprios olhos, pretendem extrair os argueiros dos nossos olhos — o que não quer dizer que estejamos completamente isentos de quaesquer defeitos, e quem os não tem? Sendo caso para repetir aquella memoravel sentença que Jesus Christo escreveu com o dedo na terra para confundir a malicia e hypocrisia dos Escribas e dos Phariseus dizendo-lhes «o que de vós outros está sem peccado, seja o primeiro que a apedreje». Sim, Jesus Christo escreveu uma unica vez durante a sua vida, mas escreveu o direito com linhas tortas, ao contrario do que nós estamos habituados a vêr muitas vezes: escreverem o tôrto com linhas direitas.

I

ACUSAM-NOS DIZENDO SEM RAZÃO:

1.º—Que os portuguezes não teem qualidades colonisadoras, que a moderna civilisação reclama, e

2.º—Que nas colonias portuguezas ainda hoje se faz o trafico da escravatura.

SÃO não só menos verdadeiras, mas injuriosamente offensivas estas duas affirmações sem base.

A falsidade das premissas produz sempre a falsidade da conclusão, que abandonada á paixão, já não tem o sentimento de dignidade, de justiça e de verdade.

A todos esses gratuitos adversarios, que a um tempo arvorando-se em accusadores e juizes e desprezando o basilar principio «audi alteram partem», «ouvi a outra parte», que somos nós, pretendem calcar aos pés os nossos seculares direitos, podemos de viseira erguida responder com a dialectica insophismavel de factos, que ambas as affirmações não teem fundamento.

Portugal não é uma aggregação de analphabetos, não, mas sim uma nação culta. A má fé e a força podem pretender detê-la e agrilhoa-la mas não a podem suffocar. Ha dois poderes mais fortes do que ellas: o direito e a verdade. As cadeias despedaçam-se, porque são dos homens; o direito não, porque é da natureza; a verdade ainda menos, porque é de Deus.

E quando se cala a impotente justiça dos homens, fala sempre a justiça de Deus, pelo menos nos remorsos da consciencia, e o aguilhão do remorso é o mais cruciante tormento que uma pessoa pode ter.

A historia nas suas duradouras paginas regista, que por um singular privilegio de quasi predestinação, a capacidade colonisadora se encontra, mercê de Deus, gravada na illustre fronte da raça portugueza, e que essa raça occupa a primazia de ser a mais humanitaria de todas as raças civilisadas, sendo ainda ela a primeira que decretou e pôz em pratica a completa abolição da escravatura nas suas colonias.

Firmados, portanto, n'este inexpugnavel pedestal, podemos replicar seja a quem fôr, que estamos habilitados para destruir com razões toda a sorte de capciosa e dolosa argumentação, venha ella d'onde vier, e que porventura traga atraz de si a ameaça do direito da força, para sem base juridica, se apossar do que não lhe pertence por titulo de especie alguma, e dizer-lhe alto e bom som que essa ameaça jámais intimidará aquelles que com a força do direito, couraçado pelo acendrado amor da Patria, saberão pugnar no campo da justiça pelos seus seculares titulos e direitos imprescriptiveis, paraphraseando a lapidar frase do Marquez de Pombal: «cada um em sua casa pode tanto, que, mesmo depois de morto, são precisos quatro para o tirarem».

Em 3 de Dezembro do ano findo de 1925, segundo diz

o «Times» foi assignado no «Foreign Office» com todas as cautelosas reservas em uso na diplomacia o documento historico, referente aos Pactos de Locarno. Não foi redigido em pergaminho como se fazia na antiga e tradiccional pragmatica; mas apenas impresso em bom papel, evidentemente para com facilidade ser amarfanhado como farrapo, segundo usa dizer-se modernamente e como já o disse o Chanceller Bethmann Holweg, quando a Inglaterra para honrar o compromisso tomado com a Belgica e a França, collocou-se ao lado dessas duas nações.

Esse documento tem de ser lido nas suas linhas e entrelinhas, não esquecendo tambem frisar attentamente que a quarta folha fica em branco, certamente para o que der e vier.

A declaração de Sir Austen Chamberlain, Ministro dos Estrangeiros da Gran-Bretanha, e o discurso pronunciado no Reichstag na manhã de 23 de Novembro do dito ano de 1925, pelo Chanceller da Republica Imperial da Allemanha e consignados no referido «Times», resam que Sir Chamberlain disse textualmente o seguinte: «A Allemanha passaria a ser elegivel para receber quaesquer mandatos, que possam ser criados» «That might be created» ou que venham a estar vagos». Mas o chanceller germanico com accentuada significação, e sem ambages, foi mais além e disse o que segue: «outras questões que dizem respeito á entrada da Allemanha foram resolvidas em Locarno, especialmente aquellas que derivam do MEMORANDUM que a Allemanha apresentou á Liga em Setembro de 1924.

Em Locarno conseguiu-se a promessa formal «the assurance had been secured» de que a Allemanha seria um membro permanente do Conselho da Liga, e que o seu direito á MANDATOS COLONIAES seria não somente reconhecido, mas tambem lhe seria dada pratica effectivação,

«and that her right to the colonial Mandates, should not only be recognised, *but* should be given practical effects».

Esse BUT ou MAS é uma conjunção disjunctiva e adversativa — como disjunctiva serve para desunir e separar v. gr. «eu quizera ir, MAS não posso» — como adversativa serve para denotar oposição ou contrariedade v. gr. «vestido vae o Gama ao uso Hispano, MAS franceza era a roupa que levava».

Perante essas cathegoricas affirmações, vindas de onde vieram, e fortemente inquietadoras, ninguem pode levar a mal que o velho Portugal, lembrando-se do proloquio «Quem se não sente, não é filho de bôa gente» e quasi que affeito a essas surprezas desagradaveis e inesperadas, e olhando com atenção ás suas muitas cicatrizes — já que o ferro que abre as feridas não tem memoria; mas tem-na o corpo que as recebe — e o corpo ferido tem o direitó de dizer Ai! chamasse pela voz trovão dos seus dilectos filhos mantenedores do grande patrimonio ultramarino, legitimamente herdado dos seus maiores, para virem aqui nesta conspicua Sociedade e na Imprensa, elucidar o Paiz com os seus conhecimentos adquiridos no grande Imperio Portuguez de Além-Mar.

Refiro-me com preito de homenagem aos nossos distinctos e benemeritos coloniaes presentes e ausentes, pleiade de fulgurantes estrellas da Patria, cuja grandeza, manda a justiça e pede o reconhecimento que o diga, é devida exclusivamente aos nobres triunfos de Suas Excellencias, qne reproduzindo-se em diversas arenas, causam agora, como sempre, viva satisfação aos respeitadores dos engenhos peregrinos d'esta terra — respeitadores em cujo côro tenho a honra de me confundir obscuramente.

O principio basilar de que a civilisação de povos atrazados, é a suprema lei das nações colonisadoras, é uma

arma de que sempre se tem servido a tyrannia dos poderosos para opprimir o fraco, é um estratagema de morte, que ainda não civilisou um só povo atrazado, e tem perdido muitos. Tenhamos todos bem presente, que em politica, como em diplomacia as injustiças produzem proselitysmo.

Maltratando um pae o seu odio redobra, e a este odio se junta o de todos os seus filhos, que estão em edade de sentir; maltratando um irmão, vae desafiar-se o odio dos irmãos; maltratando um amigo vae excitar-se o odio dos amigos. E o odio e a vingança são uma especie de herança; ou se alguma differença tem d'esta, consiste em que a herança só se transmitte por morte, e o odio e a vingança mesmo em vida se transmittem.

Vale a pena sermos injustos pisando aos pés os direitos inauferiveis dos outros?

Precisamente quando os animos estavam porventura exarcebados, a Gran-Bretanha, nossa primogenita alliada, pela bocca do seu Ministro dos Estrangeiros Sir Austen Chamberlain, em sua linguagem doce e breve «short and sweet» veio-nos trazer a boa nova de completa tranquillidade e de absoluta confiança referente á integridade do nosso Imperio Ultramarino, anunciando «que não havia uma unica palavra de verdade, nas recentes allegações da imprensa, com o fim de mostrar que a Gran-Bretanha tinha intenções, ou animara intenções de outros sobre as colonias portuguezas», anuncio confirmado textualmente pela carta do Embaixador da Gran-Bretanha em Lisboa, Sir Lancelot Carnegie, dirigida ao «Seculo» em 8 de Dezembro do ano findo — carta em a qual o illustre diplomata desmente cathegoricamente os insistentes boatos, que na imprensa estrangeira corriam, do accordo em que a Inglaterra figurava para a partilha das colonias portuguezas.

Tão illustres personagens não encareceriam n'estes ter-

mos as peremptorias declarações feitas em nome da Nação Ingleza, se ellas não fôssem absolutamente verdadeiras; e d'ahi cabe-nos o dever de registar, com viva satisfação, mais esta prova de inquebrantavel amizade, qne nos dá a nossa velha Alliada, confirmando assim, e multo bem, o adagio «Azeite, vinho e amigo, o mais antigo»,

Portugal e Inglaterra são os mais antigos alliados do mundo; mas qual foi o inicio que actuou poderosamente na construcção do inabalavel pedestal em que se assenta esta oito vezes secular alliança?

Diz-nos a historia, que a 21 de Outubro do ano de 1147, D. Afonso Henriques o 1.º Rei de Portugal, ajudado de uma armada de Cruzados, que tendo sahido de Inglaterra para a Terra Santa havia arribado ao Tejo, efectuou a conquista de Lisboa. Mais tarde a 6 de Abril de 1385, na edade de 28 anos, e estando na cidade de Coimbra era em acto das Côrtes eleito e aclamado decimo Rei de Portugal D. João I de Boa Memoria, concorrendo muito para esta acclamação o talento do insigne jurisconsulto João das Regras, com as efficazes razões que allegou, e em 2 de Fevereiro de 1385 (dia de Purificação de Nossa Senhora) recebia-se D. João I na Cidade do Porto com a Senhora Dona Fillipa, filha de D. João, Duque de Lencastre, filho d'El-Rei D. Duarte III da Inglaterra, tendo por occasião d'este fausto casamento, o Duque ajustado com seu genro Rei de Portugal um tratado de paz.

Como se vê Portugal pelo seu heroismo e pela sua ancestral grandeza, occupava na época em que foi assignado esse tratado, um lugar primacial no convivio da civilização europeia; e d'ahi a Nação Ingleza veio no pé igual fazer com a Nação Portugueza uma alliança ofensiva e defensiva nas mais amistosas condições. E para se avaliar, o que eram e o que valiam os portuguezes d'esse tempo, direi

que foi no tempo de D. João I em 1390, que a 28 de Maio se realisou aquelle grande feito d'armas dos Doze de Inglaterra, isto é, de doze esforçados cavalleiros portuguezes, que foram expressamente a Londres desaffrontar algumas Damas do Paço.

Tinham ellas sido offendidas por uns cavalleiros inglezes que entre outras cousas, as motejaram de muito feias e de pouco para serem amadas, accrescentando que nenhum cavaleiro, por força de armas, lhes ousaria contradizer isto.

Não se achando na sua côrte quem quizesse tomar o partido d'ellas, lembrou-se o Duque de Lencastre de escrever a D. João I seu genro, pedindo-lhe licença para que dôze cavalleiros portuguezes, com que contava, e a quem tanto elle como cada uma das Damas escreveram, pudessem ir á Inglaterra defende-las. Esses doze cavaleiros, que alegremente acceitaram o convite, e se bateram com a maior valentia ficando victoriosos, eram:

1.º Alvaro Gonçalves Coutinho, chamado o Magriço, irmão de D. Vasco Coutinho, primeiro conde de Marialva; 2.º Alvaro Vasques de Almada, que foi depois conde de Abranches em Normandia, e da ordem de Jarreteira em Inglaterra; 3.º seu sobrinho Alvaro de Almada, a quem chamavam por sua destreza, o Justador; 4.º Lopo Fernandes Pacheco, irmão de João Fernandes Pacheco, de quem descendem os duques de Escalona; 5.º Pedro Homem da Costa: 6.º João Pedro Agostim, sobrinho do Condestavel Santo; 7.º Luiz Gonçalves Malafaya; 8.º Ruy Gomes da Silva; 9.º Alvaro Mendes de Cerveira; 10.º Ruy Mendes de Cerveira; 11.º Soeiro da Costa; 12.º Martim Lopes de Azevedo.

Nomeados os doze por El-Rei (que mais que todos desejava ser um d'eles) partiram por mar para Inglaterra, juntos em um navio, e só o Magriço se resolveu a ir atra-

vessando por terra a Hespanha e França, dando palavra de que pontualmente estaria com os companheiros o mais tardar no dia da batalha, que já estava destinada para d'alli a dois mezes.

Chegaram os onze cavaleiros á côrte ingleza, e foram recebidos pelo Duque com singulares estimações, e pelas Damas com regalos e carinhos. Correram os dias, e amanhecendo o dia do prazo fatal (que n'aquelle ano caiu na primeira oitava do Espirito Santo) entraram na estacada de uma parte os doze inglezes, acompanhados de parentes e amigos, e todos vestidos de ricas galas, tremulando vistosas plumas, e ostentando eguaes o valor e o luzimento. Por outra parte entraram os onze portuguezes, lustrosos tambem e flamantes assistidos pelo Duque, que com grande numero de convidados os quiz acompanhar. Era innumeravel o concurso de todas as nações do norte. Assistia El-Rei de Inglaterra e toda a nobreza d'aquelle illustre reino. Assegurado o campo, partido o sol, e satisfeitas outras cerimonias, que então usavam em semelhantes actos, já esperavam os combatentes o sinal das trombetas, quando se viu (com grande alvoroço d'aquella immensa multidão) que pela parte dos portuguezes pretendia entrar na estacada um novo cavalleiro. Era este o Magriço, tão pontual e valente e admittido sem controversia pelos juizes, egualado o numero, e cheios os portuguezes de novos espiritos, se deu principio á batalha, primeiro com maços de ferro, depois á espada, sendo este o mais temivel e furioso combate, que se viu d'aquelle genero em muitos annos. Disputou-se ferozmente a victoria, até que se declarou por parte dos portuguezes, lançando da estacada aos contrarios, dos quaes sairam oito feridos gravemente. Os juizes lhe julgaram a palma.

El-Rei e o Duque os receberam nos braços, e honraram

com singulares demonstrações de estimação e liberalidade real.

As doze damas desempenharam agradecidas com prendas e favores a divida que confessavam a tão illustres, generosos e esforçados cavalleiros. D'elles voltaram nove a Portugal e trez ficaram n'aquellas partes, proseguindo no glorioso curso de memoraveis façanhas, com que adquiriram sobre grandes postos, immortal nome e gloriosa fama.

Se mais provas não houvessem para se aquilatar a bizarra fidalguia portugueza, bastava o que ficou dito; mas ha mais e melhor, ou seja um factor de incalculavel valor, em virtude do qual Portugal pode apresentar-se mais como crédor do que como devedor, perante a civilisação mundial do tempo passado, presente e futuro — é o tratado de casamento da Infanta portuguesa Dona Catharina, com Carlos II Rei de Inglaterra, assignado no Palacio de Whitehall em Londres a 23 de Junho de 1661 e ratificado a 28 de Agosto do dito anno entre Francisco de Mello, conde da Ponte, Membro dos Conselhos de Guerra, General de Artilharia na Provincia do Alemtejo, Embaixador Extraordinario de D. Afonso, por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, de aquém e de além mar em Africa, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Etyopia, Arabia, Persia e India etcetera, junto do Serenissimo Carlos II Rei da Gran-Bretanha de uma parte — e de outra parte o Illustrissimo Eduardo, Conde de Clarendon, Alto Chanceler de Inglaterra, George Duque de Albermarle, Mestre de Cerimonias da Casa Real e Capitão Geral dos Exercitos na Gran-Bretanha e Irlanda, Jacob, Duque de Ormond, Mordomo da Casa Real, Eduardo Nicolas e Guilherme Morices, Commendadores e Principaes Secretarios do Estado, Commissionados e Delegados da parte do Rei Carlos II.

Em virtude pois d'este tratado, e no anno de 1662, embarcou D. Catharina, já Rainha da Gran-Bretanha, n'uma Armada que El-Rei seu Esposo enviou a Lisboa para a conduzir. Estipulou-se no mesmo tratado entre outras cousas: que El-Rei de Portugal entregasse a cidade e fortaleza de Tanger e territorios a El-Rei da Gran-Bretanha, com tudo o que lhe pertencesse, depois de celebrado o casamento, concedendo-se aos soldados e moradores, ou a passagem livre para Portugal ou ficarem vivendo em Tanger com exercicio livre da Religião Catholica Apostolica Romana, e todos os bens que na dita cidade possuissem; que El-Rei de Portugal concedia a El-Rei da Gran-Bretanha a Ilha de Bombaim na India Oriental, com todas as suas pertenças e Senhorios, para ficarem d'aquelle porto mais promptas as suas armadas para soccorro das tropas de Portugal na India, ficando livres aos moradores, que não quizessem sair de suas casas o uso da Religião Catholica Apostolica Romana.

Portugal dava em dote á sua Infanta a Ilha de Bombaim com todos os seus pertences e Senhorios, christianisada e aportuguezada, que hoje devido á energia e perseverança da raça anglo-saxonica é a capital virtual do grande imperio indo-britanico, unica cidade cosmopolita, e porventura opulenta do mundo, que encerra no seu seio além de sumptuosos edificios, uma universidade, muitos collegios, hospitaes, museus, jardins botanicos e zoologicos, arsenaes, estaleiros, docas, e a maravilhosa estação central do grande caminho de ferro peninsular da India (G. I. P. Railway) em fim tudo o que caracterisa e constitue um grande centro de civilização.

O tratado diz mais que em consideração de tantas vantagens, que El-Rei da Gran-Bretanha recebia no casamento da Rainha promettia e declarava trazer sempre no intimo do

coração as conveniencias de Portugal e de todos os seus dominios e defende-los de seus inimigos com as maiores forças do seu Reino, assim por mar como por terra; que o mesmo Rei promettia egualmente assisttir a Portugal com dez navios de guerra, os de maior força e mais bem apparelhados da sua armada, todas as vezes que fôsse invadido de quaesquer nações, e que dado o caso que El-Rei de Portugal fôsse mais estreitamente apertado das armadas de seus inimigos todas as naus de El-Rei da Gran-Bretanha, que em qualquer tempo estivessem no Mediterraneo ou no porto de Tanger, teriam ordem para obedecerem a tudo o que El-Rei de Portugal lhes mandasse, assistindo nos portos onde fôssem necessarios para a sua ajuda e socorro: e em virtude das sobreditas concessões os herdeiros de El-Rei da Gran-Bretanha e seus sucessores, em tempo algum pediriam satisfação por estes soccorros; que além da faculdade, que El-Rei de Portugal tinha de alistar gente em Inglaterra, em virtude dos tratados passados, obrigava-se El-Rei da Gran-Bretanha, no caso que Lisboa, a cidade do Porto, ou outra qualquer Praça maritima fôsse sitiada ou apertada pelos castelhanos, ou outros quaesquer inimigos a dar soccorros convenientes de soldados e naus conforme os accidentes que sobreviessem e a necessidade de Portugal o pedisse etcetera.

Certamente nenhum tratado regista com tantos pormenores e tão explicitamente os compromissos que a Gran-Bretanha tomara, para em qualquer eventualidade defender a Nação Portugueza; e d'ahi o Marquez de Pombal nos seus despachos ao Ministro de Portugal em Londres de 4, 5 e 29 de Agosto de 1774, lhe fazia ver por ocasião da imminente guerra com Hespanha, em razão das hostilidades e usurpações dos hespanhoes ao Sul do Brazil, que a Gran-Bretanha, estava obrigada pelo tratado de alliança defen-

siva perpetua de 16 de Maio de 1703, a auxiliar-nos tanto no continente como nos nossos dominios.

Seguindo a mesma orientação e pelo artigo 2.º do tratado entre Portugal e a Gran-Bretanha de 26 de Novembro de 1793, confirma a Rainha D. Maria I a obrigação, que Portugal contrahira pelos tratados anteriores, de concorrer para a defeza reciproca, obrigando-se a fornecer como Potencia auxiliar e alliada de Sua Magestade Britannica, todos os soccorros que fôssem compativeis com a sua propria situação e segurança.

E a prova provada d'esse assunto, ficou indelevelmente marcada n'aquella memoravel acção que o heroico Portugal praticou em 1801, sujeitando-se a todas as amargas consequencias da guerra que a Côrte de Madrid e a França lhe declararam, por não ter querido o Principe Regente manifestar-se contra a Inglaterra, não adherindo nem cedendo francamente ao denominado Systema Continental inventado por Napoleão I, que pelo tratado de Fontainebleau assignado a 27 de Outubro de 1807 entre a França e Hespanha, tomou o partido de riscar Portugal da carta politica da Europa.

Está ainda na memoria de todos a gentileza rara, com que Portugal sempre franco e estructuralmente leal, provou á Inglaterra, que se associava á sua alegria, nomeando o General da Divisão, João Tavares de Almeida, então Governador Geral do Estado da India Portugueza, para em Delhi, antiga Capital de Grão Mogol, no dia 1.º de Janeiro de 1870, assistir e representar Portugal, como seu Embaixador Extraordidario na proclamação da Rainha Victoria como Imperatriz das Indias.

Não se deve obliterar tambem a grande prova de amizade que Portugal deu á Inglaterra quando foi da guerra Anglo-Boer em 1898, facilitando através do nosso territo-

rio da Beira (Africa Oriental) a marcha de tropas inglezas destinadas a essa guerra.

E como se tudo isto fôra pouco, Portugal recentemente cooperou desinteressada e lealmente, mandando os seus intrepidos capitães, e destemidos soldados, para ao lado da Inglaterra combaterem na primeira fileira, e acabarem de vez a conflagração da ultima medonha guerra europeia.

De tudo quanto ficou dito, conclue-se logicamente que em face do que reciprocamente está estipulado, a Inglaterra não só procurará impedir por todos os meios ao seu alcance, que alguem attente contra a integridade das colonias portuguezas, como não poderá ver com sympathia as ambições alheias, que visem essas mesmas colonias; tanto mais que, apezar do seu tradiccional orgulho, respeita muito a Nação Portugueza, que nem sabe da maior parte dos serviços que fez á civilisação; pois por todo esse mundo fóra, ainda hoje se encontram indeleveis vestigios da sua benemerita passagem.

Como, porém, contra a espectativa de todos, as cousas inesperadas sempre succedem, e das lições recebidas resulta que é preciso não raras vezes antecipar a experiencia e prevenir a amargura das decepções imprevistas evitando as difficuldades, porque depois de ellas criadas é difficil, e ás vezes impossivel, remedia-las — e bem disse o nosso Poeta «Nunca louvarei um capitão que diga não cuidei».

Em harmonia pois com esses ensinamentos corre-nos o imperioso dever de proclamar que nos seculos XV e XVI, e quando a navegação a vapor e o silvo da locomotiva, não convidavam aos chamados pioneiros da moderna civilisação a encurtando as distancias viajarem e jornadearem commodamente como se faz hoje no Sud-Express com Sleeping Cars, e nos transatlanticos com luxuosas cabines, os

portuguezes haviam atravessado por caminhos antes d'elles não conhecidos, quasi todo o mundo, e soffrendo trabalhos e desconfortos e penas e martyrios, edificado o seu imperio colonial implantando n'esse imperio as suas qualidades altamente humanitarias e scientificamente colonisadoras, como se podem verificar no genial plano posto em pratica pelo grande Albuquerque, conquistador, fundador e pae do Imperio que os portuguezes fundaram na India e imitado de fio a pavio em todas as suas minudencias dois seculos mais tarde pelos Hollandezes, Francezes e Inglezes, destacando-se entre os Francezes o Marquez de Dupleix e general Labordonnais, e entre os Inglezes os celebres Lord Clive e Warren Hastings fundadores do Imperio britannico na vasta peninsula Hindustanica, plano que ainda hoje, para a honra de Portugal, é seguido pelos governantes da India Ingleza, como sendo o symbolo da alta capacidade administrativa e colonisadora dos portuguezes — e para mais os inglezes convencidos de que na India, para ter o prestigio de mando era indispensavel ter o titulo honorifico de Vice-Rei, isto é governador de uma provincia com autoridade de Rei, tomaram para si esse titulo, não traduzindo literalmente em inglez, que se o fôsse daria Vice-King, mas anglicisaram, conservando-se a forma portugueza de Vice-Roy.

Conclue-se d'aqui, que aos portuguezes cabe a gloria de terem ensinado aos que appareceram depois d'elles os methodos de verdadeira colonisação — methodos que ninguem lhes pode contestar e ainda os mais cultos estrangeiros lhes reconhecem, confirmando assim a these, já hoje corrente entre as nações civilisadas, que a grandiosa obra portugueza dos seculos XV e XVI, não foi apenas uma resenha das suas conquistas, mas uma coordenação de energia superiormente orientada pela sciencia.

Oiçamos o seguinte insuspeito depoimento:

«Quando os povos da Europa começaram a quebrar o ferreo jugo da escravidão exigida pelos romanos, escreve o sabio e judicioso abbade Raynal na sua *Historia Philosophica e Politica* pag. 101 a 120, tomo I, o furor das cruzadas reuniu os tyrannos para sustentarem expedições extravagantes: tão grande era o seu empenho que chegaram a vender a seus vassallos os direitos que lhes haviam usurpado e que de novo os tornou á condição de homens livres.

«Assim, pelos cruzados scintillou na Europa a primeira faisca da liberdade; comtudo sem a descoberta de Vasco da Gama apagar-se-hia para sempre. Os turcos seguiam o caminho das nações ferozes, que vieram do Arctico subjugar os romanos, para a seu exemplo fazerem o mesmo a toda a Europa. Ás instituições barbaras que nos opprimiam succederia jugo mais pesado, se aos vencedores do Egypto não se oppuzesse a gente portugueza.

«Os thesouros da Asia asseguravam aos turcos os da Europa; senhores do commercio, formariam com elle poderosa marinha: com essa vantagem quem poderia obstar á sua entrada em nossas terras? Quem embaraçaria a marcha d'esse povo conquistador, pela natureza da sua politica e da sua religião? A Gran-Bretanha despedaçava-se pela liberdade; a França pelo interesse dos reis; a Allemanha pela utilidade do clero; a Italia pelas reciprocas pretensões da tyrania e da impostura; a Europa achava-se coberta de fanaticos em conflicto: assemelhava-se ao delirante, que, abrindo as veias, perde em seu furor o sangue e as forças

«Assim exhaurida, que resistencia opporia aos turcos? Que seria da liberdade? Morreria, se os portuguezes não embaraçassem o progresso do fanatismo mussulmano, fazendo-o parar na impetuosa carreira de suas conquistas, cortando-lhe o nervo das riquezas.

«Albuquerque debellou os turcos no Malabar, e destruiu

no mar Rôxo os portos, onde os arabes armavam esquadras, para disputar aos lusitanos o imperio do Oriente. — Colocado no centro das colonias portuguezas, reprimiu a licença e firmou a ordem em todas ellas, sempre activo, sabio, justo e desinteressado. —

«Que direito não teem á nossa admiração os seus illustres companheiros? Que nação tem havido, que fizesse tanto, com tão poucos meios? Consistia a sua força em quarenta mil homens: com elles fizeram tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes e todo o oriente de Ormuz, até ás fronteiras da China! Não tocava um a cada cem, no ataque das tropas inimigas, que em geral usavam armas eguais, na defeza da sua fortuna e da vida. Que homens! Que principios formaria uma nação de heroes?

«Aos lusitanos sucederam os hollandezes, que em pouco tempo foram substituidos pelos britannicos. Estas duas nações jámais tiveram a grandeza romanesca que tanto distinguiu os portuguezes. Esses mostraram sempre, em qualquer parte, a mesma elegancia e denôdo. Os habitantes da India, assombrados de respeito, cederam ao predominio d'esta nação singular».

A primeira accusação ficou completamente desfeita. Vamos agora encarar em todas as suas sinuosidades a segunda accusação.

*

* *

Haverá ainda nas colonias portuguezas o trafico da escravatura como por ahi se diz?

Respondo com a mais profunda convicção que não ha, pela simples razão de, Portugal desconhecendo por completo todos os horrores da escravatura, seguiu sempre

o principio fundamental da philosophia escholastica da primeira dignidade, «primae dignitatis», que diz: «ignoti nulla cupido», «não se deseja o que se desconhece».

Mas então onde e quando começou o trafico da escravatura?

Ouçamos: E' difficil precisar a epocha e o lugar onde teve o seu inicio. E todavia segundo as indicações mais ou menos certas presume-se que principiou logo depois de o globo terraqueo ser habitado pelos homens e continuou durante seculos em differentes regiões do mundo.

Nós lemos no Levitico, um dos cinco livros do Pentateuco, que Deus ordenou a Moysés que santificasse o anno do Senhor por ser o anno de jubileu e lhe disse: «Contarás tambem sete semanas de annos, isto é sete vezes sete, que fazem ao todo quarenta e nove annos; e depois o anno quinquagesimo consagrarás a Jehová. — Durante êsse ano os escravos serão livres e aquelles que tiverem vendido os seus bens, voltariam todos de novo á posse dos mesmos bens.»

Vê-se claramente que na lei mosaica, a primeira lei escripta do mundo, se refere aos escravos, os quaes durante o quinquagesimo anno, segundo a determinação de Deus, eram considerados livres.

Desde Moysés, até ha poucas dezenas de anos, haviam passado muitos seculos e a escravatura, contra as leis humanitarias, inspiradas por Deus, creador dos homens livres, era exercida com mais ou menos intensidade por muitos povos, e principalmente na Roma pagã, onde o escravo nada possuia. Na mão do Senhor estava sequestral-o. Não tinha esposa e filhos. Os seus amores eram casuaes, e o laço conjugal nunca os abençoava. As creanças nascidas no momentaneo ardor dos sentidos e da promiscuidade do ergastulo pertenciam ao dono da mãe como as crias dos

animaes. A sorte das mulheres ainda parece mais horrivel, e isto define tudo e nos revela todas as escabrosidades da mais rematada hediondez.

A todos os paizes da terra a dominadora Roma ia buscar os desventurados, que o destino condemnava ao ergastulo e á miseria servil, e mesmo aqui na Europa comprava e vendia os escravos, reputando o seu valor segundo o seu attractivo e segundo a sua patria — e essas compras e vendas se efectuavam na Gallia, na Sicilia, e até na Hespanha; mas não consta que esses dominadores do mundo tivessem comprado ou vendido um unico escravo em Portugal, que mercê de Deus está limpo d'essa mancha.

Sem religião, sem laços de familia, sem regra moral, sem costumes, vivendo para saciar o ventre, e morrendo para não sobreviver ás perdidas delicias do vicio, a Roma pagã ou a Babilonia do Tibre precipitou-se na dissolução final, e, na ferocidade do seu orgulho, os Imperadores recostados ás poltronas douradas e acompanhados de toda a côrte se divertiam no Colyseu e nos Circos na matança dos escravos, umas vezes como gladiadores, e outras vezes expondo-os ás garras aduncas dos leões soltados de proposito das jaulas, e ainda com impudente cynismo exigiam dos que iam morrer, que em voz alta e defronte da tribuna imperial dirigissem a seguinte lancinante saudação: «Ave, Cæsar, morituri te salutant». «Salve, Cesar, os que vão morrer te saudam». Deus creou tudo para o homem, e o homem para si. A escravatura, portanto, é uma revolta contra a ordem, contra os fins da creação, é um roubo feito á Divindade, um sacrilegio.

O direito que tem todo o homem á liberdade exclui o de escravisal-o. Aliás seguir-se-hia o absurdo de direito contra direito. A escravidão é um abuso de força, um attentado cruel e abominavel. Se se pudesse saber qual foi o

dia funesto em que se fez o primeiro escravo, esse dia deveria marcar-se como um dia de luto e de pranto para toda a humanidade.

Deus creou os homens á sua imagem, e como se atreveu o homem a dizer a outro: Tu és meu escravo? A escravidão é a maior desgraça a que o homem pode ser reduzido. A vida para ele é um barbaro supplicio, interrompido apenas por algumas horas de somno, se é que ele o pode ter tranquilo, ou se a Providencia lhe envia algum sonho consolador. Tinha um grande conhecimento do coração humano aquele que disse: «Não despertes o escravo que dorme, talvez ele sonhe que é livre».

Toda a abominação d'aquelle aviltante espectaculo social, exclama Chateaubriand, resalta da confrontação do texto lançado pelo jurisconsulto romano com a simplicidade de uma disposição vulgar! Varrão classificando os instrumentos em vocaes, semi-vocaes e mudos, diz que os primeiros são os escravos, os segundos as bestas e os ultimos as cousas inanimadas. «Non tam vilis quam nulus». Eis a definição legal do escravo. Menos desprezivel do que nullo! O envilecimento da especie humana não podia baixar mais!

Quando Vasco da Gama em 1497, dobrando o Cabo das Tormentas, no seu caminho maritimo para o descobrimento da India passou por Moçambique, Melinde, Mombaça e Quilôa, terras que mais tarde se sugeitaram á soberania portugueza, encontrou alli a escravatura exercida por mouros, escravatura que os portuguezes, com a sua alma crente e magnanima, sem olhar ao accidente da côr negra do escravo, suavisaram n'um plano quasi egualitario, certamente por se lembrarem não só do que Isaias no cap. 60.º proclamando o Nascimento do Senhor, disse a Jerusalem: «Uma inundação de recuas de camelos te cobrirá de dro-

medarios de Madian e de Epha; todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso e annunciando louvor ao Senhor», mas tambem do que diz S. Mateus no cap. 2.º «Tendo pois nascido Jesus em Belem de Judá, em tempo do Rei Herodes, eis que vieram do Oriente uns Magos a Jerusalem dizendo: Onde está o Rei dos Judeus que é nascido? Porque nós vimos no Oriente a sua estrella e viemos adoral-o... E entrando em casa acharam o Menino com a sua Mãe, e prostrando-se o adoraram, e abrindo os seus cofres Lhe fizeram as suas offertas de ouro, incenso e myrrha».

Ora referindo-se os Livros Santos a uns Magos, que montados nos seus dromedarios e guiados por uma estrella se dirigiram até ao albergue de Belem para adorar o Menino Jesus, e que segundo a antiquissima tradição se chamavam Gaspar, Melchior e Balthazar, sendo Gaspar preto, e o que ofereceu-Lhe, conforme o uso da sua patria, como paréas ou presentes de vassallagem, o ouro, a mais rica producção do seu paiz em reconhecimento da realeza — e sendo quasi certo, no dizer dos sabios, que o ouro é produção typica da região dos jazigos auriferos de Ophir, que pela nossa Zambezia, estendendo-se por Monómotapa vae até Zimbabué, onde se encontram as celebres ruinas, hoje pertencentes á Rhodesia, ruinas cuja identificação historica os investigadores e archeologos na sua documentada bibliographia, quasi que determinam, pela antiquissima e singular architectura d'essas ruinas, serem as ruinas do Palacio ou da capital dos dominios da rainha Sabá, que saindo das suas terras auriferas foi até Jerusalem para admirar a sabedoria de Salomão. — E se na realidade assim fôr, e ainda porque as pesquizas scientificas são concordes em afirmar que a região de Ophir, não é outra, senão a região de Monómotapa, não será admissivel a hypotese de que por ventura o Rei Gaspar, de côr preta, tivesse tambem rei-

nado n'essas terras auriferas de Ophir, levando comsigo a valiosa offerenda de ouro, e que depois de, com o rosto sobre a terra (segundo era então uso no Oriente adorar os deuses e senhores), depoz aos pés do Menino Jesus?

Portugal não sendo, como nunca foi, uma nação escravisadora, manteve temporiamente nas suas colonias africanas e principalmente na Provincia de Moçambique a escravatura alli encontrada, mas subordinou-a logo aos principios altamente humanitarios; e d'ahi essas modelares fazendas agricolas espalhdas por toda a Provincia e principalmente na Zambezia, onde se vê não só em modelares fazendas como Chuabo-Dembe, pertencente a Dulio Ribeiro, mas ainda nas florescentes Companhias Agricolas, como a Companhia do Boror e outras, o cunho admiravel do genio portuguez, que continua a contribuir para a prosperidade de Moçambique.

Mas quaes foram as bases sobre as quaes, com o braço do chamado escravo, se fez a grandeza da administração colonial em Moçambique?

A primeira e principal base foi a christianisação, pois todos esses nominalmente senhores, e no fundo amigos do prêto, antes de tudo mandavam pelos missionarios baptisar os escravos — e o baptismo, segundo a ideologia do prêto, mas que não deixa de ter a sua consoladora significação, é o synonimo de christão, portuguez e senhor, em virtude do qual o prêto se considera agraciado com o nobilissimo titulo de MUZUNGO.

E não fique sem menção o facto de o prêto chamar Muzungo, e por antonomasia, sómente aos portuguezes e não aos individuos de outra nacionalidade.

A segunda base, foi fundar nas fazendas agricolas uma especie de escolas de artes e officios, onde os prêtos pudessem aprender os misteres necessarios para a vida pra-

tica do honrado e honesto trabalho — assim pois em cada uma das fazendas, havia verdadeiras escolas d'onde sahiam agricultores, carpinteiros, pedreiros, mainatos ou lavandeiros, criados de servir, cozinheiros, doceiros, curandeiros, que se apelidavam de cirurgiões, julgadores que decidiam os litigios ou *milandos* cafreaes, e finalmente ourives, cujos trabalhos de filigrana, ainda hoje são admirados na Europa.

Foi esta a escravatura que os portuguezes fizeram, no tempo em que todos os paizes civillizados mantinham a escravatura nas suas colonias; mas mesmo esta escravatura, os portuguezes com a maxima liberalidade e christã egualdade, aboliram-na completamente, muito antes de outras nações se terem lembrado d'esse humanitario dever, dando ao prêto os fóros de cidadão portuguez. Pois não obstante tudo isto, no ano de 1867, reuniu-se em Paris uma assembleia internacional composta das quatro associações abolicionistas de Inglaterra, França, Hespanha e Estados Unidos da America, para promover a completa abolição da escravidão.

Usaram da palavra muitos oradores notaveis, destacando-se os Senhores Agostinho Cochin, Reverendo George Knox, Labaulay, Principe Alberto de Broglie, General Dubois, Doutor Massi e o celebre prêto liberto Sella Martin.

E depois de saudarem com o maximo respeito a memoria de Abraham Lincoln, por ter dado liberdade a quatro milhões de escravos na Republica dos Estados Unidos da America, e agradecerem aos audazes viajantes que exploraram a Africa, aos zelosos missionarios que evangelisaram, aos corajosos marinheiros que vigiaram as costas e especialmente aos orgãos da imprensa de todos os paizes — lançaram finalmente sobre Portugal o infamante labéo de,

sendo nação catholica, possuir nas suas colonias infelizes escravos, mantendo em toda a linha, o trafico da escravatura e que não tinha pressa em libertal-os, imitando as nações pagãs e mussulmanas mil e oitocentos anos depois de Jesus Christo.

Esqueceram-se esses oradores, que pelo Decreto com força de lei de 10 de Dezembro de 1836, ou seja 31 annos antes do congresso abolicionista da escravidão reunido em Paris, e pelo Decreto de 14 de Dezembro de 1854, e leis de 3 e 25 de Junho de 1856, foi completamente abolido o infame trafico da escravatura em todos os dominios portuguezes. — E que ao mesmo tempo que na assembleia de Paris se declamava contra Portugal, os governadores das nossas provincias Ultramarinas tiveram de restituir navios francezes apprehendidos pelos navios portuguezes, por transportarem prêtos arrancados á força dos seus dominios em Moçambique para irem servir nas possessões do imperio francez, com o titulo ficticio de trabalhadores livres.

E quem não se lembra do aprisionamento, ordenado pelo então Governador Geral de Moçambique, o honrado portuguez, Coronel João Tavares de Almeida, na bahia de Conducia, no dia 15 de Setembro de 1854 da barca *Charles & Georges,* sob a impugnação de se ocupar no commercio clandestino de escravos? Quando segundo a nossa legislação e tratados, faziamos boa preza de um navio francez, que se occupava no trafico de escravos nos portos portuguezes, a França opprimia-nos pelo acto legal e humanitario que praticavamos e sanccionava com a arbitrariedade um acto comprovado de escravatura, que praticavam os traficantes da sua nação.

Quem não se lembra da bofetada que a França nos deu vindo buscar armada ao Tejo o negreiro apresado em Africa e que fez chorar afflicto o joven, mas o mais sabio e

justo Rei que porventura se sentara no throno portuguez e ainda hoje saudosamente lembrado D. Pedro V?

Como então, agora tambem accusam sem provas a nobre e generosa Nação Portugueza, e ella com factos na mão responde e transforma os accusadores em réus confessos, definindo assim a sua orientação fundamentalmente justiceira.

Para se aferir o que vale a Nação Portugueza, é necessario vel-a pezada na balança, e como o fiel d'essa balança accusa menos o pezo das suas faltas e mais o pezo das suas benemerencias em favor da civilisação e da humanidade, a ninguem é licito desvalorisar essas benemerencias, a não ser que seja um useiro e vezeiro calumniador ou ingrato; e porisso seria de alta vantagem que exemplos d'estes fôssem divulgados no Estrangeiro para ficarem sabendo o interesse e a forma sincera com que assumptos d'esta ordem foram sempre tratados em Portugal, muitos anos antes que nos outros paizes se pensasse n'elles.

S. Francisco Xavier
Apostolo, Defensor, e Patrono das Indias

II

TENDO relatado em substancia os principais argumentos em virtude dos quaes as duas já referidas accusações ficam prejudicadas como improvaveis e destituidas de base; cumpre-me constatar tambem com a dialectica dos factos a benefica e imprescindivel influencia das missões catholicas no nosso grande imperio de Alem-Mar.

Não é minha intenção deter-me muito n'esta parte, que esmalta e enaltece a historia d'esta abençoada Patria, e d'ahi tocarei apenas em alguns pontos principaes, evocando assim o glorioso passado, afim de que não falte mais este luminoso traço ao modesto quadro que estou fazendo.

A epopeia portugueza não tem par, é egual somente a si mesma, e toda ella foi escripta com a ponta da espada e com a haste da cruz — e para mais com a tinta inalteravel do sangue do martyrio de intrepidos soldados e de fervorosos missionarios.

Reportando ás scintillantes paginas da nossa historia vêmos desde a fundação da Nacionalidade portugueza, efectivada pelo valor dos seus soldados, que em campo de

Ourique cortaram os brios e a vida aos soldados de Ismar, rei de Badajoz, constituindo Portugal em Nação livre e independente, até aos nossos dias, nós encontramos as entidades — o soldado e o padre — em amplexo fraternal, cultivando ambos, como factores indispensaveis, o engrandecimento da Patria, consubstanciado com o engrandecimento da Religião, que foi sempre o seu ideal soberanamente grande, o que indica que ha, com effeito, uma alliança intima entre a milicia e a religião. Esta alliança nasce ainda da reciprocidade dos beneficios: a religião deve ao soldado e o soldado deve á religião. A historia apresenta-nos, como eminentemente religiosos, os nossos maiores capitães.

E de facto, que objecto ha tão importante e tão necessario como a religião?

Sem ela não ha verdadeira moral, nem verdadeira liberdade, nem sociedade possivel. A acção das leis pára na superficie do homem; a religião penetra-o e apodera-se-lhe do coração. Nenhuma combinação politica, nenhuma forma governativa podem passar sem ella, educação nenhuma, esforços nenhuns humanos, podem supprir sua falta. Os vicios crescem, os crimes se multiplicam, se os seus laços se relaxam, tudo é desordem, confusão e anarchia se elles se quebram.

E tanto isto é verdade, que não fique sem menção o que segue:

Dos incredulos de todos os tempos, é sem duvida Diderot um dos que mais implacavel odio manifestou contra a Egreja. O seguinte episodio mostrará o respeito profundo que teve pelo catholicismo, e o valor extraordinario que lhe attribuia. O seu testemunho é eloquente e sincero.

Conta M. Beausée, membro da Academia Franceza, que indo um dia a casa de Diderot, fallar-lhe sobre alguns artigos que este lhe tinha pedido para a nova Encyclopedia,

entrou sem cerimonia na sala do philosopho incredulo. Qual não foi a sua surpreza ao dar com Diderot a explicar sincera e claramente uma lição de cathecismo a sua filha! M. Beausée não poude disfarçar o seu assombro. Acabada a lição Diderot riu-se da manifesta admiração do seu amigo e disse-lhe: «Caro amigo, não estranhe a minha atitude. Diga-me que melhor ensino poderia eu dar á minha querida filha? Que melhor, que mais solida, mais esclarecida moral poderia eu inventar para a fazer boa filha, boa esposa e boa mãe? Que moral ha comparavel á contida neste pequeno livro? Que instrucção ha baseada em tão solidas e convincentes raizes? Eu não conheço melhor!»

Na presente difficil conjunctura que atravessamos, a Patria, impõe-me um dever, e eu na minha qualidade de portuguez e antigo missionario que serviu oito annos na India, e outros oito na provincia de Moçambique, vou desempenhar-me d'esse dever demonstrando succintamente a poderosa influencia das missões catholicas no engrandecimento das terras ultramarinas.

Os missionarios foram sempre um valioso factor de continuidade da verdadeira civilisação e tambem do dominio colonial.

E' esta uma verdade que se impõe á razão e por isso a historia da humanidade assim a proclama atravez dos seculos; mas onde essa verdade refulge em toda a sua luz, é na historia portugueza, toda ella burilada de feitos memoraveis dos nossos capitães e dos nossos missionarios, que prégando a religião christã nas vastissimas e distantes regiões de Alem-Mar, consolidaram pacifica e evangelicamente o dominio portuguez.

Mas quem foi que fundou essas missões, cuja bemdita acção tem sido apregoada encomiasticamente em todos os tempos e em todos os paizes? E quem foram e d'onde

sahiram os primeiros missionarios que puzeram em pratica o mandado do fundador e Mestre?

São estas as perguntas que faz muita gente, e faz com impaciencia e exige uma prompta resposta.

Quem nos dará esta resposta?

Tende a bondade de esperar e a ouvireis.

O Evangelho da religião christã se apresenta a responder a estas perguntas.

Escutemos o que esse evangelho nos diz e não duvidaremos da sua veracidade.

O Evangelista São Matheus, descrevendo a Ressureição de Jesus diz no cap. XXVIII, versiculos 18, 19 e 20: «E chegando Jesus no meio dos seus discipulos lhes fallou dizendo: Tem-se-me dado todo o poder no Ceu e na terra, ide pois e ensinai todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo; e ensinando-as a observar todas as cousas que vos tenho mandado; e estae certos de que eu estou comvosco todos os dias, até á consummação do seculo.»

Eis ahi o Mestre e Fundador das Missões Catholicas.

Vejamos agora quem foram os primeiros missionarios.

Convocada em Jerusalem a primeira assembleia, Apostolos e antigos se congregaram sob a presidencia de Pedro, Vigario de Christo, para na presença do grande auditorio decidirem da sorte do mundo todo, e dos seculos futuros. Reuniu-se modestamente n'um cubiculo de Jerusalem esta assembleia que ia transformar o mundo, a dois passos do pretor, que representava o romano poder do estado, e a outros dois do magno pontifice que tinha na mão a auctoridade official da synagoga.

Abriu-se a discussão. Duas oppostas ideias se controvertiam ali. A parcialidade dos phariseus, tendo á sua frente Cerintho e representando as ideias conservadoras,

fundadas na letra escripta na legislação de Moysés, no principio exclusivamente nacional, na inimisade dos extrangeiros, que a doutrinação se limitasse aos circumcisados. Era o principio historico na pequenez do circulo tradiccional. Do outro lado apresentaram-se os que tinham aprendido na palavra e no exemplo do Mestre, mais do que a simples reforma das instituições hebraicas e que por isso a boa nova, rasgando as fronteiras patrias devia ser o inicio da fraternidade universal.

Nesta longa bandeira se inscreveram os Apostolos. Era Jesus que ia fallar pelos labios d'aquelles que amestrara ao declarar-lhes que todos os homens eram irmãos e que a regeneraçãc christã estreava o novo principio do amor aos proprios inimigos e aos proprios extrangeiros, e lhes ordenara que fôssem transmittir esta doutrina, não só aos hebreus mas tambem a todos os povos e á todas as creaturas.

«Dou-vos um preceito novo: que vos ameis todos uns aos outros da maneira porque eu vos tenho amado» (S. João, cap. XIII, v. 34). «Ide por todo o mundo levar o Evangelho a todas as creaturas» (S. Matheus, cap. XVI, v. 15).

A discussão entre os dois principios foi amplamente controvertida antes de voto definitivo.

Pedro, o chefe dos Apostolos, levantando-se no meio do geral silencio, examinou a questão á luz da Fé, provando que deante d'ella não podia estabelecer-se differença entre hebreus e gentios, e que para acceitar a doutrinação de Jesus não era necessaria a identidade de jugos cerimoniosos, mas só dos principios estabelecidos pelo fundador. Disse mais, que das mãos do Creador sahira o primeiro homem, no amor se fundamentara a sua Lei, em relação a todos, sem distincção, e que nisto se resumia a missão do Redemptor. Animou-se cada vez mais a assembleia ao ouvir defender com tão vivo calor a fraternidade christã.

Passou-se á deliberação. O voto sahiu unanime resolvendo a universalidade da doutrina á todos os povos. Estabeleceu-se a fraternidade do genero humano. Os homens constituiram uma só familia.

Sahindo da assembleia o Vigario de Christo mandou aos Apostolos seus companheiros que fôssem prégar o Evangelho á toda a creatura e os Apostolos obedeceram á voz do mando, porque conheciam que o seu superior sabia impor-se sem se impor.

Assegurada a obediencia inteira dos seus subordinados, Pedro, o Vigario de Christo, podia sentado na sua cadeira recolher os fructos da boa semente que os obreiros evangelicos iam semear, mas lembrando-se que o exemplo vindo do alto fructifica copiosamente, tomou para si em primeiro lugar o cumprimento das ordens que havia dado aos seus jurisdiccionados, e immediatamente, sem levar comnsigo a bolsa, nem alforge, nem calçado, como havia determinado o Mestre, sujeitou-se a todas as contingencias da vida attribulada do missionario. E emquanto os seus companheiros no apostolado prégavam o Evangelho n'outras partes do mundo, e principalmente Paulo escolhido pelo apostolado para a grande missão, lançava as sementes da nova civilisação, pelas nações gentilicas, emquanto este homem grande achava pequeno o mundo para o converter n'uma conquista de civilisação; quem o tinha precedido na capital dos Cesares? Outro homem na realidade; outro que personificava e representava na terra a Pessoa de Christo. Vamos vêl-o.

Um dia (imperava Claudio) entrou muros á dentro de Roma um peregrino asiatico, coroado de cãs, de vulgar aspecto e trajo mais vulgar ainda, da classe infima do povo, rude operario do maior monumento que a terra nunca jámais vira levantar. Os cidadãos romanos avaliando

pelo exterior d'esse homem na apparencia vagabundo, mas heroe no intento, classificaram-no como homem de Suburra e para mais de côr tisnada, ignorando certamente que as apparencias muitas vezes illudem e que as tendas de Salomão exteriormente pintadas de preto, encerravam além da côrte brilhante, os thesouros incalculaveis de riqueza — e que o cysne com a sua apparente branca plumagem, tem a carne dura e preta.

Roma, presumidamente forte nas suas instituições, concedia a liberdade de discorrer e ensinar. A liberdade aproveitou áquelle peregrino e chefe. Quem faria reparo no pescador illetrado e obscuro asiatico? Quem se quer daria por elle quando o encontrasse nas ruas? A curiosidade primeiro, a novidade da douctrina depois, o direito que prometia aos fracos e opprimidos operaram os resultados da inicial propagação.

Tornou-se o palacio de uma familia senatorial o centro do christianismo nascente. Uns atrahiam outros. Fundou-se a primeira sociedade christã na capital do mundo. Organisaram-se cofres comuns. O espirito da caridade tomou forma corporea, matou-se a fome, socorreram-se os doentes, recolheram-se os impossibillitados, crearam-se as creanças abandonadas nas ruas e os escravos sentaram-se ao lado dos Senhores no primeiro azylo da cruz. A ideia christã infiltrava nos paços do proprio Cæsar, já Nero, aquelle Nero que d'ahi a pouco iria aclarar os festins dos seus explendidos jardins, fazendo dos proprios corpos de dois mil christãos ainda vivos as tochas que alumiariam o funeral do paganismo.

A semente fora por esta forma lançada á terra de Roma pela iniciativa do humilde pescador asiatico, e a barca alargava todos os dias a proporção das gentes, que voluntariamente corriam a embarcar n'ella.

Eis o grande missionario da Lei de Christo, e quando a sua monumental obra ia radicando de uma maneira espantosa entrava em Roma, Paulo, apelando na sua qualidade de cidadão romano, «Civis sum» para Cesar.

Avistaram-se os dois. Cahiram nos braços um do outro aquelles dois mendigos, para quem nem se dignaria volver os olhos o romano Cesar, cujo imperio lhe vinham conquistar. As lagrimas tepidas do ancião e chefe, prototypo do missionario, confundiram-se no osculo com as ardentes lagrimas do môço Tarso. Um negara o Mestre, o outro aplaudira a lapidação de Estevam e alli estavam tendo revolucionado a sociedade, um aos explendidos clarões do sol, afrontando as synagogas, e os aereopagos com a audacia do genio, outro recolhendo a colheita nas vastas campinas populares; ambos iam presos á terra pela necessidade dos seus feitos, mas com as frontes já alumiadas pelos reflexos da gloria imortal.

Paulo, ora em ferros, ora solto, ensinando, escrevendo, formando novos centros, dava a mão a Pedro que, como Vigario de Christo presidia á grande obra pelos meios que já vimos. A rapidez da propagação, o pretexto do culto nacional do paganismo e as machinações do elemento intrigante, que sempre sabe pescar nas aguas turvas, levantaram a primeira perseguição.

Pedro e Paulo foram ambos procurados e presos. Para Nero, Pedro era o fundador em Roma da nova superstição, Paulo era o indigno que arrebatara para a moderna crença a formosa Actêa, o magico amor, que malleara por momentos aquelle coração de ferro.

Cæsar decretou a morte dos chefes. Corria o anno de 66. Os dois mendigos caminharam para o suplicio. Extraordinaria multidão acompanhava o prestito. Quando passaram defronte dos jardins, o parricida imperial, impurpu-

rado de sangue, deitou o olhar de um Nero, para os fundadores da boa nova. Despediram-se os dois heroes, a sorrir, até d'ali a um instante. O pescador deu o sangue sendo crucificado sobre o monte Janiculo, e a cupula de Miguel Angelo commemora este acontecimento. Ao mesmo tempo, fóra dos muros da cidade, onde hoje se eleva a magestosa basilica de São Paulo, cahia degolada uma cabeça. Eram dois homens que deixavam a terra e dois espiritos que voavam para Deus.

A sedição dos nazarenos estava acabada com o supplicio dos chefes, pensavam elles. Enganavam-se; principiava. A batalha toma então na capital dos Cesares proporções agigantadas. Os humildes anteviam uma redempção, os desgraçados uma esperança, a escravidão entreluzia uma estrela de liberdade.

O alvoroço da justiça pulsou nos corações. Dir-se-hia que o espirito do genero humano estremecia n'uma convulsão. E o paganismo depois de estrebuxar trez seculos, cedia o logar ao codigo da fraternidade. A civilisação christã dominava já a civilisação pagã. A batalha fora ganha. A bandeira da cruz tremulou finalmente no alto do capitolio.

Não era o direito individual do conquistador sobre o conquistado, como proclamava o paganismo. Não era o direito de raça de um povo exclusivo sobre outros povos, como o judaismo sustentava. Era o direito de todos os homens. O Evangelho fazia irmãos a todos, e da humanidade uma unica familia.

Eis a lei de Christo sempre professada pelos portuguezes. Eis tambem os moldes, nos quaes Portugal vazou as suas missões religiosas.

D. João II munido dos planos do seu tio o fundador da celebre escola da navegação na Praça de Sagres, o sabio e imortal Infante D. Henrique, quinto filho de El-Rei

Dom João I, não tendo em menos o proveito material dos seus vassalos e o acrescentamento do patrimonio da corôa, pondo acima de tudo a gloria de Deus, pela salvação ainda que não fosse senão de uma unica alma, fundou em Africa o imperio portuguez, deixando ao seu sucessor abundantes materiaes para o estabelecimento na Asia, e quando D. Manuel encarregou a titanica empreza de descobrir o caminho maritimo para a India, á Vasco da Gama, entregando-lhe em acto publico a bandeira das quinas encimada da bemdita Cruz, disse ao Almirante: «pondo deante ho peso de tamanho negocio consistir não na despeza que se nelle podia fazer nem no que nisso se aventurava, senão no serviço de Deus e bem dos seus Reynos». E Vasco da Gama respondeu como adestrado piloto, que trazia comsigo a fortuna do Imperio, e levava nas mãos a esperança da humanidade, que aceitava o comando e agradecendo ao Rei a confiança que n'elle depositara, declarou que os motivos principais que o determinavam a acceitar, era o serviço que n'isso esperava prestar a Deus e á Sua Alteza; com que El-Rei se deliberou a fiar d'elle aquella expedição, a maior, a mais ilustre de quantas emprehendeu a ousadia, e celebrou a fama.

Em um sabado, dia de Nossa Senhora, 8 de Julho de 1497, partiu Vasco da Gama de fóz em fóra, da praia de Restelo, e em 20 de Maio de 1498, as suas náus lançavam ferro no porto da soberba Calecut, onde em vez do lendario Preste João das Indias reinava então o mais respeitado e temido Rajah, entre os Rajahs do Indostão o poderoso Samorim (Samodri Rajah) com quem o Argonauta portuguez, em 27 de Maio do mesmo anno, fez em nome do seu Rei um tratado de aliança, sobre o qual mais tarde conseguiu-se um excepcional e até ali desconhecido privilegio de — exterritorialidade — que depois foi introduzido

no Direito das Gentes, ou direito publico externo ou internacional hoje em voga — privilegio conquistado pela arguta diplomacia portugueza em tudo conforme com as inviolaveis maximas do Direito natural. Ficou assim desvendado o mysterioso véu que trazia occulta a India — A Terra Mater — que no dizer dos sabios foi não só o berço da civillisação que hoje gosa a humanidade, mas tambem precursôra de todos os generos do saber humano, e que trez mil annos antes da era vulgar, tinha commercio com a Babilonia e exportava técidos feitos á mão e de lindas musselinas para o Egypto no tempo dos Pharaós, adquirindo pela sua agricultura e pelas suas industrias uma riquesa fabulosa.

Max Muller refere-se á India nos seguintes termos: «Se eu tentasse achar em todo o mundo o país mais generosamente favorecido por Deus em tudo, que a natureza pode dotar em sciencia, em riquesa, em poder e em beleza — em algumas partes um verdadeiro paraízo na terra — eu apontaria para a India».

E o nosso grande Estadista Julio de Vilhena, um dos mais completos sabedôres de todos os problemas coloniaes e que decretou para o Ultramar medidas, baseadas na razão, na legalidade e na justiça, nas quaes demonstra a sua alta capacidade administrativa, falando da India disse: «Como tudo isto é divinamente sublime!»

Foi esta India o theatro dos epicos feitos de Portugal, que como nenhuma outra nação soube em todos os seus dominios ultramarinos e principalmente no Indostão, semear as missões religiosas, que são coevas das suas enterpresas maritimas.

Portugal descerrando as portas do Oriente, conquistou terras para o Rei e ganhou almas para Christo.

Os nossos capitães e missionarios foram os famigera-

dos obreiros, dessa duplice conquista — conquista pela espada e conquista pela Cruz —.

A elles se deve o incremento não só do poderio mas principalmente o incremento do christianismo nas longiquas paragens. São padrões imorredoiros, paginas douradas da historia de um povo pequeno, qne soube tornar-se grande pelos seus feitos; epopeias brilhantes, em que a par dos Gamas; dos Almeidas, dos Castros e Albuquerques, figuram os aureolados nomes de Francisco Xavier e João de Brito, e de tantos outros missionarios que derramaram o seu sangue nessas historicas regiões pela defeza da fé catholica.

Os pontifices romanos, com a solicitude magistral que tanto os distingue, bem depressa reconheceram nos missionarios Portuguezes os instrumentos da Providencia para a dilatação do Reino de Christo, e como premio de tão assignalados serviços prestados á Egreja, quizeram engrandecer a Corôa Portugueza, conferindo aos Monarchas Fidelissimos o direito do Padroado Eclesiastico nas terras descobertas, conquistadas, civillisadas e christianisadas, pelos capitães e missionarios portuguezes, e como penhor do entranhado afecto paternal, no anno de 1442, no pontificado de Nicolau V, foi na ilha da Madeira erecto o Bispado do Funchal, dando-lhe fóros jurisdiccionais do Padroado Eclesiastico, e preeminencia sobre todas as novas descobertas.

Mais tarde pela *Bulla Aequum reputamus*, de Paulo III, de 3 de Novembro de 1534, foi constituido o bispado de Malabar, comprehendendo todos os estabelecimentos desde o Cabo da Boa Esperança inclusivé e da India á China, com todos os lugares assentados nas terras firmes, como nas ilhas achadas e por achar em que os Reis de Portugal, tivessem fortalesas e morassem portuguezes e christãos,

ficando por então sufraganeo ao arcebispado do Funchal, a quem antes estava sujeito na parte espiritual, e cuja diocese fôra em 1534 elevada á dignidade metropolitana.

Anteriormente á India, com todas as conquistas dos portuguezes na Asia e Africa estava sugeita na parte espiritual ao prior-mór da Ordem de Christo, por Bulla de Leão X, até que passou em 11 de Junho de 1514, por outra Bulla do mesmo Papa a ficar subordinada, com as demais possessões ultramarinas ao novo Bispo do Funchal.

O direito do padroado ao Bispado de Goa, assim como de todos os beneficios da diocese pertencerão, diz a citada *Bulla Aequum reputamus,* a titulo de fundação e dotação aos soberanos portuguezes, na sua qualidade de administradores perpetuos dos fundos pertencentes á Ordem de Christo.

O Bispado de Goa abrangia então alem de Goa e Salcete, a vasta missão do Canará, em todas as praças da banda do sul até Calecut. Êste direito foi renovado pelo mesmo Paulo III por sua constituição Romani Pontificis, de 8 de Julho de 1539.

Pela *Bulla Etsi Sancta,* de 4 de Fevereiro de 1567, de Paulo IV, foi a Cathedral de Goa promovida a Sé Archispiscopal Primacial, tendo sido o piedoso arcebispo Dom Fr. Aleixo de Meneses, o primeiro que se intitulou Primaz do Oriente.

Gratos a estas singulares prerogativas outhorgadas pelos Summos Pontifices, os nossos Reis primaram sempre em satisfazer o melhor possivel aos encargos de Padroeiro, não só provendo do necessario pessoal eclesiastico as respectivas egrejas, mas ainda dotando-as pela regia munificencia e como prova da sua indelevel gratidão, por tantas graças com que haviam sido distinguidos, não se esqueceram de dar aos Summos Pontifices, os testemunhos irrefra-

gaveis de sua obediencia e do seu respeitoso e filial afecto, registando na historia dos povos aquella magestosa embaixada, que El-Rei D. Manoel I, principe egualmente pio e magnanimo, mandou ao Papa Leão X, para mostrar ao Supremo Chefe da Christandade, não só os resultados dos esforços portuguezes, assombrosamente felizes, que haviam dilatado o Imperio e a Fé até aos extremos do Oriente; mas tambem para depôr aos pés do Vigario de Christo as primicias dos thesouros que d'ali tinham vindo.

El-Rei D. Manoel mandou a Roma, como seu embaixador extraordinario, a Tristão da Cunha, fidalgo ilustrissimo em sangue e não menos em acções, que levava comsigo muitos outros fidalgos. Foram tambem em qualidade de embaixadores Diogo Pacheco e João de Faria, homens togados e dos mais sabios, que havia por aquelle tempo em Portugal.

No dia 12 de Março de 1514, pelas duas horas da tarde, em harmonia com o programa extraordinario feito pela côrte pontificia, só para esta luzida solemnidade, sahia do palacio do Cardeal Adriano e entrava em Roma, que assim renovava a memoria dos seus antigos triumphos, a sumptuosa embaixada.

Precediam em grande numero, e luzidamente vestidos, em bons cavallos, os trombetas, charamelas, pifanos e atabeles d'El-Rei, á que se juntaram os trombetas e charamelas do Pontifice e logo esta primeira face do acompanhamento oferecia aos olhos e aos ouvidos uma alegre vista, uma suave consonancia. Seguiam-se trezentas azemolas, que outros tantos homens com varias e bizarras librés levavam de redea e ellas cobertas de resposteiros de ricos pannos de seda de varias cores e insignias; seguia-se o rei d'armas de Portugal, ia vestido duma roupa de panno de oiro, com as armas do reino, corôadas e cercadas em

torno de perolas e rubis. Seguiam-se os nobres que passavam de cincoenta, vestidos de ricas telas e brocados, com chapeus não só ornados, mas cobertos de perolas e aljofares, e a tiracol preciosos colares de ouro e pedraria todos em briosos ginetes com celas peitorais, caprazões, e mais arreios de oiro macisso, ou de lavor esmaltado de pedras de grande preço; a esta proporção iam vestidos os creados que cada um levava em grande numero, com varias, custosas e vistosas librés.

Fazia-se vêr singularmente entre tanta grandeza um soberbo elefante branco de Ceylão, o primeiro que appareceu na Europa, sobre o qual vinha um rico cofre com o presente que El-Rei mandava ao Papa, coberto de um panno tecido de oiro com as armas reaes de Portugal, que não só cobria o cofre, mas tambem o elefante até beijar a terra; vinha tambem sobre este um Nayre, que o mandava; vinha mais um cavallo persa, que El-Rei de Ormuz mandara á El-Rei D. Manoel, e uma onça de caça, com um caçador tambem persa, que a trazia nas ancas do mesmo cavallo.

Sahiram a receber e acompanhar aos embaixadores portuguezes, os embaixadores do imperio, e dos reis de França, Castella, Polonia, e os das republicas de Veneza, Luca e Bolonha. Chegando ao Castello de Santo Angelo, onde o Pontifice estava, para ver a embaixada com todos os cardeaes, disparou por trez vezes a artilheria do mesmo castello, cujo estrondo bellico, com o harmonioso que faziam as trombetas, charamelas, atabeles, tambores e pifanos, e com vivas que se davam *All Ré de Portugallo,* fazia estremecer e alegrar toda aquella imensa multidão.

Tanto que o elefante avistou o Papa, obedecendo ao Nayre, se humilhou trez vezes, e tomando na tromba grande quantidade de agua de cheiro (que estava preve-

nida) rociou com ella ao Papa e cardeaes, e depois á todos em circuito, e fazendo outros tregeitos e meneios com muita graça, repetiu a primeira cortezia e foi passando muito senhor do campo. A onça tambem mostrou as suas habilidades, que eram muitas, e deu bem que ver e admirar a todos.

O presente que se ofereceu ao Papa constava de um pontificial inteiro de brocado de pezo, todo bordado e guarnecido de riquissima pedraria, de varias sortes e côres em que se viam muitas romãs de oiro macisso, cujos bagos eram finissimos rubis, e muitas flores de côres e feições diferentes, que se formavam de perolas e de pedras de varias côres, como diamantes, ametistas, esmeraldas, e rubis, a coisa mais rica de quantas deste genero se recordava a memoria dos homens. Iam tambem mitra, baculo, aneis, cruzes, calices e turibulos, tudo de oiro e martelo, coberto de pedraria e muitas moedas de ouro de quinhentos cruzados cada uma tamanhas como grandes maçãs. Recebeu o Papa (que então era Leão X) aos embaixadores com honras extraordinarias: ouviu uma longa e discreta oração, que Diogo Pacheco lhe fez na lingua latina, a que o Papa respondeu na mesma com a maior extensão do que se costuma em semelhantes ocasiões, espraiando-se muito nos louvores d'El-Rei D. Manoel e da nação portugueza; o que acabado se levantou, levando-lhe Tristão da Cunha a fralda até se recolher ao seu gabinete: durou muitos tempos a admiração, e durará para sempre a memoria desta solemnissima embaixada, da qual escrevendo ao seu amo o embaixador do Imperio diz: «Que poucas ou nenhuma vez aconteceu, mandarem os principes christãos os seus embaixadores a Roma, com tão magnifico aparato». E depois de o referir em summa, acrescenta estas formaes palavras: «Certo asssim é de crer, que a nenhum Papa da Egreja

Romana foram apresentados tão ricos, nem tão formosos ornamentos, nem tão preciosos».

Grande gloria foi para Portugal ter descoberto o caminho maritimo da India; maior o ter-se Deus servido d'elle para difundir a fé de Christo por aquellas vastas regiões.

A peninsula Indostanica é um grande triangulo com a base assente nas serranias do Hymalaia e os lados nascente e poente estendendo-se pelo mar indico dentro até se unirem no Cabo do Comorim. Na vasta superficie de 4. 100.000 Kilometros quadrados do triangulo, vivem 350 milhões de habitantes. Foi êste o extenso campo das façanhas dos nossos heroicos capitães e dos nossos benemeritos missionarios.

Segundo a tradição geral, muito celebrada na historia portugueza, o apostolo S. Thomé, foi o primeiro que no Indostão prégou o Evangelho. São tantos os documentos que testificam esta verdade, assim na tradição oral, como na escripta em annaes e gravada em pedra e bronzes, que negal-a equivale a destruir todas as fontes de certeza historica.

Não se sabe com certeza, o roteiro que o Santo Apostolo seguiu de Jerusalem á Meliapor. O sabio padre Athanazio Kircher S. J., na sua obra SINA ILUSTRATA, pag. 31, fundando-se na auctoridade do grande missionario, Hnrique Rhod S. J., que diz têl-o extrahido dos archivos dos christãos de Meliapor, apresenta o seguinte itenerario: Tendo o Apostolo percorrido primeiro a Armenia e Mesopotamia, passou á cidade de Soldania na Persia, onde fez muitos christãos. De Soldania passou aos reinos de Candahar, Cab, Caphurtan e Caratarat. Atravessou as montanhas do Tibet, perto de Bengala, e chegou emfim pelo Decan ao reino de Narsinga e á cidade de Meliapor, onde foi martyrisado.

Com Pedro Alvarès Cabral, que seguiu logo após Vasco da Gama em viagem para a India, foram os benemeritos filhos de S. Francisco. Diogo Lopes Sequeira lhes edificou em Goa, egreja e convento, que foi de muito proveito aos neo-convertidos e portuguezes.

Em 1526, governando Gôa Lôpo Vaz de Sampayo, e depois de os portuguzes que se senhorearam da Costa do Canará os franciscanos foram os primeiros missionarios que passaram a Mangalore afim de prégar o Evangelho, e conseguiram converter um consideravel numero de pagãos.

Nos quarenta e quatro annos que decorreram desde que Vasco da Gama chegou á India, até que alli aportou S. Francisco Xavier, os portuguezes foram dando noticia da lei de Christo e trazendo almas a Deus.

Antonio Galvão, capitão e governador das ilhas Molucas, tão pio como valoroso conseguiu que muitos indigenas, não só do povo, mas tambem Principes e Rajas se instruissem na doutrina catholica, e recebessem o baptismo. Levado do seu zelo fundou um seminario em Ternate para educar na religião christã jovens d'aquellas terras que fossem apostolos dos seus naturais; exemplo que foi logo seguido em Gôa, com a fundação do collegio de Santa Fé, o qual foi pelo rei de Portugal dotado com muitas rendas das antigas mesquitas e varelas dos idolos.

6 de Maio de 1542 foi o dia que tão fausto raiou para a India, vendo aportar á Gôa, então a gentillissima princeza e Metropole do Imperio Luso-Oriental, o novo apostolo della Francisco Xavier, que em 7 de Abril de 1541, depois de ter, segundo diz a tradição, celebrado a sua ultima missa em Lisboa, na Egreja do Colleginho situada na Mouraria, levando em sua companhia aos jesuitas Paulo Camerte, italiano, e ao irmão Francisco Mansilha, portuguez, na náu do governador Martim Affonso de Sousa.

Conseguintemente o anno de 1542, como diz Lafiteau na sua «Histoire de decouvertes de Portugais — doit être regardée, comme une des époques plus célèbres et comme une des moments les plus precieux que Dieu avait marqué dans les decrets de sa misericorde» deve ser olhado como uma das épochas mais celebres e como um dos momentos mais preciosos que Deus marcou nos decretos da sua infinita misericordia.

Descrever o que trabalhou e sofreu este varão maravilhoso na conversão da gentilidade do Oriente, onde na sua bemdita cruzada de dez annos e sete mezes — 6 de Maio de 1542, em que desembarcou em Goa, a 2 de Dezembro 1552, em que fitando os olhos no Crucifixo, sua unica riqueza nas desertas praias de Sanchão, e depois de ter convertido para a Religião Catholica um milhão, e duzentas mil almas, ás quaes havia ensinado com o seu exemplo á professarem a lei de Christo e serem gratos a Portugal, rendia com 46 annos de edade e confiadamente, o espirito nas mãos de Christo, dizendo: In te Domine sperari non confundar in aeternum.

Dotado de eloquencia irresistivel e da mais heroica coragem, S. Francisco Xavier é uma dessas grandes e puras figuras da historia, que são como os pontos lumisos, sobre os quaes é grato descançar a vista aborrecida do espectaculo desolador das tormentas da ambição humana.

Passaram pelo Oriente os maiores conquistadores; mas nenhum cuja conquista fôsse tão duradoura como a de S. Francisco Xavier. Dil-o melhor, o ilustre escriptor Pedro Gastão Mesnier, no seu JAPÃO: «Andava então pelo Oriente um homem extraordinario, que deixou por todas estas regiões signaes indeleveis da sua passagem. Era um homem em quem se combinavam e honorisavam as mais excelsas virtudes, que enobrecem a humanidade.

«Houve outro conquistador que não derramou o sangue humano, que não trazia armas, a mais da humanidade, da fé, do valor, e os reinos comoveram-se á sua voz; os povos prostenaram-se aos seus pés, e nações inteiras escutaram e seguiram os seus preceitos. Peregrinae pela longa costa de Malabar até Ceylão, onde não resta já nem vestigio sequer do poder portuguez, entrae pelos mysteriosos palmares, nas aldeias dos pobres pescadores e vereis em muitas cabanas a veneranda imagem de S. Francisco Xavier; aventurae-vos pelas ilhas da Malasia e conhecereis que entre as mais miseraveis tribus, as tradições teem cercado d'uma aureola o nome do Santo; no Japão, trez seculos de perseguições constantes não conseguiram derrocar o edificio sublime da fé christã, cujos alicerces, o exemplo e a palavra do Apostolo das Indias, haviam lançado.»

Seguindo o exemplo de S. Francisco Xavier, foram para as missões das Indias Orientaes, em diferentes épochas, mais de 500 missionarios da Companhia de Jesus, que com os seus trabalhos e suores, e até com o proprio sangue prosseguiram na obra de S. Francisco Xavier.

Referindo-se aos fructuosos trabalhos dos Jesuitas nas missões da India, diz o grande economista e primoroso escriptor Erancisco Luiz Gomes no seu livro OS BRAMANES: «Os Jesuitas eram felizes na propagação da fé, porque eram habeis.»

«A Companhia de Jesus era poderosa na India, como em toda a parte, porque era uma cabeça só, servida por milhares de braços. Pensava com a lucidez d'uma Academia, e obrava com a actividade de Alexandre. Nenhum elemento lhe faltava. Tinha no seu seio Santos, Sabios, philosophos, naturalistas, classicos, escriptores, medicos, professores, prégadores, confessores, validos dos reis,

tribunos do povo, architetos, musicos e pintores. Com tantas luzes não podia deixar de ser Sol; com tantos orgãos não podia deixar de ser systema; com tantas peças não podia deixar de ser machina; com tantas armas não podia deixar de ser arsenal; com tantas forças não podia deixar de ser potencia. A Companhia de Jesus foi tudo isso.»

Infere-se deste depoimento, que os Jesuitas portuguezes produziram na India uma obra verdadeiramenre assombrosa e de alto alcance, que negal-a equivale a destruir todas as fontes da certeza historica e tanto assim é que tendo sido publicado em 1924 pelo C. Wessels, um notavel livro subordinado ao titulo «Early Jesuit Travellers in Central Asia» a esse livro se referiu n'um magistral artigo, com aquele patriotismo que tanto o destingue o erudito Almirante Ernesto de Vasconcelos, secretario perpetuo d'esta Benemerita Sociedade, nos seguintes termos «Muito interessa a historia da acção portugueza na India por tratar de verdadeiras viagens de exploradores, que experimentados missionarios jesuitas, com aquela fé christã, que tanto os caracterisava, efectuaram no interior da Asia atravez das maiores dificuldades».

«Efectivamente causa admiração como desde os principios do seculo XVII esses pioneiros religiosos realisaram as suas viagens em regiões onde tantos exploradores modernos teem fracassado, não obstante se rodearem das possiveis comodidades de viagem que a industria tem imaginado.»

«Se nós admiramos as explorações dos antigos missionarios portuguezes na Abyssinia e em outras partes d'Africa Oriental e do interior de Angola e Congo, o que diremos d'esses exploradores da Asia o primeiro dos quaes Bento de Goes efectuou a mais emocionante viagem de Agra á

Sucheo na fronteira China, na ideia de abrir caminho por terra até ao Cathay?».

Quando em 1608, Francisco Pyrard de Leval visitou na velha cidade de Gôa o colegio dos Jesuitas que se denominava, O Colegio de São Paulo ou Seminario da Santa Fé, admirado pelas varias disciplinas que ali se professavam disse que «esse collegio havia adquirido o direito de se chamar a Universidade Catholica do Oriente». Data d'ahi o grande impulso, que recebeu a educação, instrucção e formação do clero neste estabellecimento, que veio a ser principal instituição dos jesuitas na India, e Soborna do Oriente. E tal foi a importancia que adquiriu em pouco tempo, e «cresceu em forma assim na capacidade da fabrica, como no numero dos sujeitos, exercicio de sciencia e virtudes, que segundo a phrase do Padre Francisco de Sousa no seu «Oriente Conquistado» Vol. I cap. I, se podia comparar com todos os Collegios da Europa, não se podendo muitos comparar com elle». «E ao qual, mais de tresentas egrejas com seus collegios, segundo affirma o Padre Lucena, em differentes partes da Asia eram sujeitos».

N'essa Universidade, ministravam os jesuitas conhecimentos completos que o missionario deve ter, incluindo o indispensavel conhecimento da lingua da régião onde ia pregar o Evangelho. E, taes eram os créditos dessa grande Universidade, que segundo o referido Francisco Pyrard «era frequentada por trez mil estudantes, como em 1568, e onde lhes era ministrada uma instrucção solida, e que no refeitorio da dita Universidade, muitos estudántes proferiram, á 1 de Janeiro de 1584, discursos em 16 linguas em honra do Arcebispo de Goa D. Frei João Vicente da Fonseca. Os jezuitas levam ainda a dianteira de serem os fundadores da imprensa em Gôa, que nos seculos XVI e XVII, fizeram grandes progressos, e

onde se imprimiram trabalhos, não só em caracteres portuguezes mas ainda em caracteres de muitas linguas faladas na India e principalmente em caracteres tamues, obras de merecimento, e tudo isto com o unico fim de evangelisar os povos, não só ensinando-lhes a bela lingua portugueza mas falando tambem as linguas respectivas dos povos onde missionovam — preciosa indicação, que a Inglaterra copiando esse modêlo, põe em pratica exigindo aos funcionarios do Indian Civil service, do Indian Medical Service e principalmente aos Magistrados e Auctoridades superiores que vão para a India, o conhecimento da lingua da região onde vão desempenhar as suas funções.

Se á um profundo sentimento religioso de um fervoroso catholico allemão, João Von Guttenberg, pelos annos de 1450-1455, deveram a sciencia e as lettras o advento da invenção maravilhosa, que tem operado completa metamorphose na divulgação de todos os ramos do saber humano; se é gloria a imprensa nascer da religião, e não da industria, e o entthusiasmo religioso era o unico digno de produzir o instrmento da verdade, na phrase de Lamartine; — o famigerado Collegio de S Paulo ou Seminario da Santa Fé, e a Companhia de Jesus em Goa, podem vangloriar-se de serem uns dos primeiros no mundo, e incontestavelmente os primeiros na India, que mereceram pôr ao serviço da religião o celebre invento de Guttemberg, e inaugurar no Oriente uma nova epocha religioso-litteraria, pela introducção da Imprensa com typos moveis de metal. A biographia desse homem celebre que se chamou João Von Guttemberg, diz-nos, que a sua unica preocupação, unico norte da sua robusta inteligencia, o alvo a que se dirigiam todos os seus esforços; — era a persistente vontade de divulgar a palavra de Deus e o divino livro, a Biblia, por entre um sem numero de almas. E d'ahi ven-

cendo toda a sorte de obstaculos conseguiu com uma espantosa tenacidade, que o primeiro livro, que sahisse da imprensa por elle inventada fôsse a Biblia — E, de facto foi.

Semelhantemente a Companhia de Jesus, e o Collegio de S. Paulo, ou Seminario da Santa Fé em Gôa, ardiam em vivissimo desejo de tambem propagar um livro o mais veneravel aos povos do Oriente depois da Biblia, e mais sagrado por ser a mesma Biblia em resumo: era o Catecismo da Doutrina Christã composto por S. Francisco Xavier. E, se a Europa considera gloria, inaugurar o movimento das suas imprensas, pela publicação da Vulgata latina da Biblia, que appareceu pelos annos de 1450-1455, porque não ha-de a India Portugueza; gloriar-se com o fructo primogenito das suas imprensas, — o Catecismo da Doutrida Christã, composto pelo seu Apostolo? Sahiu esta producção à luz da imprensa, que a Companhia de Jesus estabeleceu no Collegio de S. Paulo ou Seminario da Santa Fé de Goa, em 1557, ou sejam dois annos depois da publicação da Vulgata latina da Biblia em Moguncia. Era na verdade muito para se desejar, que tivesse escapado ao cataclysmo do tempo um só exemplar do precioso livro, que primeiro sahiu das imprensas de Goa, porque muitos o quereriam possuir a todo preço.

Regista a historia, que Alexandre Magno conservava em uma carteira engastada de diamantes, um exemplar da «Iliada» de Homero, e segundo affirma o Reverendo Dr. Dibdin, bibliotecario do Conde de Spencer, que um exemplar da Biblia, que Guttemberg deixou em testamento, a uma religiosa sua irmã, é não só a primeira edição dó Sagrado Livro, mas ainda a primeira obra publicada em typo de metal, que se conserva em um cofre de christal, no muzeu de Gran-Bretanha; e orgulha-se o mesmo Doutor com o facto de ser a Inglaterra, sua patria, o paiz

que possue mais exemplares dessa edição, que qualquer outro.

Em Junho de 1873, por ocasião da venda da celebre livraria de Perkins, houve quem pagasse por um exemplar da Biblia impresso em pergaminho 3.400 libras, o maior preço até essa data dado a uma obra impressa, e por um outro impresso em papel, 2.690 libras, só pelo facto de esses exemplares terem sahido da typographia de Guttemberg!

Não haveria, quem, pelo Catecismo da Doutrina Christã, composto por S. Francisco Xavier, o maior Padre da Companhia de Jezus, que christianizou e aportuguezou uma grande parte do Oriente, e ser o primeiro livro que se imprimiu na typographia do Collegio de S. Paulo ou Seminario da Santa Fé em Goa, pagasse tambem uma avultada quantia?

O já mencionado Padre Francisco de Sousa, autor do «Oriente Conquistado», referindo-se á catechese que fazia em Goa frequentemente o Apostolo das Indias, diz: «Para commodo dos meninos, compoz Xavier um tratado da Doutrina Christã, que se imprimiu em Goa no anno de 1557». O eminente academico, Conde de Ficalho, no seu livro «Garcia da Orta e o seu tempo», aceitando o que foi transmittido neste sentido pelo erudito chronista da Companhia de Jezus, diz: «Aos Jesuitas se deve tambem a introducção da Imprensa na India. No anno de 1557, sahia dos seus prelos um compendio da Doutrina Christã, composto pelo Padre Mestre Francisco Xavier». E finalmente o douto bibliographo e erudito escriptor J. A. Ismael Gracias, no seu, magistral livro, «A Imprensa em Goa nos seculos XVI, XVII e XVIII», presume que o irmão João de Bustamante, que em 1556 veio a Goa em companhia de outros insignes jezuitas, e nomeadamente Dom João Nuns Barreto patriarcha de Ethiopia e Dom Gonçalo da Silveira, segundo

refere o dito Padre Francisco de Sousa, tenha sido o primeiro impressor que veio á India, e imprimiu o catecismo que sahiu no immediato anno; e corroborando suas razões acrescenta: «Se o ensinar a doutrina era, no dizer do Padre Lucena, um dos dons e graças, que Deus fiou da Companhia, parece-nos, que seria sempre mais glorioso para ella instalar o movimento das imprensas, que havia introduzido, publicando um catecismo da doutrina».

Com o auxilio das suas typographias publicaram os Jesuitas na India, muitas obras de incontestavel merito, como chronicas, grammaticas, dicionarios, varios tratados na lingua vernacula e em portuguez, muitas exposições da fé, sermões, praticas religiosas, cartas dos primeiros Padres da Companhia, as constittuições Synodaes, e os concilios provinciaes de Goa; emfim todos os livros impressos na India Portugueza nos seculos XVI e XVII, sahiram das imprensas dos Jesuitas, em Goa; desde o catecismo de S. Francisco Xavier até ao monumental Mapa Mundi, de Fernão Vaz Dourado, e os celebres Colloquios dos simples e drogas medicinaes do Dr. Garcia da Orta, onde vem logo depois da dedicatoria do auctor, uma poesia, dedicada por Luiz de Camões, ao Vice-Rei Dom Francisco Coutinho, conde de Redondo; e o referido erudito escriptor J. A. Ismael Gracias, mencionando este facto, no seu já citado livro, diz: «Parece averiguado que esta seja a primeira poesia impressa de Camões, que ao tempo da publicação do livro do Dr. Garcia da Orta, se achava em Goa, para onde veio no governo do Vice-Rei D. Affonso de Noronha. E' mais um facto de que devem gloriar-se as imprensas de Goa, porque deram antes de todas, publicidade aos inspirados versos do principe dos poetas portuguezes».

Honra seja ao Collegio de S. Paulo ou Seminario da Santa Fé de Goa, onde com todos os fóros da primacial

grandesa funcionou a primeira imprensa introduzida pelos Jesuitas na India!

Estava por consequencia plenamente justificado, que no frontispicio deste Collegio em Goa, se puzesse o distico, que mais tarde se mandou collocar em lettras de oiro sobre o portico das casas de João Von Guttemberg em Metz — *Et lumiere fut*. Mas esse monemental Collegio, repositorio de tao saudosas e honrosas tradições portuguezas, infelismente hoje já não existe!! E, que segundo se exprime Diogo de Couto, foi «um dos collegios sumptuosissimos que os padres da Companhia tiveram pelo mundo dos principaes».

Sucederam aos jesuitas os theatinos, os dominicanos, os Agustinianos, os oratorianos e de outras ordens religiosas, que manda a justiça dizer que prestaram serviços inolvidaveis á Patria e á Religião. Devido a esses obreiros as missões portuguezas atingiram um ponto culminante a ponto de os estrangeiros ficarem admirados dos beneficos resultados obtidos por esses evangelisadores, tributando-lhes a sua elevada consideração.

No principio do seculo XVII, possuiamos nas Indias Orientais, alem da provincia eclesiastica metropolitana de Gôa, vastissimas missões, que comprehendiam Arabia Feliz, a Persia, o Afgnistan, Cabul e Lahore, o Tibet, Scinde, a Tartaria central, toda a India e Ceylão, as Maldivas, os reinos de Nepal, o imperio Birman, o Pegú, a peninsula Malaya, as ilhas de Sumatra, Sunda, Batavia, as Molucas, os imperios da China e do Japão, o reino de Siam, a Tartaria Oriental, a Cochin-China, Tonkin e o reino da Corêa, por onde os missionarios portuguezes pregaram o Evangelho e engrandeceram o nome de Portugal.

Em summa desde o seculo XV até ao meado do

seculo XVIII as nossas missões, representavam o maior florão da nação portugueza; mas como as mais belas instituições estão sujeitas ás contrariedades e vicissitudes, d'elas não foram tambem isentas as missões portuguezas. Ás épochas felizes do seu engrandecimento e prosperidade, sucedeu um periodo anormal, caracterizado por numerosas dificuldades que se não faziam prever, pois a expulsão dos jesuitas de Portugal e seus dominios em 3 de Setembro de 1759, e mais tarde em 1835 a extinção das ordens religiosas, foi um calamitoso desastre para aquelas florescentes christandades, e causaram-lhe verdadeiras ruinas.

O sabio e virtuoso D. Ayres de Ornelas, que tanto perlustrou o solio Archiepiscopal e Primacial do Oriente, referindo-se no seu monumental livro «OBRAS» ao Collegio de São Paulo ou Seminario da Santa Fé diz: «No extremo quasi da Cidade pelo lado do Sul, vêdes esse montão de ruinas? Vêdes erguer-se no meio d'elle, coberto de verdura, enredado de heras o frontispicio mutilado d'uma Egreja? E' o que resta do Collegio de São Paulo, é o que deixaram o tempo e os homens, mais destruidores que o proprio tempo, do famoso Collegio da Santa Fé, merecido e apropriando nome dado a tal Casa». Ninguem saberia dizer mais e melhor!

Não é necessario vingar as ordens religiosas da injustiça, que se lhes faz, acusando-as de inimigas do progresso nas sciencias e nas artes. Quaes são no Oriente, e principalmente na India Portugueza, os monumentos mais importantes e que ainda excitam a curiosidade e admiração, dos viajantes extrangeiros e entendidos? São unicamente os monumentos religiosos da Egreja Catholica — monumentos aos quaes, de uma maneira singularmente portugueza faz referencia nas suas «JORNADAS» o genial talento de Thomaz Ribeiro, o maior lyrico depois de Camões, cho-

rando com endeixas dos seus inspirados versos, sobre as ruinas da Velha Gôa «Ubi Troya fuit» pela seguinte forma: «No templo de Bom Jesus onde se guarda o tumulo do Apostolo das Indias, e recebendo dele o bastão, tomou posse do governo geral do Estado da India portugueza o honrado, o zeloso e intelligente visconde de São Januario. Eu de volta á minha habitação, impressionado com o que vira, escrevi estes versos, com cuja reprodução termino a primeira parte das minhas JORNADAS:

A VELHA GOA

Eis a cidade morta, a solitaria Gôa!
Seis templos alvejando entre um palmar enorme!
Eis o Mandovy—Tejo, a Oriental Lisboa!
Onde em jazigo regio, imensa gloria dorme.»

. . . .
. . . .

Tomaz Ribeiro refere-se ao bastão, que recebendo das mãos de São Francisco Xavier, o Visconde de S. Januario tomou posse do governo geral do Estado da India Portugueza.

Vejamos agora, como e quando esse bastão foi parar ás mãos do grande Apostolo.

Em 25 de Novembro de 1683, o Vice-Rei Conde de Alvôr, numa dificilima conjuntura, quando o terrivel inimigo Sambagy, no silencio da noite descendo os Gates, marchava sobre Gôa com 24 a 25 mil guerreiros, e que trazia atraz de si um exercito inumeravel dos Mogoles conduzido pelo principe Akbar, filho primogenito do Imperador Aurangzebo para colher de surpreza a guarnição da cidade, fôra

depositar o bastão do mando, nas mãos do Santo e dirigindo-se ao seu tumulo com os Religiosos da Casa Professa de Bom Jesus, depois de se resarem as Ladainhas, antifona e oração do Santo se abriu o caixão e o Vice-Rei lhe entregou esse Bastão, a Patente Real e um Papel de sua letra e sinal, no qual em nome do Serenissimo Rei de Portugal lhe cometia o Governo do Estado para que o defendesse e conservasse com o seu milagroso patrocinio. E S. Francisco Xavier fez o prodigio, diante do qual, fugiu espavorido o inimigo, tratando logo de pedir e fazer a paz.

Data d'essa epocha a praxe obrigatoria de os Vice-Reis e Governadores Gerais ingressando pelo Arco dos Vice-Reis que para a honra da civilização se ergue e ainda está de pé, vão à Velha Gôa para no sumptuoso templo de Bom Jesus onde se guarda com a maior veneração e entranhado amor o caixão que conserva há perto de quatro seculos o precioso deposito do corpo do maior conquistador do Oriente — o glorioso Defensor e Patrono das Indias S. Francisco Xavier, no maravilhoso tumulo de finissimos marmores de Italia de diferentes côres, obra prima de Arte Florentina, offerecido em 1655 pelo Grão Duque de Toscana Ferdinando II (Medicis) filho de Cosme II, que conforme Saint-Laurent, começou a reinar em 25 de Fevereiro de 1621 e feleceu em 1665. E, para venerar o maior conquistador do Oriente, que descança nesse sumptuoso tumulo, e de passagem visitar e admirar as ruinas evocadoras de Velha Cidade de Goa, onde em 1871, esteve Sua Alteza Real, o Senhor Infante D. Augusto de Bragança, demandava em 1875, á bordo do formoso Serapis, a entrada do porto da famosa Metropole do Imperio Luzo Oriental, — o então principe de Gales, e mais tarde Rei de Inglaterra e Imperador da India, o grande Eduardo VII, certamente para encontrar mais consolação e bem estar, do

que em todas as ruidosas manifestações de alegria com que foi recebido em toda a India. D'entre os dignitarios estrangeiros merece registar-se em primeiro lugar o sabio e magnanimo marquez de Ripon, que em 1885, foi em peregrinação ao templo de Bom Jesus em Goa como para agradecer ao protector do Oriente, o auxilio que lhe mereceu durante o seu bemdito vice-reinado, recebendo por essa occasião, com admiravel devoção o Sacramento Eucharistico das mãos do virtuoso primaz do Oriente, D. Antonio Sebastião Valente, na capella do tumulo. Ao Vice-Rei seguiram-lhe mais tarde na visita á Velha Cidade e ao tumulo de S. Francisco os governadores das presidencias de Bombaim e de Madrasta, assim como muitas outras personagens de elevadas cathegorias que transitaram pela India.

Será superfluo dizer, que faltando os mestres e as casas, onde eram educados os missionarios, houvesse como consequencia a falta deles — Messis quidem multa, operarii autem pauci — Para um territorio de quatro milhões e cem mil metros quadrados, e uma população de tresentos e cincoenta milhões de habitantes havia um escasso numero de missionarios seculares, e estes verdadeiros benemeritos não se desanimaram, como ainda não se desanimam, antes se consolam, lembrando-se que uma só alma remida com o precioso sangue de Christo, vale mais que todos os seus desconfortos e todos os seus arduos trabalhos.

Em 3 de Julho de 1832, o Santo Padre Gregorio XVI, querendo providenciar á urgente necessidade, criou o primeiro Vicariato Apostolico de Madrasta.

Em 1835, fundou o de Calicut, e enviou sucessivamente á India muitos missionarios religiosos. Durante o Pontificado do Pio IX o Pontifice da Immaculada, foram sempre em augmento as missões religiosas, dirigidas por Vigarios Apostolicos — e como Pae comum dos fieis, e

querendo dar mais uma prova de afecto paternal, celebrou com a Nação Portugueza a Concordata de 21 de Fevereiro de 1857, com o fim de estabelecer a paz religiosa nas missões portuguezas, situadas na India Ingleza.

A 17 de Janeiro de 1863, chegou a Gôa Monsenhor Fre. Salvatore Sabba d'Orsieri, Arcebispo titular de Cartago, nomeado Comissario pontificio para a circunscripção das dioceses da India, na forma da referida Concordata, e que levava como seu secretario Monsenhor Howard (que mais tarde foi promovido á alta dignidade de Cardeal); indo junto, com o comissario portuguez Conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que levava como seu secretario e então guarda marinha, Augusto de Castilho, mais tarde o prestigioso Almirante da briosa marinha Portugueza, percorrer as missões.

Os dois altos comissarios sahiram de Gôa a 3 de Março do dito ano. Pouco ou nada chegaram a fazer por ter falecido Monsenhor Sabba em Nilghiris Hill. (Otaccumund) a 29 de Maio de 1863.

Interrompida a execução da Concordata, continuou o Statu quo ante, e as missões portuguezas estiveram sujeitas, como dantes, á jurisdicção extraordinaria dos Senhores Arcebispos de Gôa, concedida pela Santa Sé ad tempus — e assim essa jurisdicção foi exercida a partir de 1863, até 23 de Junho de 1886, por trez grandes homens, que avultam com excepcional relêvo, pelo que tem de forte e de complexo no Episcopado portuguez — D. João Chrisosthomo d'Amorim Pessoa, Dom Ayres d'Ornelas e Vasconcellos e Dom Antonio Sebastião Valente, os quaes pela sua notavel prudencia, sabedoria e virtude deixaram no Oriente vestigios indeleveis de sua passagem.

Uma situação d'estas não podia continuar e a Providencia nos seus insondaveis designios, fazia surgir como

estrela de primeira grandesa a fulgurante personalidade do Sabio Leão XIII, o qual na sua augusta qualidade de supremo Chefe da Egreja Catholica Apostholica Romana, tomou em devida consideração a carta authografa de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, que na sua qualidade de Monarcha Fidelissimo, intercedia ao Vigario de Christo na terra, que houvesse por bem, pôr termo ao estado provisorio em que se encontravam as missões do Padroado portuguez na India.

Ao elevado criterio e privilegiada inteligencia de Leão XIII, não escapou a justiça da suplica do Rei Fidelissimo, o qual n'essa mesma ocasião, nomeava o eminente jurisconsulto, Conselheiro João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, embaixador de Portugal junto da Santa Sé para negociar a Concordata. Felizmente essa Concordata celebrada entre Portugal e a Santa Sé a 23 de Junho de 1886, veio definitivamente pôr termo á esse periodo inquietador.

O espirito extremamente recto, conciliador e magnanimo de Leão XIII, instituindo, pela sua Constituição HUMANAE SALUTIS AUCTOR, a Hierarchia Eclesiastica nas Indias Orientaes, fez justiça a Portugal confirmando os antigos e seculares privilegios concedidos pelos seus predecessores, com as modificações aconselhadas pela mudança dos tempos, e de varias circunstancias e elevando o arcebispado de Gôa e primaz do Oriente á alta dignidade de Patriarchado das Indias Orientais, com o privilegio de presidir aos concilios provinciaes de todas as Indias, sendo o sabio, Arcebispo D. Antonio Sebastião Valente, o primeiro que se intitulou — Patriarcha das Indias.

E como penhor do seu entranhado afecto pela nação portugueza, restaurou não só as antigas dioceses de Cochin creada em 1558, por Paulo IV, sendo vice-Rei da

India D. Constantino de Bragança, e de Meliapor creada em 9 de Janeiro de 1606, por Paulo V, sendo vice-rei da India D. Martim Afonso de Castro; mas ainda creou a nova diocese de Damão, concedendo ao seu bispo, o titulo de Arcebispo de Cranganore, recordando a que fôra creada em Angamale por Clemente VIII, no ano de 1601 sendo arcebispo de Gôa e primaz do Oriente D. Fr. Aleixo de Menezes e transferida por Paulo V para Granganore em 1609 e ficou comprehendendo, atem dos territorios portuguezes de Damão e Diu, onde apenas existem cinco egrejas e 1.865 catholicos, a parte do districto de Baroche ao sul do rio Norhadda, os districtos de Surrate e do Conção septentrional, a ilha de Salcete, e tambem o grupo por muitos titulos importante, das christandades que existem na cidade e ilha de Bombay, com suas ricas egrejas, capellas e importantes estabelecimentos de umas e outras dependente. Nestas condições a diocese de Damão quasi toda continua ficou abrangendo uma população superioı a 50.000 almas.

A Hierarchia Eclesiastica, nas Indias Orientaes, instituida pelo sabio Leão XIII, em 23 de Junho de 1886, foi posta em execução em 19 de Janeiro de 1887 pelo Delegado Apostolico Monseigneur Antonio Agliardi, então Arcebispo de Cezarêa e mais tarde promovido a Cardeal, que levava como auditor da Delegação Mgr. Andrea Ayuti, mais tarde Delegado Apostolico, e depois Nuncio em Lisboa e finalmente Cardeal, e como secretario Mgr. Zaleschy, mais tarde Delegado Apostolico e depois Patriarcha de Antiochia

Foi imensamente grande o dominio portuguez na India. Vicissitudes do tempo circunscreveram os limites d'esse dominio, synthetisado hoje nas prossessões de Gôa, Damão e Diu, a que está ligado o perduravel nome do

heroe puro, da primeira grandeza, singular entre os maiores, suprema representação da honra, o famoso IV Viso-Rey da India, D. João de Castro, o qual com toda a grandeza epica dos quadros de guerra expulsou da India os turcos, que sob a nefasta direcção do renegado Coge-Çofar, impediam fortemente a pregação do Evangelho.

Em 11 de Novembro de 1546, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho, Bispo Turonense, apareceu D. João de Castro vestido de armas brancas com toda a magestade. Celebrou-se Missa em um altar patente a todos, para que ao Deus dos exercitos se pedisse a vitoria. Commungou o Viso-Rei, e a maior parte dos soldados, e o Custodio dos Franciscanos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, e depois de mandar tirar as portas da Fortaleza, e guisar com ellas um almoço aos soldados, para que a confiança do Viso-Rei, e a desesperação de algum abrigo, igualmente servissem á vitoria, fazendo-lhes o pelejar preciso por gloria ou por necessidade disse aos soldados:

«Entramos em uma batalha, onde vencidos honraremos nosso Deus com o sangue, vencedores nosso Rei com a vitoria. A força do exercito inimigo são Turcos e Janizaros, os quais como soldados mercenarios buscam a guerra, aborrecem a peleja. A outra parte se compôe de nações differentes, o soldo os obriga a estarem juntos, mas não a estar conformes. Não são estes mais valorosos que seus pais e avós; não serão mais felizes; a todos sugeitaram nossas armas. Este Imperio da Asia é filho de nossas vitorias, criamol-o em seu primeiro berço, sustentamol-o agora já robusto que depois de largas edades nos ha-de mostrar ao mundo com o dedo a fama deste dia. Animar a batalha, fôra esquecer-me que somos portuguezes».

E depois desta fala com o braço forte deu a batalha e

conseguiu ver morrerem cinco mil mouros, em que entravam Rumecão, Alucão, Accedecão e outros turcos de nome, ficando seiscentos captivos que depois serviram ao triumpho, faltando dos portuguezes trinta e ficando quasi trezentos feridos. Foi assim que D. João de Castro, removeu por completo, o forte impedimento que os turcos punham para a dilatação da Fé na India.

E para que se possa fazer ideia dos ilustres feitos de armas dos nossos capitães e das suas conquistas com que tanto exaltaram o nome portuguez, abramos a brilhante historia ultramarina e na Vida de D. João de Castro, escripta pela auctorizada penna de Jacinto Freyre de Andrade, lêamos o seguinte discurso de Coge - Çofar, que renegando a religião catholica em que tinha sido baptisado, e ainda a Europa sua patria onde tinha nascido se fizera cultor de Mafamede, e dirigido ao Soldão Mahamud Rei de Cambaya:

«Com o sangue de Badur receberam as armas portuguezas a maior fama do mais atroz delicto, e deixamos-lhes na mão a espada com que nos degolaram o Rei, para que com ela mesma nos usurpem o reino; tiremos pois de entre nós, estas viboras nascidas no extremo ocidente para inficcionar a Asia toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que elles chamam victorias. E começando n'aquelle primeiro Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Oriente, deram fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o primeiro, a quem cortou seu ferro. As naus de Meca que no amparo do Profeta, e paz das ondas navegavam seguras, foram assaltadas e rendidas deste feliz corsario, que tantos annos, como monstro do mar, teve por casa as ondas e por abrigo os ventos e as tormentas. Depois aquelle D. Francisco de Almeida, que em um só dia e com o mesmo golpe destroçou as armadas do Egypto e Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, pareceu que queria beber o

sangue do Oriente todo, se um Albuquerque, successor de sua crueldade e seu governo, lhe não viera a tirar das mãos a espada. Este nasceu para injuria de todas as monarchias; porque com senhoriar Malaca, poz a todo o Sul freio; rendeu Ormuz, emporio das riquezas do mundo; tomou Gôa ao Sabayo para cabeça do seu tiranisado imperio, e sem trazer os exercitos de Xerxes, ou Dario, fez tributarios mais reinos, do que trazia soldados; levantando o pensamento a querer tirar de Meca o corpo do Profeta, poz em concelho mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egipto, empreendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias, uma ao Ceu, outra à natureza. Não poderei referir a ambição de tantos que com nossas injurias se fizeram ilustres, porque temo me não caiba no tempo ou na memoria; porem lançae pelas mais remotas partes do Oriente a vista, ou juizo, e vereis a maior parte do mundo receber leis de poder tão pequeno. Eles navegam daquela parte de Africa que corre do Cabo de Boa Esperança até às portas do estreito do mar Roxo, dominando por aquela parte Moçambique, Çofala, Quilôa e Mombaça; e discorrendo o Cabo de Guardafui, olhando para as gargantas do mar Roxo, Aden, Xaél, Herit, Caxem. Temem suas armndas as cidades de Dofar e Norbete, no Cabo de Fartaque, e logo Curia, Muria, Rozalgate. Aqui fica a cidade de Ormuz, ali a ilha de Queixome, Curiate, Calayate Marscate, Orfacão e Lima; o Cabo Mocadão e Jazque, que formam a boca do estreito, que se estende até ao rio Indo. Logo o Cabo Guzarate e Cinde nesta nossa Cambaya, da qual depois de nos expulsar se apossou D. João de Castro, e donde até o Cabo de Comori passeam suas armadas a India por espaço de 300 leguas; e começando desta nossa cidade de Cambaya discorrem por Madigão, Gandar, Baroche, Surrate, Reyner, Moscarim, Damão,

Diu, Trapor, Baçaim, Chaul, Bador, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão, Tamega, Banda, Chaporá.

Senhoream Gôa assento de seus governadores, e logo o maritimo do Canará, com Onor, Baticalá, Braçalôr, Bracanôr Mangalôr, e logo aquela parte principal do Malabar, que frequentam suas frotas, onde está o reino de Cananôr, e n'elle Catecoulão, Marabia, Tramapatam, Maim, Parepatam, com não menos soberba assombram o imperio de Calecut, com seus portos de Pandarane, Tanor, Panane, Balençor e Chatua. Nos reinos de Cananôr e de Cochim, quasi dominam com absoluto imperio em Porcá, Coulão, Calecoulão, Dotorá, Birijam e Travancor.

Alcança o respeito de suas armas até o famoso Cabo Comori, defronte do qual está a ilustre ilha de Ceilão onde carregam as naus de diferentes drogas. Não perdoam à enseada de Bengala, ou seio do Ganges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande, Chercapale Tutucuri Colecare, Beadalá e Canhamorra. Correm Negapatam, Nabor, Trimipatam, Tragumbar, Coloram, Calapate e Sadropatam. Amedrontam com a multidão e grandeza de de seus baixeis, Bisnagá, a costa brava de Orixa e toda aquela distancia, que ha de Segaporá até Oristão. e as bocas dos Ganges. Atravessam o cabo de Negraes, Arração, Pegú, com tantas e tão maravilhosas ilhas. Passam por Vagatu, Martavão, Tagala, Favay, Tanaçary, Lungur Tairão, Quedá e Solungor, navegando até a sua Malaca, cabeça de todo aquele arquipelago. E logo dobrando o cabo de Sincapura, ancoram nos portos dos reinos de Sião, Combodgue, Champá e Cochinchina. E passando aos reinos da China, se atreveram a olhar aquele tão recatado imperio, que nunca sofreu a comunicação de gentes estrangeiras; ali fundaram a celebre cidade de Macáu, por onde

persuadem aös chins os misterios da sua crença, fazendo juntamente do comercio á Religião escada.

Daqui se divertem para as inumeraveis ilhas de Japão, visitando Tava, Timor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios; de sorte, que as velas portuguezas com incansavel navegação rodeiam a mór parte do mundo, em distancia de mais de nove mil leguas, que a tão ardua navegação os estimulou, sua ambição e guiou sua fortuna.»

A ave de rapina não tem maior difficuldade em largar a presa, do que o turco largar a sua religião e mais o seu proselytismo; e d'ahi não obstante ter sido pelo braço forte de D. João de Castro expulso do reino da Cambaya em 1546, quiz ainda em 1559, tentar o combate, para lhe ser menos vergonhosa a derrota. Quando ainda não estavam extinctos os echos da heroica façanha portugueza na expulsão dos turcos, soube-se em Gôa, que o Abissinio Cidi Bofatá, com 3.000 soldados estava occupando a Cidade e a Fortaleza de Damão, dentro da qual se erguia a soberba mesquita do reino da Cambaya, que antes da intrusa dominação turca, foi pertença do grande rei Poro, ao qual no Canto Setimo, Estancia XXI se refere o nosso Epico:

> «O reino da Cambaya bellicoso
> Dizem que foi do Poro rei potente.»

O quinto Vice-Rei da India D. Constantino de Bragança, assim que teve conhecimento da inesperada tentativa do turco, sahiu de Gôa em principios de Janeiro de 1559, no Galeão São Matheus, com uma armada de cem velas para conquistar a Cidade e a Fortaleza de Damão, e contra toda a espectativa do Cidi, que esperava o ataque somente por mar, foi este feito tanto por mar como por

terra, e o inimigo vendo-se perdido, tratou de salvar a sua vida, retirando-se da Fortaleza para a outra banda do rio. O vice-rei assenhoreou-se da Fortaleza e da Cidade de Damão em 2 de Fevereiro de 1559, dia da Purificação de Nossa Senhora, e em agradecimento de tão grande victória, quiz que se cantasse com toda a solemnidade uma Missa. Procurou para isso um sacerdote, de alguns que levava consigo; porem nenhum delles estava em jejum, pensando, que o assalto duraria até ao sol posto, a não ser o Padre Provincial, Doutor Dom Gonçalo da Silveira, jesuita de vida muito austera, que se tinha preparado para a batalha com as armas de abstinencia, e estava com inexplicavel alegria fazendo e arvorando cruzes de lenhos toscos pelos lugares mais notaveis da Cidade, em signal da posse da conquista de Damão á Fé de Christo. Quando soube dos desejos do Vice-Rei, o Padre Gonçalo da Silveira mandou alimpar a Mesquista, e depois de a consagrar e converter em Egreja Christã, em virtude das faculdades especiaes que tinha, a collocou sob a invocação de Onze mil Virgens e cantou a Missa em acção de graças, á que assistiram o Vice-Rei, os officiaes do exercito, e os cabos da guerra. A missa foi acompanhada a instrumental pelos alumnos musicos do famigerado Seminario da Santa Fé de Gôa, que tinham vindo em companhia do Vice-Rei. Acabada a Missa se levantou o Vice-Rei e com grande satisfação disse ao Padre Gonçalo da Silveira «Já que nenhum outro se achou senão vossa Parternidade para tomar hoje posse pela Egreja Catholica desta Mesquita de Mafamede, com o divino sacrificio da Missa, eu em nome de El-Rei meu Senhor, faço della perpetua doação á Companhia de Jesus» O Padre Gonçalo da Silveira, aceitou e agradeceu a mercê, e encarregou da Egreja o seu campanheiro Padre Alberto de Araujo, o qual foi o primeiro

superior da Residencia de Damão, que foi mais tarde elevada á dignidade de Collegio, pelo Padre Geral, Claudio Aquaviva, o qual em 1581, lhe enviou uma das cabeças das Onze mil Virgens, companheiras de Santa Ursula, e que foi recebida em Damão com grande solemnidade. Essa Egreja é hoje a Sé Matriz da Diocese de Damão.

Foram certamente estes os ponderosos motivos, que actuaram no espirito altamente justiceiro do sabio Leão XIII, quando criou a nova diocese de Damão, que com as outras duas restauradas — de Meliapor e de Cochim —, fulguraram como pedras preciosas de concordia, na Sua soberana Tiara. Na India, foi essa graça pontificia, recebida com demonstrações de enternecido e filial reconhecimento, e justamente attribuida ao patrocinio e intercessão de São Francisco Xavier.

Foi porisso, e para vènerarem, o grande Apostolo do Oriente, e sobre o seu tumulo pedirem as graças e os auxilios de que careciam, para o bom governo das suas vastas dioceses, que no dia 16 de Abril de 1888, o Metropolita arcebispo de Gôa, D. Antonio Sebastião Valente, e os seus trez novos suffraganeos, o bispo de Damão arcebispo *ad honorem* de Cranganore, D. Antonio Pedro da Costa, o bispo de Melipor, D. Henrique José Reed da Silva, e o bispo de Cochim, D. João Gomes Ferreira, celebraram Missas ao mesmo tempo nos quatro altares, que rodeiam o tão magestoso quão santo ataúde, onde se guardam cuidadosamente as reliquias, de certo, mais preciosas que existem no Oriente. O corpo verdadeiro do grande Francisco de Xavier, Padroeiro e Defensor das Indias.

Desses quatros venerandos Prelados, trez já não pertencem ao ról dos vivos, e unico, que mercê de Deus vive é o Senhor D. Henrique, então bispo de Meliapor e hoje bispo de Trajanopolis.

Raiou, alfim a aurora duma nova era de prosperidade religiosa para a India, prosperidade, que sob a paternal egide do Egregio Pontifice Reinante o Santo Padre Pio XI que tão sabia, quão justamente preside á Egreja Universal, será de perene duração, para a gloria de Deus e para o bem da Egreja.

Dominus conservet eum, et vivificet eum.

III

TENDO narrado com todo o rigor chronologico a benefica acção missionaria portugueza no Oriente e na India, manda a coherencia, que eu me refira tambem aos marcos milliarios, que essa benefica acção deixou na Africa Oriental em Moçambique — nessa Africa hoje tão apetecida — evidentemente por ser «Richest Soil in Africa» como a classifica o Times, uo Suplemento n.º 362, Volume XVI de 13 de junho de 1925.

O Tempo róe os marmores e derriba as columnas, a maior memoria se apaga e se perde, não assim a memoria do bem que é eterna.

A recordação do glorioso passado portuguez, é não só util; mas proveitosa; e d'ahi estando na tela da discussão o grande problema colonial, não deixará de ser oportuna a documentação referente á vasta provincia de Moçambique, onde Portugal, para afirmar o seu dominio temporal, implantou pelo braço potente e esforçado heroismo dos seus filhos o pendão glorioso de quinas e a bemdita Cruz, symbolo augusto da redempção humana, da luz e progresso social — E operou-se tudo isto, quando ainda outras nações

ignoravam onde ficava a Africa, que os portuguezes atravessaram em todas as direcções debaixo de um clima torrido, e pertencente aos da primeira classe, admitindo a classificação de Humboldt fundada nas linhas isotermicas, modificada por Julio Rochard e em regiões onde se distinguem só duas estações no ano, uma que principia na 2.ª quinzena de Setembro, quando o sol no seu movimento aparente se dirige do equador para o tropico de Capricornio e termina na 1.ª quinzena de Março. Nesta quadra de tempo quando o calor atinge o mais elevado grau da escala termometrica, a predominancia morbida é biliosa, reinam febres remitentes quasi sempre complicadas com desarranjos das funções gastro-hepaticas errupções cutaneas, conjuntivites, oftalmias etc.

A 2.ª estação principia na 2.ª quinzena de Março para terminar em 1.º de Setembro e dura o tempo que o sol no seu movimento aparente leva para percorrer o hemisferio norte. É a epoca do tempo algum tanto fresca; a predominancia morbida é catarral; observa-se corysas, bronchites, pneumonias, catarraes etc.

A nossa historia colonial regista, que em 1759, o Governo portuguez querendo conhecer por meio de exploração scientifica o interior da provincia de Moçambique, escolheu para essa honrosa, mas trabalhosa missão o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, capitão de fragata, e que já tinha realisado algumas viagens de exploração no Brazil, e para lhe aplanar o caminho nesta benemerita interpresa foi nomeado governador de Rios de Sena, dando-se-lhe completa independencia do Governo de Moçambique.

Em 3 de Julho de 1778, marchou o grande explorador em direcção ao Cuzembe nos confins de Angola, munido com os instrumentos matematicos que lhe foram fornecidos pela Academia dos Guarda-Marinhas. Tendo superado

todas as dificuldades, a expedição alcançou o lugar do seu destino; mas o Dr. Lacerda, não poude resistir aos padecimentos agravados pela inclemencia da jornada e lá morreu. O padre Francisco Pinto um dos companheiros tomou conta da expedição, e depois de ter permanecido oito meses no Cuzembe regressou á Tete. Parte dos papeis do sabio explorador portuguez salvaram-se como o seu diario que corre impresso; outros perderam-se, e nesse numero estavam porventura os que continham as mais sabias observações scientificas.

O Governo exaltando a obra dele chamou-lhe umas veses grande morto outras o benemerito, e finalmente que ele morreu com o animo interpido no meio da mais heroica tentativa, e constando-lhe que ele havia deixado de mulher indigena uma filha natural e menor, e que levado de sua digna sentimentalidade afectuosa e cristã, não só não a tinha repudiado mas ainda no acto do batismo solene a tinha reconhecido como sua filha, dando-lhe o seu nome para todos os efeitos legais; o governo de então (honra seja feita) sabendo que o Dr. Lacerda tinha morrido pobre determinou, que fosse registado em nome dessa filha o prazo de Massango o melhor que havia no distrito de Tete, e que em quanto tal registo se não fizesse lhe fosse dada uma pensão anual de 200$000 reis.

Infere-se d'aqui, que não foi o interesse mercantil, que fez desembainhar a espada dos nossos capitaes, nem tão pouco, fez guiar os passos firmes dos nossos missionarios. Tanto uns como outros, suportando todas as intemperies do clima e vencendo todas as dificuldades supervenientes dos sertões africanos, marcaram itinerarios de penetração, que serviram de guia áqueles que depois d'eles percorreram alguns d'esses caminhos. No seu arrojado programa, Portugal como povo colonisador, e unico nos fastos das nações

coloniaes, imprimiu-lhe todos os defeitos e todas as nobilissimas virtudes da raça e excluindo por completo o utilitarismo, sem energia e sem coragem que tudo tem invadido, adulterado e pervèrtido, incluiu como factores bazilares, o ideial patriotico e o ideial religioso; mas para que desse programa que deixou na sua passagem um sulco profundo e luminoso, marcando uma epocha na historia da civilização se tire o resultado pratico, ê indispensavel que tenhamos a fé — sem ela não podemos crer nos homens, que nos precederam, não podemos crer nos factos que sucederam antes de nós, não podemos crer na geografia que nos fala das regiões, que nunca vimos, nem percorremos. — A Sociedade apresenta-nos um grande livro, a «Historia», que nos narra os feitos e as glorias dos grande homens e os heroes da nossa patria, as suas virtudes, as suas victorias; e nós devemos crer. Mas tirai-nos a fé e eis-nos sem antepassados, sem memorias, sem familia, sem o passado.

Isto assente aproveitemos do passado o que ele tinha de nobre glorioso e grande e trabalhemos para o futuro, que pode ainda ser nobre e opulento se tivermos a coragem precisa para vencermos as dificuldades do presente.

Na vasta provincia de Moçambique deixaram indeleveis vestigios de conquista, de heroismo, de administração, de colonisação, de magistratura, de medicina, de exploração, de viagens sertanejas e de expedições scientificas — portuguezes ilustres cujos gloriosos nomes não é licito a um homem civilizado ignora-los sem pêjo. Os esmaltes não acrescentam quilates ao ouro, nem este, valor á finesa do diamante; e dahi ignorar as titanicas façanhas de eterna memoria, que exaltam o glorioso passado portuguez, nem honra o coração nem justifica a inteligencia.

Paralelamente e a par desses nomes estão tambem registados os nomes dos humildes missionarios que como bons

portuguezes trabalharam na christianisação e civilização dos povos que êsses heroes haviam conquistado. A obra destes missionarios foi toda modelada nos ensinamentos de Jesus Christo e como tal deve ser continuada porque ela transformou o mundo economico produzindo, posto que pacificamente, todos os frutos de liberdade e de igualdade baseados no Evangelho.

Alexandre Herculano o nosso primeiro historiador no seu livro Meditações de Jesus, escreve assim: «As gerações que te precederam, ó Jesus e a que te rodeava, estavam como um cadaver gangrenado — a civilização era um ouropel, a vida um materialismo insensato. A sociedade fôra até a tua vinda uma mentira; um engano cruel, continuaria a ser, se tu, ó Cristo, não tiveras vindo para a transformar com a tua sabedoria celeste. Quanto hoje é gloria dos grandes povos, tudo tu viste nascer da tua palavra; o facho que acendeste, foi que alumiou o mundo. Hoje Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina; a philosophia actual ergue sobre as ruinas dos sistemas passados o labaro da tua philosophia».

Ve-se d'aqui que as instituições fundamentaes receberam do christianismo influencia directa. Antes do christianismo as escolas surgiam como esperança e passavam como desegano; nenhuma salvava a sociedade. Só foi ouvida pelo povo a philosofia simples baseada na pratica de Christo e transmitida pelos apostolos. Só esta doutrina se conservou victoriosa, acompanhando a Sociedade em todos os seculos e em todos os povos onde uma vez entrou.

Conseguintemente essa doutrina, que foi a origem da nossa ancestral grandesa deve ser conservada e continuada como padrão imorredoiro na nossa vasta provincia de Moçambique.

Parece que em 1497, o ilustre portuguez João Peres da Covilhã visitou a ilha de Moçambique e a Costa de Sofala. Em um de Março de 1498, lançou ferro n'esse porto a armada de Vasco da Gama, glorioso descobridor da India, assentando paz com o Xeque Cacoeja, que governava a ilha bastante populosa e frequentada de navios, em nome do rei de Quilôa, porem só em 1506, é que foi ocupada definitivamente, e no ano seguinte Duarte de Mello levantava n'ella fortaleza e a Egreja, a primeira desta Costa.

Pedro Alvares Cabral, seis anos antes destacou d'este ponto, Sancho de Toar, afim de reconhecer a costa e o rio de Sofala. Porem, a primeira feitoria portugueza, ali, data de 1506, ano em que Pedro de Annaya levanta a fortaleza e provavelmente a Egreja.

Ahi temos pois, que desde o inicio, o padre acompanhou o Capitão, este conquistando e aquele christianizando, e ambos dilatando o Imperio e a Fé.

Em 1542, o glorioso Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier espera em Moçambique a monção propria para se dirigir á India, empregando durante os meses da demora o seu zelo inexgotavel na conversão dos mouros. A evangelização propriamente dita coincide com a expansão da vida portuguesa no interior das terras, sobretudo no Vale do Zambeze, e só principia com a primeira missão dos Jesuitas, composta do Padre Dom Gonçalo da Silveira, doutor em Teologia, do Padre Fernandes e do irmão coadjutor André da Costa. Esta missão partindo de Gôa, a Metropole do Imperio Luso-Oriental, em Janeiro de 1560, chegou á Moçambique em 5 de Fevereiro do mesmo anno.

Pouco depois, esta missão seguiu para Inhambane e interior da Africa, e, entrando por Quelimane, continuou por Zambeze, logrando converter muitos africanos, entre

os quais o rei de Otangué, a quem baptisou com o nome de D. Constantino, á rainha com o de D. Catarina, a sua irmã com o de D. Isabel, os filhos do rei e outros vassalos principais.

Estas conversões representam as primicias das christandades indigenas da Africa Oriental. As informações trazidas pelos sertanejos portuguezes que, partindo primeiro de Sofala, e desde 1544 de Quelimane se haviam estabelecido em Sena e Tete e no vasto imperio do Monomotapa, ao sul e oeste do Zambeze, attrahiram o zelo ardente do Padre Silveira, que deixando em Otangué o Padre Fernandes marcha pelos rios de Cuama e no dia primeiro de Janeiro de 1561 entra na cidade Imperial, ou Zimbaoé do Monomotapa, á dar-lhe os bons annos com a luz da Fé. Tanto que o Imperador soube da sua vinda, o mandou vizitar, pelo portuguez Antonio Caiado, seu grande valido e Capitão das Portas, e como estava informado de sua muita virtude e nobreza, lhe fez um valioso presente de bois, vaccas, ouro, marfim, milho e criados para o servirem. O Padre Silveira, regeitando tudo, excepto um pouco de milho necessario para o seu sustento, lhe mandou dizer, que de Antonio Caiado poderia Sua Magestade, informar, quaes fossem as riquezas, que de tão longe, e com tantas fadigas viera buscar ao seu Imperio. Ficou o Imperador admirado a vista de tão generoso desapêgo, e nunca visto desinteresse naquelle paiz, e por esta razão, e ainda pela sua qualidade de nobre o recebeu com tantas significações de respeito, e benevolencia, como se lhe entrasse em casa o maior homem do mundo. Mandou-o entrar calçado, contra o estylo observado com os mais portuguezes, na propria camara onde dormia, na qual não entrava senão os Principes de sangue real, fêl-o sentar em uma *quita* isto é tripeça ao seu lado, ficando de outra

parte a Imperatriz sua Mãe; e para ser magnanimo nas dadivas lhe perguntou logo, quantas terras queria, quantos bois, quantas vaccas, quantos criados, quanto marfim, e quanto ouro. Respondeu o Padre Silveira, que nenhuma destas cousas desejava senão a alma de Sua Magestade. Que não se deixa vencer daquillo, que a todos vence.

Replicou o Imperador com grande espanto, que via junto de si o maior homem de todos, e depois de falarem longamente sobre diversas materias, o despediu com palavras de singular amor e cortezia. Serviu de interprete nesta primeira audiencia o Capitão das Portas Antonio Caiado, que estava de pé no umbral da porta. No dia 25 de Janeiro do mesmo anno, dia da conversão de São Paulo, depois de serem devidamente instruidos, foram baptisados solemnemente, e no fim da missa, dita na Capella armada na residencia de Zimbaoé, o Imperador com o nome de D. Sebastião, e a Imperatriz sua mãe com o nome de D. Maria, e mais 300 grandes da Côrte de Monomotapa. A offerta imperial foram cem bóis, que o Padre Silveira mandou logo matar e destribuir pelos pobres, assombrandó-se a côrte de tão estupenda liberalidade.

Pouco depois os mouros que traficavam, no vasto Imperio do Monomotapa, onde abundava ouro e marfim, chefiados pelo mouro *Mingames* natural de Moçambique e Caciz-mór da sua seita, vendo os progressos da Fé, e a gloria dos Portuguezes, urdiu uma intriga e fêl-os conjurar, contra a preciosa existencia do Padre Silveira, falando-lhes da seguinte forma: «Mas se todos os Cafres se fizeram christãos como o Imperador e a sua côrte, todos hão de ser portuguezes, e teremos eternamente outro Portugal na Cafraria. E se isto assim suceder como vão mostrando estes principios, onde havemos de escapar do entranhavel odio e mortal inimisade, que esta nação pro-

fessa, contra a verdade da nossa lei, e contra os dogmas do nosso Alcorão?...»

E d'ahi foi decretada a morte do Padre Gonçalo da Silveira, e entrando pela calada da noite, na sua residencia oito cafres capitaneados pelo cafre *Mocrumes*, e encontrando-o a dormir revestido de sobrepeliz e estola, pois andava assim sempre prompto para o desenláce, que já o esperava, o martyrisaram atrozmente, estrangulando-o com uma corda, antes da meia noite do dia 15 de Março de 1561, tendo antes de morrer deitado torrentes de sangue pela bôcca e pelo nariz, e sendo o seu corpo atirado depois em uma lagôa, donde nasce o rio *Mocengueze*.

A desgraça, que fere os grandes genios nas suas tentativas, não tem originalidade e é sempre lugubre e cruciante. Quantas agonias não precedem o ultimo estertor desses genios!

Para martyres como este ha sempre um lugar escolhido na vida eterna.

Foi assim morto, tendo apenas 35 annos de edade, e em odio da fé pelos cafres instigados pelos mouros o primeiro e grande missionario portuguez da nossa Africa Oriental, sellando com o seu sangue as verdades que pregara, e mais uma vez se cumpriu o que Tertuliano dissera: «O sangue dos martyres é semente de novos christãos».

Vejamos agora quem foi o Padre Dom Gonçalo da Silveira, áquem Deus destinou para primeiro Apostolo do imperio do Monomotapa.

Nasceu este grande jesuita em Almeirim a 23 de Fevereiro de 1526, sendo decimo filho de D. Luiz da Silveira, illustre conde da Sortelha, Alcaide-mór de Alemquer, e fidelissimo capitão da guarda de El-Rei D. João III, e de Dona Brites Coutinho, filha daquelle marechal D. Fernando Coutinho, que morreu em Calecut. Sua mãe falleceu trez

dias depois de o dar á luz, e seu pae morreu, quando elle tinha ainda poucos annos de edade, ficando então Dom Gonçalo entregue aos cuidados de sua irmã D. Filippa de Vilhena, casada com D. Alvaro de Tavora, Senhor do Mogadouro.

Estudou grammatica com os religiosos Franciscanos do Convento de Santa Margarida, situado nas raias de Castella, e depois de bem instruido na lingua latina e muito mais nas virtudes foi mandado por seu irmão D. Diogo da Silveira para Coimbra, onde na edade de 17 annos e levado do raro exemplo de virtudes em que resplandeciam os fundadores do Collegio dos Jesuitas se delliberou a entrar na Companhia no anno de 1543. Acabado os seus estudos de Filosophia e Theologia com singular adiantamento nas lettras, doutourou-se na Faculdade de Theologia, e depois de missionar algum tempo em Portugal para exercitar na predica, foi nomeado o primeiro Preposito da Casa Professa de São Roque de Lisboa. Revelou-lhe Deus, que havia de morrer martyr. Para poder conseguir esta corôa á que Deus o tinha predestinado, alcançou licença do Santo Patriarcha Ignacio, partiu de Lisboa para a India no anno de 1556. Logo que chegou á Gôa, foi por unanimidade escolhido para o mais elevado cargo de sexto Provincial da India na ordem dos tempos, e o segundo por patente de Santo Ignacio, que nenhum teve antes delle, senão São Francisco Xavier. Depois de completar os trez annos do seu governo e prestado na India revelantes serviços partiu para a Missão da Cafraria, e aportou á Moçambique á 5 de Fevereiro de 1560.

Fôra Luiz de Camões, grande amigo do Padre Gonçalo da Silveira, e encarregou-se de lhe perpetuar a memoria, consagrando como epitafio no Canto X a seguinte Estancia XCIII:

«Vêde do Monomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua;
Onde Gonçalo, morte e vituperio
Padecerá, pela fé santa sua.
Nasce por este incognito hesmisferio
O metal, porque mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo tambem vindo está Cuama.»

Portuguezes! Considerae que não é a pena que faz o martir, mas sim a causa por que se sofre o martirio e a causa que prôvocou o martirio do Padre D. Gonçalo da Silveira foi o proposito que havia feito de dilatar a fé de Christo e de engradecer a Patria Portuguesa. Outros tinham ficado desanimados com esse lugubre e inesperado acontecimento, não assim os exercitados discipulos do grande mestre, que foi o heroico capitão da batalha de Pamplona, Santo Inacio de Loyola, e d'ahi, quando em Gôa constou ao superior dos Jesuitas, que mais um martir havia ganho a palma que nunca murcha; e que esse martir era o portuguez Padre D. Gonçalo da Silveira fez, apressar a vinda de novos missionarios para tomarem o lugar do que tinha caido no campo, onde o seu heroismo o colocara.

Alem do martir, padre D. Gonçalo da Silveira são dignos de menção entre dezenas os nomes dos padres Antonio Carneiro, Pinheiro de Faria, Pedro da Trindade e muitos outros.

Entre esses padres jesuitas que com tanta dedicação e zelo missionaram no vale do Zambeze, é celebre o nome do

padre Luiz Mariano, pela precisa descrição e noticia que nos dá das terras dos povos Maraves ao nordeste de Tete, na sua carta de 1624, em que fala do lago Hemozura ou Maravi, que evidentemente é o Niassa, e do Chiriu, que é o Chire, por onde se vê que mais de duzentos anos antes de Dr. Levingstone, os portuguezes tinham percorrido essas regiões navegando os seus rios e explorando os seus lagos. «Este lago (Niassa) é muito povoado e nós (os portugueses) fazemos grande trafico com os habitantes». São palavras do Padre Mariano.

A esses valentes pioneiros seguiram os arrojados dominicanos, que na provincia deixaram rastos luminosos de sua passagem. prestando relevantes serviços á patria da qual eram subditos, e á religião da qual eram ministros. Em 1569, missionarios jesuitas e dominicanos acompanharam as duas famosas expedições de Francisco Barreto.

Em 4 de Agosto de 1652, dia de São Domingos, Fr. Aleixo do Rosario, depois de instruir na doutrina christã o Imperador do Monomotapa, e toda a Casa Real, e a instantes pedidos seus, administrou-lhes com a maior solemnidade o Baptismo, dando ao Imperador o nome de D. Domingos, á Imperatriz o nome de D. Luiza, e ao Principe herdeiro da corôa o nome de D. Miguel. Baptisaram-se tambem os grandes da côrte e a maior parte do povo. Foi dia plausivel para aquelle Imperio. Passou a noticia a toda a christandade, festejou-se em Roma, como cabeça della, e para imortalizar esta memoria, mandou o Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Fr. João Baptista de Marines, gravar, e esculpir em uma lamina de bronze o baptismo com todas as circunstancias d'elle, acompanhadas de uma inscripção narrativa, em que as explicava; e é a seguinte em idioma Latino:

«Anno 1652 in inferiori Aetiopiae vastae Monomotapae Imperator a Fratribus; Ordinis Praedicatorum Christiana Cathechesi imbutus, interque eorundem manus salutifero baptismi lavacro, palam ab uno ipsorum tinctus; quod Sacra haec functio 4 Augusti diem incidisset, Dominici nomen sibi imponi voluit, spern exinde amplam et concipiens, et faciens, non solos modos Palatinos, ac Proceres ab iisdem Praedicatoribus jampene edoctos; sed et universa Imperii sui Regna propediem Imperatoris sui, atque Imperatricis Luduvicae exemplo Fiderm amplexatura; nec quoad Optimates diu fuit expectationis eventus, sic librante Dei Providentia, ut quando sub Canchri Tropico passim turbata Fidei semina feré exaruerunt, eadem uberius alibi sub Capriconni Tropico adolescant.»

Não foi menor a demonstração, que fez a Provincia de Portugal, como aquella á que de justiça lhe competia semelhante progresso, feito em uma colonia sua. No convento de S. Domingos de Lisboa, como cabeça da Provincia, se celebrou a noticia com a maior demonstração catholica, estando o Senhor exposto, com Missa solemne, a que assistiu com toda a Côrte El-Rei D. João IV, de feliz memoria.

Mais tarde o referido Principe D. Miguel, herdeiro da corôa do Monomotapa, entrou pelos claustros dominicanos a pedir e vestir sua mortalha, pedida com humildade, vestida com alvoroço. Estudou com singular aplicação; e chegando, com não menos capacidade intellectual, a ocupar as cadeiras, passou a conversão das almas dos que o perderam Principe, para o lograrem Mestre; sendo o seu exemplo a mais eloquente persuasiva, que se escutou naquelle Imperio, com igual assombro, e fructo.

O Mestre Geral da Ordem Fr. Thomaz de Rocaberti,

lhe mandou patente de Mestre em Theologia, pelos annos de 1670. Acabou os seus dias em Gôa, sendo Vigario da importante freguezia de Santa Barbara, onde deixou vestigios memoraveis de sua exemplar vida, e de morte placida, como quem se tinha recolhido a ensaiar-se para ella.

E não foi só este Principe, que entrou na Ordem dos Pregadores. Pelo tempo adeante professaram no Convento de São Domingos em Gôa, mais dois Principes, filhos do Imperador do Monomotapa D. Pedro, e da Imperatriz Vondato, que no seculo se chamaram D. Constantino, e D. Christovam, e na Ordem Fr. Constantino e Fr. Christovam.

IV

EXPULSOS os jesuitas em 1759, ficaram na vasta provincia de Moçambique apenas os dominicanos, que em pouco mais de meio seculo, criaram conventos, paroquias e missões acompanhando a toda a parte as expedições militares e estabelecendo-se com o titulo de vigarios nas afastadissimas estações do sul do Zambeze onde a audacia dos portuguezes criava feiras e feitorias, cujas ruinas ainda hoje são a maravilha dos que as visitam.

Fr. João dos Santos, na sua «Cristandade da Etiopia» — depois de narrar a grande actividade desses heroicos tempos, em que a par de dilatação do imperio, se implantava a fé catolica, afirma que em em 1591, só os religiosos de S. Domingos nos rios de Cuama tinham baptisado vinte mil indigenas, tendo no centro e coração do imperio do Monomopata, suas importantes casas conventuais. Quando depois dos meados do seculo XVII, a actividade na exploração mineira e comercial ao sul, e mesmo ao norte do Zambeze era imensa e tinha atingido o maximo da intensidade, os dominicanos tinham estabelecimentos missionarios sem numero em toda a provincia de Moçam-

bique. Atendendo aos grandes progressos, que o christianismo fazia todos os dias n'esse vasto dominio portuguez, e as instancias de Filipe II, Sua Santidade o Papa Paulo V pela sua bula de 21 de Janeiro de 1612 e que principia «In Supereminenti militantis» desligava do arcebispado metropolitano de Gôa o enorme territorio de Moçambique, constituindo-o Prelazia «Nulius» assinando-lhe administrador proprio, com previlegios e regalias especiais, que ainda hoje perduram. Em 1638, o Vice-Rei da India, Conde de Linhares propoz á Sua Magestade, que houvesse em Moçambique um bispo sagrado. Não tendo esta proposta sido satisfeita, os habitantes de Moçambique, pelo intermedio do Imperador do Monomotapa, convertido á fé, pediram instantemente em 1682 á Sua Magestade, que obtivesse da Santa Sé, a elevação da Prelazia de Moçambique á Bispado, e Sua Magestade tendo exigido informação do Vice-Rei da India, este respondeu em 25 de Janeiro de 1684, — «que háver bispo em Moçambique tinha por muito conveniente, porem donde haja de sahir a sua ordinaria o não sabia».

Apezar d'essa informação é ás instancias do Governo Portuguez, a Santa Sé houve por bem, em differentes epochas, confirmar e promover á bispos titulares os seguintes Prelados de Moçambique:

1785 — D. Fr. Amaro de São Thomaz, dominicano, da congregação da India. Foi apresentado em 25 de Agosto de 1782, e no anno seguinte em 18 de Julho, confirmado por Pio VI, bispo titular de *Pentacomia* e prelado de Moçambique; sagrado em Gôa a 25 de Outubro de 1785.

1807 — D. Fr. Vasco José Nossa Senhora da Boa Morte Lôbo, cruzio. Foi apresentado em 14 de Julho de 1804, e confirmado em 26 de Julho de 1805, por Pio VII,

bispo titular de *Alba*, e prelado de Moçambique; sagrado em Lisboa a 25 de Abril de 1807.

1814—D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth, arrabido, nomeado bispo titular de *Leontopoli*, e prelado de Moçambique, para onde não chegou a partir, por ter sido transferido em 1819 para o bispado de Maranhão, de que tomou posse em 11 de Maio de 1820, e dalli em 1824 transferido para o bispado de Coimbra.

1819—D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, carmelita, confirmado bispo de S. Thomé, sagrado no Rio de Janeiro em 28 de Outubro de 1816, transferido para a prelazia de Moçambique por decreto de 10 de Novembro de 1818; tomou posse a 29 de Setembro de 1819. Após 1819, ou seja com uma interrupção de quasi 64 annos, foram tambem confirmados e promovidos á bispos titulares mais os seguintes prelados:

1883—D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, bispo titular de *Lycopolis*, o qual não chegou a partir para Moçambique, por ter sido transferido para o bispado de Angola e Congo.

1884—D. Henrique José Reed da Silva, bispo titular de *Philadelphia*, sagrado em Lisboa na Egreja dos Paulistas (Santa Catharina) a 4 de Maio de 1884.

D. Antonio Dias Ferreira, bispo titular das Termophilas.

D. Antonio José de Souza Barroso, bispo titular de *Himeria*.

D. Sebastião José Pereira, bispo titular de *Epiphania*.

D. Antonio Moutinho, bispo titular de *Argos*.

D. Francisco Ferreira da Silva, bispo titular de *Siene*.

D. Rafael de Assumpção, bispo titular de *Augusta* e actual zeloso prelado de Moçambique —

Não foram só os jesuitas e dominicanos os unicos

missionarios que percorreram em todas as direcções a vasta Zambezia; ao seu lado outras ordens religiosas levaram a boa nova da Fé, com a influencia do nome portuguez ás invias florestas e á mais afastados recantos sertanejos.

O proficuo trabalho desses benemeritos obreiros imprimiu como é sabido de todos, um cunho sem par nos seculos XVI e XVII, a prospera acção religiosa em Moçambique. E quando todas as nações coloniaes, lançavam mão das missões religiosas como elemento indispensavel de progresso e de proveito, obstinadamente, como se a lição de 1759 não bastasse, se decretou com obsecado liberalismo a extinção completa das ordens religiosas, e conseguintemente o sistematico afastamento desse poderoso elemento que tanto havia contribuido para a grandesa da Provincia de Moçambique.

Tal foi a falta dos missionarios na Zambezia, que segundo a tradição oral corrente em Quelimane, os reis de Barué que o nosso heroi João de Azevedo Coutinho, com o seu esforçado braço pacificou e sujeitou ao dominio portuguez, durante muito tempo, não podiam entrar no dominio efectivo do seu principado sem que fossem primeiro baptisados solenemente, e ainda quando depois de 1835 já não havia padres para os baptisar por ocasião da cerimonia da coroação, era o Capitão-mor de Sena que simulava o baptismo solene lançando agua na cabeça do eleito, está claro para satisfazer a crença do preto e não perder o prestigio do nome portuguez.

Não deixa de ser tambem muito interessante aquele outro facto passado em Angola com o ultimo grande explorador portuguez Silva Porto, o qual resgatava das mãos dos traficantes (certamente não portugueses) por altos preços os escravos que podia, afim de lhes dar a

religião cristã — e que tão seus amigos ficavam, que não mais o queriam largar. Formou para eles uma povoação, na sua povoa de Belmonte no Bihé, onde edificou uma capela instituindo uma escola e conseguindo um missionario para o culto e catequese dos indigenas. Um dia porem o missionario por doença teve de vir á Portugal; mas os pretos acostumados á terem missa pelo menos aos domingos, e igualmente os Sobas proximos, exigiram-lhe que continuasse a não lhes faltar missa, e elle viu-se obrigado, para contentar á todos, e não perder o prestigio, a simular que dizia missa, e isto durante alguns meses aos domingos, falta que em vista da intenção por certo lhe foi perdoada.

O que se decretou posteriormente, e mais as consequencias inesperadas desses decretos, que vieram atrasar a expansão das missões religiosas em Moçambique são conhecidas de todos, por serem dos nossos dias. E emquanto, que tão descaroavelmente eram tratados os nossos benemeritos missionarios, desembarcavam na Provincia de Moçambique, mais de 50 missionarios protestantes de diversas seitas e de differentes nacionalidades, como então noticiou com os devidos reparos, a Imprensa Portugueza de todos os matizes. A vasta Prelazia de Moçambique apesar de ser maior que todas as dioceses de Portugal e da India juntas e que se estende por mais de 15 graus desde o Cabo Delgado até terminar nas terras de Mapato ao sul de Lourenço Marques estendendo-se pelo vale do Zambeze até ao Zumbo; a mais de 300 leguas da costa com uma superficie total de mais de 1.000.000 de kilometros quadrados, não falando dos territorios que se estendiam do Tungue ao Guardafui, e ilhas visinhas, e primeiro que a soberania desses territorios tivesse passado ás mãos estranhas, tinha já passado a jurisdição

espiritual; ressentiu-se da falta desses trabalhadores da Vinha do Senhor.

Foi pouco mais ou menos por esse tempo, que despertou a grande curiosidade de outras nações em conhecerem a nossa rica provincia de Moçambique; e dahi essas explorações e missões, a partir de Dr. David Levingstone, Stanley e outros até a aparição de Cecil Jonh Rhodes, como fundador e dirigente de Chartered e inspirador do imperialismo na Africa do Sul, isto é, que as colonias e estados de Africa do Sul, se unam em uma federação sob o pavilhão inglez.

Todos conhecem a gigantesca obra deste homem extraordinario, á quem até não escapou a identificação historica das já referidas celebres ruinas de Zimbabué, na investigação das quaes alem da perseverança do seu genio, gastou milhares de libras.

Cecil Rhodes, o rei de Kimberley, como o chamavam, sentado no gabinete do trabalho de sua confortavel residencia «Groote-Schuur» onde delineava todas as suas superiores concepções, não se esquecia, que para a realização de tudo isso eram absolutamente indispensaveis as missões, como se pode verificar naquele seu discurso de 29 de Julho de 1899, ao inaugurar uma Igreja prebysteriana: «Todos nós temos ideaes, mas quando nos expatriamos, esses ideaes amplificam-se e sobretudo aqui, porque contemplamos essa montanha, que é a propria vastidão. Ali tenho a minha egreja. Parece-me a mim, que no alto dessa montanha nascem em nós sentimentos religiosos, porque são pensamentos sobre a elevação da humanidade, e é sem duvida uma religião, e da melhor especie; o trabalhar pela felicidade e pela melhoria dos seres humanos que nos cercam.»

E com relação á grande importancia que Cecil Rhodes, ligava á missão do Padre, conta o reverendo Isaç Shimmin,

o que elle lhe dissera uma vez: «Mr. Shimmin, o senhor não está aqui para fazer dinheiro, mas para produzir o mais que puder como padre. — Eu, por mim, tenho dinheiro bastante, mas quero gastal-o no melhor dos objectivos: quero civillisar este paiz,. quero transformar o interior d'Africa em uma colonia prospera onde possa estabelecer-se uma parte excessiva da população da Inglaterra». Desse autorisado depoimanto, infere-se, que sem as missões religiosas não podem prógredir as colonias, e precisamente, subordinando á esse fundamental principio a Inglaterra, a Allemanha, a Suissa, a America do Norte, aproveitando da nossa impolitica medida de extincção das ordens religiosas, e para ganharem influencia e comercio na provincia de Moçambique, mandaram para ali centenares de ministros protestantes. Alem do Clero anglicano oficial, Calvinistas, Lutheranos, Prebysterianos, Metodistas, Salvacionistás, emfim agentes de mil seitas de diversos paizes, ainda hoje vão para alli, fazer propaganda proveitosa só para elles. Extinctas as ordens religiosas a Prelazia de Moçambique passou a ser servída por um diminuto numero de missionarios do clero secular, o qual prestou e continua a prestar na medida do possivel, relevantes serviços, que não se podem nem se devem obliterar da memoria, porque só á esses missionarios e á elles só, que actualmente de mãos dadas com o clero regular franciscano, alli trabalham se deve a gloriosa continuação das nossas missões religiosas espalhadas como oasis, na provincia de Moçambique. Honra lhes sseja feita.

A vastissima Prelazia, aliás administrada pelos virtuosos Prelados, na excepcional conjunctura em que se encontrava em 1891 precisava de um prelado conhecedor de complicados assuntos africanos e sobretudo de um missionario apostólico.

Por uma coincidencia singular sobraçava a pasta do Ministerio da Marinha e Ultramar, o portuguez de talento invulgar, Antonio Ennes.

Esse homem que num lance de vista, sabia prevenir todas as hipoteses supervenientes, dessa pasta, que é a sintese de todas as pastas, exigindo do seu titular, conhementos quasi enciclopedicos isto é — que elle deve saber um pouco de tudo, e absolutamente tudo, desse pouco — incluiu no seu programa Ultramarino, o engradecimento de Moçambique com a persistente acção missionaria, e dahi quando vagou a Prelazia de Moçambique escolheu em menos de 24 horas o grande missionario Padre Barroso, que nos sertões da Africa havia feito a sua formatura, moldada toda no Evangelho, para prehencher essa vaga, sendo com o titulo de Bispo de Himeria, sagrado na Sé Patriarcal de Lisboa a 5 de Julho de 1891.

Encontrava-me eu por essa ocasião em Lisboa como missionario da historica diocese de S. Tomé de Meliapur, e ás ordens do meu venerando Prelado o Senhor D. Henrique José Reed da Silva, então dignissimo bispo dessa diocese e hoje bispo de Trajanopolis, o qual havia vindo á Lisboa tratar dos assuntos relativos á referida diocese de Meliapur, onde Sua Ex.ª deixou vestigios indeleveis de sua passagem, na construção da magestosa Cathedral gothica, erecta sobre a supultura do Apostolo S. Thomé.

O Senhor D. Antonio Barroso e o Senhor D. Henrique haviam sido condiscipulos, no antigo e benemerito Collegio das Missões Ultramarinas em Sernache do Bom Jardim, e mantinham relações amistosas, sucedendo por essa circunstancia, frequentemente avistar-me com o novo prelado de Moçambique. Como eu conhecesse de perto todas as fases porque haviam passado as missões da India, fases mais ou menos eguaes, porque tambem haviam passado as missões

de Moçambique, as nossas conversas quasi sempre incidiam sobre esse momentoso assumpto.

Apenas me recordo de que, em certo dia de Julho, a conversa recaiu determinadamente sobre a Prelazia de Moçambique, cuja historia eu conhecia apenas de ler, e dahi incidentalmente disse ao novo prelado, que não se esquecesse de incluir no programa que elle estava traçando a reivindicacão da monumental e antiga obra missionaria, Passados uns dias Sua Ex.ª com aquela bondade, caracteristica e propria d'elle, instou comigo, que eu o acompanhasse á Moçambique, para cooperar com elle nessa reinvidicação. Agradeci o obrigante convite, mas obtemperei que elle devia previamente entender-se com o meu Prelado.

O que entre elles passou, não sei, mas o que eu sei é que decorrido pouco tempo, Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Carlos, tendo em vista as informações oficiais dadas a meu respeito, pelo Reverendo Bispo de Himeria, Prelado de Moçambique, havia por bem, por decreto de 30 de Julho de 1891 nomear-me e apresentar-me paroco da freguezia de Nossa Senhora do Livramento da vila de Quelimane. Foi o meu primeiro passo no caminho de Moçambique.

Em 1 de Outubro do referido anno de 1891, embarquei no paquete Loanda da Mala Real Portugueza, com destino á Moçambique, onde no dia 24 do mesmo mez, na Capela do Paço Episcopal foi-me conferida pelo então Governador da Prelazia a colação e instituição canonica. Dois dias depois segui no Tungué, tambem da Mala Real, para Quelimane e no dia 1.º de Novembro, festa de todos os Santos, na presença dos parochianos, e de todas as auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, officialmente convidadas, pelo então governador do Districto, major Francisco Izi-

doro Gorjão de Moura tomei posse da sobredita Egreja. Em 20 de Março de 1892, desembarcava em Moçambique o Senhor D. Antonio Barroso, tomando imediatamente posse do governo da Prelazia, e dadas nos primeiros mezes as ordens necessarias para o bom andamento dos serviços eclesiasticos, afirmou praticamente as suas qualidades de missionario experimentado.

E não se contentando em governar a vastissima Prelazia, do seu paço Episcopal, entendeu como bom pastor que devia conhecer pessoalmente as suas ovelhas, e ser d'ellas conhecido, e expondo-se á toda a sorte de incomodos e inclemencias visitou todas as paroquias e missões alli existentes. E no meio de tantos e tão penosos trabalhos não se esqueceu de dotar a Prelazia com institutos de educação destacando-se dentre elles o Instituto Leão XIII na Cabaceira Grande, para a educação das creanças de sexo femenino.

Estava porém, no grande plano do bispo missionario, a restauração do antigo predominio das missões catholicas. Mas como restaurar esse predominio sem conhecer de vista a amplidão de vastos territorios, que foram os lugares de sua patriotica e religiosa actividade?

Territorios, nos quais aproveitando da nossa imprevidencia na extincção das ordens religiosas, se haviam installado, após uma persistente propaganda nas terras altas do Chire as ricas missões protestantes, que provocaram os acontecimentos de 1891?

Fazer planos com uma fundamentada argumentação é muito facil; mas dalli a pô-los em pratica vai uma enorme distancia. Jornadas de Africa, alem de todos os desconfortos da vida, intemperies do clima, e constantes perigos, são muito dispendiosas e como tais fazem entibiar aos mais audazes. E quando á essas difficuldades se juntam as

frequentes revoltas dos indigenas nem pensar nessas jornadas é licito.

E não obstante de toda esta soma de difficuldades o Bispo Barroso, encontrava uma solução viavel moldada no amor da Patria e no amor da religião, e que não tendo coisa alguma de espectaculosa, era para mais, a menos dispendiosa de todas as soluções deste genero. E assim dando a essa operosa jornada o colôrido de visita pastoral e levando em sua companhia para qualquer eventualidade inesperada da morte, apenas dois sacerdotes, isto é, a mim e ao meu distincto collega Padre Emilio Machado poz em pratica o seu desideratum.

No dia 29 de Junho de 1894, após a celebração da festa dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, realisada na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Livramento, da qual eu era paroco sahimos de Quelimane, e depois de termos percorrido em varias direcções, e durante quatro mezes a vasta Zambezia, estando em Massingiri, Chilomo, Tumbini, Milange, Mutarara, Sena, Tete, Boroma, Chicôa e Zumbo, continuamos a jornada, atravessando uma enorme região, quasi sempre debaixo de chuvas torrenciais para as terras altas do Chire até á região dos lagos, perto de Niassa, já nesse tempo debaixo da soberania ingleza, com o unico objectivo de afirmar, de uma maneira pratica e positiva ás chancelarias europeias que os missionarios portuguezes de hoje conheciam pela historia, onde ficavam essas afastadas regiões por onde ha mais de quatrocentos annos, haviam andado a pé os seus modelares predecessores deixando lá vestigios inapagaveis da sua passagem e do seu apostolado. Quando chegamos a margem direita do Chire, certamente pelas instruções do Alto Comissario inglez — High Comisioner — que por seu turno teria sido avisado da nossa visita pelo Governador Geral de Moçambique, lá

nos esperavam autoridades inglezas com dois escaleres para nos transportarem á margem esquerda. Uma vez no territorio inglez, com todas as comodidades de transportes sahimos de Thshicowawa, e passando por Blantyre fomos á Zomba onde com a mais obrigante distinção e cativante amabilidade recebeu-nos o Alto Comissario Sir Alfred Sharpe, dando-nos no seu magnifico Palacio durante cinco dias, a bizarra e confortavel hospitaiidade á ingleza, proporcionando-nos o ensejo de podermos visitar a florescente missão escoceza de Domasi, onde o Reverendo dr. Scott, mostrou-nos não só a Igreja ou templo onde se praticam as devoções, mas tambem as escolas, imprensa, lavandaria, sapataria, fornos de tijolos, e cal calcarea, carpintaria, escola de pedreiros, e casas para a educação das crianças de um e de outro sexo.

No regresso de Zomba estivemos no Blantyre trez dias hospedados em casa do chefe do distrito Mr. Mac-Master, e durante esses trez dias visitamos tudo quanto de importante alli havia, e que o genio inglez no curto espaço de 1874 a 1894, ou seja em 20 annos tinha produzido nessa terra. Alem de repartições publicas organisadas á maneira ingleza, com pessoal reduzido mas sabedor do seu oficio, e bem pago, visitámos os grandes e bem providos armazens da African Lakes Company, que podem rivalisar com os melhores da Europa e instalados numa enorme area, que se chama Mandala. Visitámos tambem, com o maior empenho, pois esse era o nosso fim, a séde da missão escoceza, donde irradiou a persistente infuencia nas terras altas do Chire, e fundada pelo grande explorador e filantropo missionario Reverendo Dr. David Levingstone, e que ao tempo era superiormente dirigida pelo referido Reverendo Dr. Scott. Certamente pela forma cuidadosa e rica como está montada a missão, é a primeira de toda a

Africa Central. O templo têm o aspecto de uma catedral bisantina, misturado de estilo gotico e mosarabico. Alem de escolas bem montadas e bem dirigidas, para a educação de rapazes e raparigas tem uma completa escola de artes e oficios. Estão publicados na imprensa da missão em linguas ou dialectos originarios dos paizes, nos quais estão espalhadas as missões, a biblia protestante e publica-se mensalmente para o conhecimento da Europa, e em inglez um jornal intitulado «Life and Work».

Atendendo aos maiores serviços que Levingstone prestou a essas terras dando até nomes inglezes de Victoria e Alberto a alguns lagos cafrealmente conhecidos por Nhansa, hoje Niassa, quizeram os seus admiradores de todas as categorias do Reino Unido da Grã-Bretanha dar a todas as terras altas do Chire, onde durante 25 annos elle havia trabalhado, o nome de Levingstonia mas elle recusou terminantemente essa honra, dizendo que tudo quanto havia feito, informando scientificamente a Europa á cerca das belezas e encantos dessas terras fôra em cumprimento do dever e nada mais.

Foi nessa ocasião que os seus admiradores e amigos se lembraram de dar a séde da missão escoceza nas terras altas do Chire, o nome de Blantyre, comemorando assim o lugar em que Levingstone tinha nascido na Escocia.

E' sabido de todos, que Dr. David Levingstone o fundador da Africa Central Ingleza após persistente exploração scientifica de 25 annos, alquebrado de forças morreu no dia 1.º de Maio de 1873, na margem direita do lago Banguewolo (Niassa).

As Sociedades Biblicas de Inglaterra, extranhando a não recepção da correspondencia de Levingstone durante mais de um anno, ficaram fortemente preocupadas, e puzeram á disposição de quem quizesse ir ás terras do Chire trazer

noticias do grande explorador, 14 mil libras esterlinas. Entre mais de duzentos pretendentes, foi preferido o explorador anglo-americano Mr. Henry M. Stanley. Quando Stanley, de Zanzibar, se dirigia á região dos lagos, após 8 dias de jornada, perto de N,Sanga encontrou os Makololos com o seu chefe á frente, conduzindo da distancia doutros 8 dias, e numa padiola o cadaver do Dr. Levingstone em putrefação, povilhado de sal e, segundo elles disseram, levariam aquelle cadaver até Zanzibar para entregarem aos brancos. E não admira, que assim succedesse, pois os Makololos tinham pelo Dr. Levingstone a maior consideraçao, baseada no bom tratamento, que delle haviam recebido; e d'ahi esse admiravel e derradeiro tributo de sentida homenagem. Stanley ficou pasmado diante daquella lugubre mas grandiosa scena, até ali não registada na historia de povo algum; isto é de os homens, por maior que fosse a sua dedicação pelo fallecido, andarem com um cadaver em putrefação depois de passados 8 dias. Sem perda de tempo, Stanley deu conta do caso ao Consul inglez em Zanzibar e o Consul por sua vez telegrafou ao Governo. A Grã-Bretanha considerou-se estar de luto e o Governo decretou as honras de um funeral nacional, dando aos restos mortaes de Levingstone a sepultura real na Westminster Abbey. Grande Nação que sabe agradecer a quem serve a Patria com lealdade e dedicação!

V

De regresso, dessa longa jornada de 4 mezes, chegámos em 29 de Outubro á Quelimane, sendo o senhor Bispo, recebido no caes de desembarque pelo Governador do Districto, Camara Municipal e mais auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, dirigindo-se todos á Egreja Matriz, onde em acção de graças foi cantado um solemne Te-Deum.

Apoz alguns dias de descanso na minha residencia parochial, durante os quaes formulou bazes para uma proficua acção missionaria, embarcou para Moçambique, entregando-se de novo á sua vida de insano trabalho.

Quando o Bispo, munido de todos os conhecimento praticos, adquiridos n'uma penosa jornada pelos sertões, se dispunha á modelar uma nova fase de progresso missionario, surgia o espectro da guerra d'Africa em 1895, pela revolta do poderoso Gungunhana, chefe dos Vatuas, parecendo perigar assim o dominio Portuguez n'uma imensa região africana, e a imprensa das colonias britanicas do Sul e do Transvaal, já lhe apregôava ruina certa e iminente.

Para debellar essa inssurreição triunfante, foi nomeado

em fins de 1894, Antonio Ennes com plenos poderes civis e militares, e com todas as attribuições e faculdades do poder executivo, Comissario Regio na Provincia de Moçambique, donde havia voltado no principio do dito anno á Metropole, depois de ter posto em pratica o novo Regimen dos Prazos da Corôa na Zambezia. No desempenho desse cargo Antonio Ennes sahiu de Lisboa a 8 de Dezembro de 1894, e a 10 de Janeiro de 1895, ás nove e meia da manhã, apóz o embarque para a Europa do então Governador Geral, o genaral Fernando de Magalhães, subia as escadarias do palacio de São Paulo o novo governador e Comissario Regio com plenos poderes discrecionarios. O Governo sabia o que dava e á quem dava — e Antonio Ennes pudendo usar desses poderes, como e quando quizesse, pois era, representante directo do poder executivo, houve por bem criar junto de si um organismo consultor composto de pessoas versadas nos complicados assuntos coloniaes, destacando-se d'entre essas pessoas, o então Capitão de Engenharia, Alfredo Augusto Freyre de Andrade, hoje General, e um dos nossos eminentes coliniaes, justamente considerado como tal na diplomacia mundial.

Nesta dificil conjunctura em que se encontrava a Provincia, o Bispo teve de adiar a realisação do seu plano, por ventura o mais completo. E no entretanto Antonio Ennes, valorisando a obra missionaria que o Prelado já havia realisado na fundação dos Institutos para a educação das creanças do sexo feminino sob a direcção das Irmãs Missionarias de S. José de Cluny, e na creação de novas missões de Santo Antonio de Macassane e de S. José de Hlangueni, arbitrou as necessarias dotações para se manterem.

E de facto estando as coisas neste pé, o Bispo ja muito doente, regressava á Metropole para retemperar a

saude alquebrada, entregando o governo da Prelaria ao seu secretario e distincto missionario padre Affonso Pereira, que infelizmente tambem depois de algum tempo por doença regressava á Portugal; e d'ahi em 20 de Maio de 1896 era eu nomeado, com toda a jurisdicção, poderes e faculdades tanto ordinarias, como extraordinarias para governar e administrar em todas as cousas, e casos, que se offerecessem a vastissima Prelazia dê Moçambique.

Essa inesperada nomeação captivou-me; mas assustou-me. Eu não havia solicitado, procurado, nem desejado este pesado jugo, e todavia, conhecendo muito bem, que simbolisava o outro eu, *Alter ego,* de Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Bispo de Himeria e como tal estava guindado á altura de primeira autoridade eclesiastica, que era um lugar de muita honra, fugiu-me a confiança, tive medo desse lugar, para desempenho do qual tinha aliás a carta branca do Prelado, dando-me pleno voto de confiança; e dahi em 21 de Maio, isto é, no mesmo dia em que tomei posse do lugar, escrevi ao Senhor D. Antonio Barroso, que então se encontrava em Portugal a segueinte carta:

Prelazia de Moçambique

21 de Maio de 1896.

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Himeria e meu Venerando Prelado — Cabe-me a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.cia que tomei hoje posse do cargo de Governador da Prelazia. Depois do que ficou combinado entre nós quando no regresso de nossa laboriosa

jornada pelo sertão, V. Ex.cia falou-me em Quelimane a cerca da emergencia que infelizmente, agora se deu, eu não contava assumir este cargo de tão pesada responsabilidade: mas acima das hesitações em ler o horoscopio de uma vida espinhosa está o mandado de V. Ex.cia, mandado ao qual eu tributo obidiencia inteira. Nada inovarei já porque estou aqui temporariamente, já porque brevemente V. Ex.cia saberá tomar as medidas que julgar convenientes. Não obstante isso, se no cumprimento do dever eu encontrar qualquer difficuldade inesperada, tomarei uma resolução extrema, mas sempre honrosa para V. Ex.cia e para mim.

Para ser respeitado é preciso ser respeitavel e isto depende do procedimento e não da tradição, e porisso empregarei todos meios ao meu alcance para conservar ileso e intacto o prestigio da Prelazia, cujo governo V. Ex.cia se dignou confiar ao meu cuidado. A autoridade é inseparavel da responsabilidade, e o poder assento no dever. O dever é uma disciplina puramente interior imposta pela razão e reconhecida pela consciencia; é uma disciplina da qual nada pode isentar-nos; porque não deriva de convenções, nem da vontade arbitraria. Ao dever deve obedecer-se só porque é dever: cumprir o dever por motivo alheio á lei do dever não e cumpri-lo; e dahi a ninguem mais do que a mim, cumpre ter bem presente, que o lugar que vou exercer, não é um simples exercicio commodo, mas sim um lugar á que estão ligadas obrigações impreteriveis das quais eu tenho toda a responsabilidade moral.

Creio ter com franquesa dito o que sinto, e se assim o não fizesse teria falseado o meu dever, o que não posso nem devo fazer. No dever não há atalhos, a estrada real é a legalidade. Seguirei pois o caminho, que

tenha por diretriz a verdade e a justiça, velando, orando, persistindo na fé e fazendo tudo com caridade, e fa-lo-hei com essa serenidade de animo, que é triste apanagio de quem como eu, não tendo outra ambição, mais do que seguir o dever, onde, como e quando fôr necessario, só aspira estar bem com a sua consciencia e não descer do nivel da estima dos seus superiores.

Que mais eu poderia dizer a V. Ex.cia para justificar, que estou aqui só por obediencia? Com a mais elevada consideração, tenho a honra de me confessar de V. Ex.cia admirador e obg.mo servo em Jesus Cristo.

Conego Gustavo Couto

Expedida a carta supra, e sem ainda ter dado qualquer despacho do expediente fui falar ao Mousinho d'Abuquerque, que então exercia com grande prestigio o elevado cargo de Comissario Regio na Provincia de Moçambique. É dos nossos tempos essa figura de maior relevo, senão a maior das nossas campanhas de Africa.

Nunca a palavra heroe aureolada de audacia teve uma expressão tão exacta como em Mousinho. Ele foi o derradeiro sonho da cavalaria andante desafiando o perigo, vencendo a morte. Coolela e Chaimite são duas victorias fantasticas, extraordinarias e admiraveis. Lembram-se todos ainda, quando ele com cincoenta e tres militares prendeu em Chaimite o poderoso e aguerrido Gungunhana, que protegido por milhares de Vatuas parecia intangivel.

Mousinho recebeu-me no seu gabinete de trabalho, e eu sem rodeios e sinteticamente lhe disse, que muito contra a minha vontade, e só por obediencia tinha aceito o governo da Prelazia, e que não pretendendo inovar cousa

alguma, queria conservar intacto o grande deposito confiado á minha guarda, e como isto dependia de harmonia entre o poder civil e o poder ecclesiastico, essa harmonia lhe vinha solicitar.

Mouzinho fixou-me com o virtuoso olhar de um grande homem, e depois de trocar comigo algumas impressões sobre a generalidade do assumpto disse-me: «Vae descançado, querendo Deus tudo se hade fazer» . . .

Despedi-me e sahi do palacio de S. Paulo, levando comigo a grata impressão, de que mais uma vez o *Imperio* e o *Sacerdocio* caminhariam para a frente e de mãos dadas — e caminharam, pois durante dois annos, que estive governando e administrando a Prelazia, reinou entre o Estado e a Egreja, a mais completa harmonia. Deus quiz e Mouzinho como Comissario Regio, e todos os altos funcionarios, que nesse tempo transitaram pela provincia de Moçambique, distinguindo-se d'entre eles, pelo seu superior criterio e predicados de alto alcance patriotico e religioso, o então secretario geral do comissariado regio, Dr. Balthazar Freyre Cabral, fizeram tudo, e manda a justiça que o diga, absolutamente tudo, em favor da benemerita acção religiosa nos dominios da Africa Oriental Portugueza.

Nem outra cousa era de esperar da alma fundamentalmente cristã do Mouzinho. Ainda não estão obliterados os ecos daquele modelar exemplo, que Mouzinho, acompanhado de seus valentes companheiros João de Azevedo Coutinho, Ayres de Ornelas, Eduardo da Costa, Vieira da Rocha, Gomes da Costa, Massano d'Amorim, Conde da Ponte, Dr. Serrão João de Mascarenhas Gaivão, Batista Coelho, Vellez d'Andrade. D. Miguel d'Alarcão e tantos e tantos outros cujos nomes de momento não me ocorrem, e pelo que lhes peço me relevem, deixou de sua profunda crença em Natule, assistindo com a maior edificação na

improvisada Basilica que tinha por nave a amplidão do sertão, por colunas os inexpugnaveis peitos de intrepidos capitãis e destemidos soldados, e por alterosa cupula a abobada celeste, ao Santo Sacrificio da Missa, vulgarmente chamada Missa Campal, que eu tive a suprema honra de celebrar, pedindo ao Deus dos exercitos a merecida victoria, na vespera da batalha, que Mouzinho deu contra os aguerridos Namaraes, sectarios de Maohmet, batalha na qual Mouzinho viu por assim dizer cairem ao seu lado mil, e dez mil á direita, mas sem se aproximarem dele. «*Cadeni á lattere tuo mille, et decem millia á dextris tuis: ad te autem nan apropinquabit.* Psalm. 90, V. 7.º, firmando assim com mais este assinalado serviço a pedra angular em que se assenta hoje o imperio Portuguez na Provincia de Moçambique.

Quando chegou a notificação official da victoria eu celebrei na Egreja Matriz de Moçambique a Santa Missa em acção de graças. Entre a numerosa assistencia via-se na tribuna do Comissariado Regio, com os olhos erguidos ao céu, e evidentemente resumindo n'uma prece as santas alegrias que lhe alvoroçavam a alma, uma Senhora, a personificação da mulher forte do Evangelho — Era a Ex.ma Dona Maria José de Mascarenhas Gaivão esposa de Mouzinho de Albuquerque.

Mouzinho, marcando o inicio de uma era de progressivo desenvolvimento de Africa Oriental Portugueza, pelo emprego de providencias acertadas e sobretudo perseverantes, demonstrou possuir excepcionaes conhecimentos da integra administração publica; porem quando pressentiu, que a ingratidão dos homens, conjugada com a mofina inveja, e enervante politica o queria apear do elevado cargo, que com tanto prestigio exercia, demittiu-se com a nobre altivez do seu genio, escrevendo antes disto, e cer-

tamente para deixar dito, que o pedestal deve sempre ser honrado pelo heroe, e não o heroe pelo pedestal, o seguinte lapidar conceito: «É fora de duvida, que Moçambique, Angola, o Ultramar todo, não se salvará senão fôr bem governado com energia, seriedade e verdadade, porque o maior defeito da nossa administração, de toda a nossa politica, é não ser verdadeira, seria e leal.»

E quem sabe se o Mouzinho paraphraseando toda a alta significação daquellas ultimas palavras do Grande Albuquerque, porventura e semelhantemente teria dito — Quanto as cousas da Provincia de Moçambique, ellas fallarão por si e por mim?

O Livro severo da historia proclama e atesta exuberantemente, que em todas as paragens, que os nossos audazes navegadores iam marcando na carta do globo, e os nossos valorosos capitães iam sujeitando ao dominio portuguez, iam tambem os nossos zelosos missionarios espargindo nellas a clara luz do Evangelho — Á todas essas regiões incognitas, com o soldado aguerrido, ia o sacerdote intrepido, demonstrando assim, que a religião e o patriotismo, não se excluem, não collidem, não são sentimentos antinomicos: antes pelo contrario harmonizam-se, cazam-se, completam-se.

Desses fastos homericos — obra da Espada e da Cruz — restam-nos ainda dispersos pelo mundo muitas paginas brilhantes, que são titulos authenticos de valiosissima herança — as colonias.

De nossa antiga gloria e poderio, pouco é o que resta; mas pouco se o compararmos, com o muito, que já tivemos, ainda muito se o compararmos com o que tem a maior parte de outras nações. E com tudo não ha uma unica consideração, uma só, que não chame mui particularmente os nossos maiores cuidados para o Ultramar; porque d'alli

nos vieram os meios com que nos collocamos ao lado das Nações de 1.ª ordem, tanto pela riqueza, como pela força naval e terrestre, e é d'alli unicamente que nos poderão vir mais; *a gratidão*, porque não devemos abandonar quem tão valiosos auxilios prestou á Mãe Patria em quanto esta os pediu e procurou; e está prompto a prestal-os eguaes, e até maiores; porque á essas possessões devemos ainda o sermos considerados uma potencia, com uma area, que abrange cerca de 2.100.000 kilometros quadrados, e com uma população de 10 milhões.

Para a conservação dessas possessões é mister que na esteira do soldado parta o missionario, é mister, que após os representantes do exercito portuguez, marchem os representantes do exercito de Jezus Christo.

Para manter inviolados e fazer respeitar pelas outras potencias os nossos direitos historicos sobre a possessões de alem-mar, é necessário civilisal-as. E nenhum obreiro da verdadeira civilisação é mais adequado do que o missionario catholico.

Conseguintemente é pelas missões catholicas — dil-o-hei com toda a sinceridade é pelas missões catholicas bem organisadas, que mais facil e perduravelmente poderemos sustentar, engrandecer, e prosperar os nossos dominios ultramarinos, principalmente em Africa, onde possuimos vastissimos e feracissimos territorios, tanto mais apreciaveis, quanto mais cubiçados pelo insaciavel apetite de poderosos rivaes.

Para que a maledicencia, nos não ache desprevenidos, convirá, que volvendo na imaginação e no pensamento os varios accidentes, que podem vir a occorrer. formemos de antemão, um plano, um systhema, não theorico e no papel como tantos outros, mas pratico e duradouro. sobre o modo porque devemos portar-nos na presença do conflicto

— se não queremos, que os nossos dominios, que ainda no Ultramar nos restam, sigam o caminho, que os outros levaram. É portanto o caso de dizermos com o Epico:

Accude, e corre Pae; que se não corres
Pode ser que não aches quem soccorres.

Assim o prudente general, ignorando porque pontos, e com que força será agredido, medita no retiro da sua tenda o que deverá praticar, para transtornar as manobras do inimigo. Se em lugar disso, elle reserva todos os seus cuidados e toda a sua estrategia para o momento da acção, pagará talvez com o dezar da derrota as faltas da imprevidencia.

Todos nós estamos presentindo, que qualquer cousa de desagradavel paira sobre os nossos dominios ultramarinos, e por igual, sabemos tambem, que todos os portuguezes, abraçados á salutar divisa «*Cor unum et anima una*» estam dispostos, com energia patriotica, fazerem a justa defesa do seu grande patrimonio confiado á guarda do forte braço dos seus capitães, e da vigilante evangelisação dos seus missionarios, por se convencerem de que toda a diligencia e industria humana é inutil em qualquer empresa, se não fôr acompanhada da benção de Deus, e bem disse o Psalmista:

«Se o Senhor não edificar a casa, em vão se tem pôsto ao trabalho, os que a edificam.» *Nisi Dominus aedificaverit domum in vanum laboraverunt qui aedificant eam.* Psalm. 126, v. 1.

A sociedade contra todas as suas previsões assiste muitas vezes ao desenrolar das epocas anormaes, de um geral transtorno de ideias, durante as quais o frenesi revolucionario faz cometer todo o genero de horrores. Então

aparecem ateus, mas nenhum desses ateus, merece o nome de sabio ou de filosofo. Alguns não são ateus e fingem se-lo. Quando é moda ser religioso, não falta quem o afecte ser; e quando o ser ateu é moda, não falta quem, não o sendo se faça passar por ateu. Robispierre um dos tres corifeus da revolução francesa de 1789, era excepção desta regra; declarou-se ateu, quando toda a França era religiosa, e religioso quando o Governo se fez ateu.

A verdadeira religião ensina-se e propaga-se pela palavra e principalmente pelo exemplo, e autoridades consumadas na administração colonial dos tempos idos, e tambem dos nossos dias tanto estrangeiras como nacionais, entre os quaes avultam os nomes dos nossos illustres coloniaes Dr. Brito Camacho, Coronel Pedro Alvares, Capitão Tenente Ernesto de Vilhena, major Fernando Utra Machado, Dr. Jayme de Moraes, major João Tamagnini Barbosa, Dr. Antonio de Aguiar, Dr. Armando Cortezão e muitos e muitos outros são, sem discrepancia concordes, que essa civilisadora e pacificadora acção só pode e deve ser exercida pelas missões religiosas não pudendo nem devendo, governo algum prescindir desse poderoso e menos dispendioso elemento na conservação e civilisação das colonias.

E como prova desta proposição affirmativa, ahi fica o auctorisado depoimento do nosso illustre e sabedôr colonial Ernesto de Vilhena, extrahido do Livro dos visitantes da Missão de S. Luiz Gonzaga do Malatane em Angoxe, provincia de Moçambique: «Sempre advoguei a conservação e multiplicação das missões religiosas portuguezas catholicas, como um dos mais eficazes instrumentos da grandiosa obra da occupação do nosso territorio africano e da civilização —bem compreendido — dos seus indigenas. A missão de Malatane com as suas edificações, as suas amplas culturas e officinas, tudo creado e regido pela incontestavel

competencia e força moral dos seus Padres, é mais um exemplo, que poderei apresentar em defeza das minhas ideias.

Faço votos para que o problema das missões, que eu não tive tempo para resolver durante a minha curta gerencia, da pasta das colonias, o seja em breve, sem preconceitos da politica partidaria, sem a preocupação de doutrinas inaplicaveis ás condições especiaes do ultramar portuguez —Malatane, 13 de Julho de 1919—Ernesto de Vilhena. Capitão Tenente da Marinha.»

Vê-se daqui, que para o engrandecimento do nosso imperio Ultramarino, são absolutamente necessarias as missões catholicas.

E tanto isto é verdade, que as grandes nações coloniaes se utilisam das missões catholicas, por serem os unicos e poderosos elementos de civilisação e christianisação.

E só assim se explica, que em quanto, na nossa vastissima provincia de Moçambique, temos apenas uma *Prelazia Nullius*, existem em volta dessa Provincia, 2 Bispados, 32 Vicariatos Apostolicos e 7 Prefeituras Apostolicas, distribuidas pela seguinte forma: Nas antigas colonias allemãs, 9 Vicariatos Apostolicos: assaber: em Bagamoio — Camerun — Dar-es-Salam — Kilima-Njaro Kivu — Tanganika — Togo — Unianembé — e Victoria Nyanza Meridional e 4 Prefeituras Apostolicas: assaber em Andamanua — Cimbebasia inferior — Lindi — e Namaqualand Grande.

Nas colonias inglezas, 2 Bispados assaber em Porto Luis — e Porto Victoria — 23, Vicariatos Apostolicos: assaber em Bangueolo — Bar el Ghazal — Basutoland — Cabo de Boa Esparança Occidental — Cabo de Boa Esperança Oriental — Costa de Benin — Costa d'Ouro — Fiume Orange — Henia — Kartum — Kim-berley — Natal — Nigeria Meridional — Nigeria Occidental — Nigeria Oriental —

Nilo Superior — Nyassa — Shiré — Serra Leôa — Transvaal — Uganda — Victoria Nianza — e Zanzibar — 3 Prefeituras Apostolicas: assaber em Cabo de Boa Esperança Central — Transvaal Septentional e Zambese.

Conclue-se de tudo isto, que é necessario, é urgente cumprir os deveres, que andam ligados á grande honra de sermos ainda uma Nação Colonial, que pelo seu poder imcomparavel de assimilação, foi capaz de submetter muitos povos, demonstrando assim de uma maneira pratica, que a victoria do forte sobre o fraco, não é outra cousa, senão um compromisso de honra, que representa simultaneamente uma grande responsabilidade e um oneroso encargo, «*Honor Onus*».

É inadiavel portanto desempenharmo-nos dos encargos, que oneram esse avito e sagrado patrimonio, diffundindo n'elle e profusamente as missões religiosas portuguezas catholicas.

Não ha duvida, que tem havido e ainda hoje as há, muitas missões nas nossas colonias; mas nem todas essas missões, que impropriamente se chamam missões, são religiosas, e muito menos portuguezas, contribuindo á sombra dos tratados, e da nossa generosa hospitalidade para desnacionalisar os indigenas das nossas colonias, e depois provocar conflictos internacionaes, tão nossos conhecidos.

Em vista disto e falando portuguezmente aos portugueses de lei, eu venho reclamar justiça para as nossas missões catholicas Ultramarinas e não implorar misericordia, pois implorar misericordia para a virtude, seria insultar a virtude. A justiça foi sempre o iris depois da tempestade, e tambem uma divida dos Governos, seja qual fôr a sua forma ou a sua natureza; e d'ahi sorri-me a esperança de que estas verdades serão comprehendidas, e estas aspira-

ções realisadas pelos governantes á quem compete zelar o decoro, e promover os interesses da Nação Portugueza.

N'um tempo em que se lê menos para instrucção, que por simples diversão, considerei do meu dever, que tratando-se de um assunto de alto interesse patriotico, devia amenisal-o, fundamentando na dialectica dos factos para chamar sobre esse assunto a atenção de todos os portugueses.

Cumprindo o Mandado do Senhor que disse: «Dai á Cesar, o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus» eu dei o seu ao seu dono, ou como melhor diria João de Barros «o seu cujo é».

Nas circunstancias graves, nas conjuncturas dificeis, o homem algumas vezes hesita, e não sabe que partido deva tomar, ainda que nisso tenha pensado antes. A reflexão o agita, o atormenta, e não o esclarece. Mas se elle então eleva o seu coração ao Céu; se ferverosamente pede á Deus que o illumine, a luz que lhe faltava vem em seu auxilio, e toda a sua irresolução desaparece.

De tudo quanto ficou exposto infere-se logicamente o corolario seguinte: Que o primeiro dever do cidadão é o amar a Patria. Afeição imortal, que como a da familia não carece de ser ensinada, porque foi gravada por Deus no fundo do nosso coração: e dahi não pode haver povo sem Deus, não pode haver sociedade sem religião, não pode haver estirpe sem culto. Deus é a alma da Patria e não pode haver verdadeiro amor da Patria sem o amor de Deus.

Tenho dito.

BIBLIOGRAFIA

SÃO FRANCISCO XAVIER — Carta original em que dá conta ao Padre Ignacio Martins da morte do Viso-Rey Dom João de Castro, datada de Gôa 28 de Outubro de 1548.

FR. HEITOR PINTO — Imagem da Vida Christã. Lugduni, 1561.

DAMIÃO DE GOIS — Chronica d'el Rey D. Manuel. Lisboa, 1566.

JOÃO DE ENDEN — Primeiro Concilio Provincial celebrado em Gôa, no anno de 1567, por D. Jorge Themudo, Arcebispo Primaz e publicado em Gôa, 1568.

FRANCISCO DE ANDRADA — O primeiro cerco, que turcos puzeram a fortaleza de Diu nos portos da India. Coimbra, 1589.

DOM FR. AMADOR ARRAES — Dialogos — Lisboa, 1589.

PADRE GIOVAN PIETRO MAFFEI — Le Historie delle Indie Orientali — tradotte da latino in lingua toscana — Firenze, 1589.

FILLIPO PIGAFETA — Relacione del realme de Congo, 1591.

PADRE JOÃO DE LUCENA — Historia da Vida de S. Francisco Xavier. Lisboa, 1600.

FR. ANTONIO DE GOUVEIA — Jornada do Arcebispo de Gôa D. Frey Aleixo de Menezes — Coimbra, 1603.

FR. JOÃO DOS SANTOS — Etyopia Oriental — 1608.

JOÃO DE BARROS — Decadas da Asia — Edição de 1613.

FERNAM MENDES PINTO — Peregrinação. Lisboa, 1614.

Antonio Pinto Pereira — Historia da India, no tempo em que a governou D. Luis de Athaide. Coimbra, 1616.
Pietro Della Valle — Viagi. Roma, 1623.
Padre Antonio de Andrade — Novo Descobrimento do Grande Cathayo. Lisboa 1626.
Fernam Lopes — Chronista do seculo xv — 1644.
Jacinto Freyre de Andrada — Vida de D. João de Castro. Lisboa, 1651.
Vicente de Santa Catharina — Viagio alle Indie Orientali. Roma, 1673.
Manuel de Faria e Sousa — Europa, Asia e Africas Portuguesas — Lisboa, 1675.
Padre Athanazio Kircher, S. J. — Sina Illustrata — Waesberge, 1675.
J. B. Tavernier — Les Voyages en Perse, et aux Indes, recontés par lui même. Paris, 1679.
Fr. Vicenzo Maria — Il Viaggio alle Indie Orientali del Padre Fr. da Santa Catharina de Sienna — Venetia, 1683.
Padre Antonio Vieira — Xavier Dormindo e Xavier Acordado. Lisboa, 1694.
Fr. Antonio da Conceição — Tratado dos Rios de Quama. 1696.
François Catrou — Histoire Général de l'Impere du Mogol — 1708.
Padre Francisco de Souza — Oriente Conquistado á Jezus Christo, pelos Padres da Companhia de Jezus. 2 volumes — Lisboa, 1710.
Fernam Pereira de Brito — Historia do Nascimento, Vida e Martyrio do Veneravel Padre João de Brito. Lisboa, 1722.
La Crose — Hist. Christ. Ind. — 1724.
Antonio Galvão — Tratado dos Descobrimentos antigos e modernos — Lisboa, 1731.
João Facundo Raulin — HistoriaE cclesiæ Malabaricæ cum Diamperitana Synodo — Romæ, 1745.
Diogo de Couto — Decadas da Asia, IV-XII — 1748.
Diogo do Rosario — Flos Sanctorum. Lisboa, 1767.
Abbé W. T. Raynal — Histoire Philosophique et Politique des Establissements des Europeens dans les deux Indes. Paris, 1770.

François Joseph Lafiteau — Histoire des Decouvertes et Conquetes des Portugais dans le noveaux monde 1775.

Francisco de Sa de Menezes — Malaca Conquistada. Lisboa, 1779.

Fernam Lopes Castanheda — Historia da India, seu descobrimento, e conquista pelos Portuguezes — 1797-98.

James Haugh — The History of Christranity in India — London, 1839.

Gaspár Corrêa — Lendas da India — 1846.

Le Baron Henrion — Histoire Général des Missons Catholiques depuis de XIII siède jusq'a nos jours. 1846-47.

Fr. Francisco de S. Luis — Viagens, Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes desde o principio do seculo XV. 1848.

Simon Cass Chitti — Life of the Venerable Father Joseph Vas, Apostle of Ceylon, 1848,

José Maria de Sousa Monteiro — Dicionario Geographico das Provincias e Possessões Portuguezas no Ultramar — Lisboa, 1850.

Dr. David Livingstone — Missionary Travels in South Africa. London, 1857,

Concordata de 21 de Fevereiro de 1857.

Francisco Payrard de Laval — Viagem ás Indias Orientaes — Tradusida por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara — Nova-Gôa, 1858.

Abbé Diniz L. Contineau de Kloguen — Bosquejo Historico de Gôa — Tradusido por Miguel Vicente de Abreu — Nova-Gôa, 1858.

Innocencio Francisco da Silva — Dicionario Bibliographico, Lisboa, 1859.

Fillipe Neri Xavier — Resumo Historico da maravilhosa Vida de São Francisco Xavier — Nova-Gôa 1861.

W. Marsal — Christian Missions, 1863.

Jacinto Caetano Barreto Miranda — Quadros Historicos de Gôa — 1863-65.

Dr. David Livingstone — Narrative, of an Expedition to the Zambezi and its Tributaries — London. 1865.

Francisco Luis Gomes — Os Brahamanes — Lisboa, 1866.

FR. LUCAS DE SANTA CATHARINA — Historia de São Domingos — 3.ª Edição. Lisboa, 1866.

REVUE de Cours Litteraires, Quartieme partie. N.os 44-49 — Paris, 1866.

ALEXANDRE HERCULANO — Meditações de Jesus — Lisboa, 1866.

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA — Archivo Portuguez Oriental e Inscripções de Diu — Nova-Gôa, 1868.

LEVI MARIA JORDAM — Bullarium Patronatus Portugaliæ in Ecclesiis Africæ, Asiæ, atque Oceaniæ — Olysipone. Typ. Nat.li, 1868.

JOS CHAPMAN — Travells in the interior of south Africa — London, 1868.

D. ANTONIO DA COSTA — O Christianismo e o Progresso — Lisboa, 1868.

HENRY M. STANLEY — Through the Dark Continent — London 1869-73.

THOMAZ RIBEIRO — Jornadas. — Coimbra, 1873.

VISCONDE DE PAIVA MANSO — Bullarium Patronatus. Continuação — Lisboa, 1873-74.

PEDRO GASTÃO MESNIER — O Japão — Estudos e Impressões de viagem — Macau, 1874.

HENRY JULE — The Book of Ser Marco Polo. 2 volumes — London, 1875.

EDWARD SEVARBRECK HALL — Who translated the Bible, or Biblical Memoranda — London, 1875.

DR. J. GERSON DA CUNHA — Concany language and Litterature — Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein — Bombay, 1876.

ANTONIO BOCARRO — Decada 13 da Historia da India, publicada pela Academia Real das Sciencias, 1876.

ALFREDO AUGUSTO CALDAS XAVIER — Provincia de Moçambique. In Bol. S. G. L., II. Lisboa, 1877.

J. A. ISMAEL GRACIAS — Imprensa em Gôa nos seculos XVI, XVII, e XVIII. — Nova-Gôa, 1880.

RAYMUNDO ANTONIO DE BULHAO PATO — Documentos remettidos da India. Livro dos Monções desde 1605-1610, publicados de ordem da Academia das Sciencias de Lisboa — Lssboa, 1880.

François Lenormant — Histoire Ancienne de l'Orient — Paris, 1881.
Serpa Pinto — Como eu atravessei Africa — Lisboa, 1881.
D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos — Obras — Porto, 1881.
Padre Monclarcs S. J. — Relação da Viagem que fizeram os Padres da Companhia de Jesus na conquista do Monomotapa no anno de 1562 — Codice da Biblioteca Nacional de Paris — publicada pela Sociedade de Geographia de Lisboa — serie IV — 1883.
Mgr. F. R. Laouenan — Du Brahmanisme et de ses rapports avec le judaisme et le christianisme. 2 vol. — Pondechery, 1884-1885.
John Buchanan — The Shire Highlauds — Edinburg, 1885.
Conde de Ficalho — Garcia da Orta e o seu tempo — Lisboa, 1886.
Instituiçao da Hierarchia Ecclesiastica na India e a Concordata de 23 de Junho de 1886.
A. Lopes Mendes — A India Portugueza. 2 vol. — Lisboa, 1886.
Cazimiro Christovam da Nazareth — Mitras Luzitanas no Oriente, 1887,
George W. Forrest, B. A. — Selections from the letters, despatches and others State Papers, preserved in the Bombay Secretariat. Bombay, 1887.
Frederico Diniz d'Ayalla — Gôa Antiga e Moderna — Lisboa, 1888.
Mgr. Zaleschy — Voyage a Ceylon et aux Indes — Roma, 1888.
Lord Macaulay — The History of England. — London, 1889.
Francisco Gomes de Amorim — Os Lusiadas de Luiz de Camões — Lisboa, 1889.
Padre Caetano Francisco de Sousa — Instituições Portuguezas de Educação e Instrução no Oriente. Bombaim, 1890.
Nyassaland, Great Britains Case, against Portugal — London, 1890.
J. P. Mansel Weale — The Truth about the Portuguese in Africa — London, 1891.
Padre Victor José Courtois — Notes Chronologiques, sur les anciennes missions Catholiques, an Zambeze, 1891.

CHRISTOVAM PINTO — O Antigo Imperialismo Portuguez e as leis modernas do governo colonial — In Bol. S. G. L., XX — Lisboa, 1893.

ANTONIO ENNES — A guerra d'Africa — Memorias — Lisboa, 1895.

PHILOTHEIO PEREIRA DE ANDRADE — Padre André Gomes — Gòa, 1897.

WENCESLAU DE MORAIS — Dai Nippon — Lisboa, 1897.

PIERRE LOTI — L'Inde (sans les anglais) 49.ª edi. — Paris, 1900.

J. P. OLIVEIRA MARTINS — Portugal nos mares. 2.ª ed. — Lisboa, 1902.

JOÃO DE AZEVEDO COUTINHO — A Campanha do Barué em 1902 — Lisboa, 1904.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO — O Marquez de Pombal — Lisboa 1905.

CHRISTOVAM AYRES — Fernam Mendes Pinto. O Japão — Lisboa, 1906.

J. B. AMANCIO GRACIAS — Subsidios para a historia economica-financeira da India Portugueza — Nova-Gôa, 1909.

ERNESTO JARDIM DE VILHENA — Questões Coloniaes, Discursos e Artigos — Lisboa, 1910-11.

MGR. SEBASTIAO RODOLPHO DALGADO — Glossario Luso-Asiatico. Coimbra Imprensa da Universidade, 1919.

MENEZES BRAGANÇA — A Educação e o Ensino na India Portugueza - Nova-Gôa. Imprensa Nacional, 1922.

ROQUE CORREIA AFONSO — A Evolução do Municipalismo na India Portugueza — Nova Gôa. Imprensa Nacional, 1923.

ANNUARIO Pontificio — 1924.

C. WESSELS — Early Jesuit Travellers in Central Asia — 1924.

T. AQUINO EDITIONS — Programme for the Holy Year — Rome, 1925.

ANNAES da Propagação da Fé — 1925.

SUMMARIO

ACABOU DE IMPRIMIR-SE EM 20 DE OUTUBRO DE 1926, NA IMP. LIBANIO DA SILVA, T. DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

ERRATAS

Paginas	*Linhas*	*Onde se lê*	*Leia-se*
9	15	lhe	lhes
12	7	peoneiros	pioneiros
30	29	Extraordidario	Extraordinario
52	13	aereopagos	areopagos
63	19	sperari	speravi
63	32	honorisavam	harmonisavam
64	24	Erancisco	Francisco
66	11	Soborna	Sorbona
68	18	ou sejam dois anos	ou sejam cento e dois annos
72	22	apropriando	apropriado
74	24	feleceu	faleceu
81	23	armndas	armadas
87	7	uo	no
92	32	entrava	entravam
96	27	revelantes	relevantes
99	6	spern	spem
107	28	sseja	seja
108	25	supultura	sepultura
115	12	conhecimento	conhecimentos
115	15	1895	1894
117	1	Prelaria	Prelazia
118	19	assento	assenta
121	10	cadeni	cadent

A bondade dos leitores supprirá as outras faltas.